UC-NRLF
$B 322 533

Digitized by Google

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

BINDING
REP. DEP.

ANTÓNIO SARDINHA

# À LAREIRA DE CASTELA

Digitized by Google

Digitized by Google

EX-LIBRIS

Digitized by Google

# EDIÇÕES GAMA

## *SÉRIE A* — Política

1 — *Ao princípio era o Verbo* — António Sardinha, 2.ª edição, 1941 (esgotado).
2 — *Cartas a um céptico sôbre as formas de Govêrno* — José Maria Pemán, 1941.
3 — *Sob o Pendão Real* — Luís de Almeida Braga, 1942 (esgotado).
4 — *Na Feira dos Mitos* — António Sardinha, 2.ª edição, 1942.
5 — *Monarquia* — Sir Charles Petrie, 1942 (a sair).
6 — *Glossário dos Tempos* — António Sardinha.

A SEGUIR :

*Pela Dedução à Monarquia* — José Pequito Rebello, 2.ª edição, actualizada.
*Estrada Real* — Fernando Amado.
*O Integralismo Lusitano* — Leão Ramos Ascensão.

Digitized by Google

# À LAREIRA DE CASTELA

Digitized by Google

# OBRAS DE ANTÓNIO SARDINHA

## POESIA

*Tronco Reverdecido* — 1906-1908 (Lisboa), esgotado.
*A Epopeia da Planície* — Poemas da Terra e do Sangue (Coimbra, 1915), esgotado.
*Quando as nascentes despertam...* — Poemas da Turbação & da Boa Estrêla (Lisboa, 1921), esgotado.
*Na Côrte da Saüdade* — Sonetos de Toledo (Coimbra, 1922.
*Chuva da Tarde* — Sonetos de Amor (Coimbra, 1923).
*Era uma vez um menino...* — Elegias (Lisboa, 1926), esgotado.
*Roubo de Europa* — Poema (Lisboa, 1931).
«*Pequena Casa Lusitana*» — Sonetos (Pôrto, 1937), esgotado.

A PUBLICAR:

*Procissão de Cinzas & Outros Poemas.*

## HISTÓRIA NACIONAL, FILOSOFIA POLÍTICA E CRÍTICA DAS IDÉIAS

*O Valor da Raça* — Introdução a uma Campanha Nacional (Lisboa, 1915), esgotado.
*Ao Princípio era o Verbo* — Ensaios & Estudos (Lisboa, 1924). 2.ª edição (Lisboa, 1940), esgotado.
*Ao ritmo da Ampulheta* — Crítica & Doutrina (Coimbra, 1925).
*A Teoria das Côrtes Gerais* — Prefácio à *História e Teoria das Côrtes Gerais* do 2.º Visconde de Santarém (Lisboa, 1925).
*Na Feira dos Mitos* — Idéias & Factos (Lisboa, 1926). 2.ª edição (Lisboa, 1942).
*À sombra dos Pórticos* — Novos ensaios (Lisboa, 1927), esgotado.
*Durante a Fogueira* — Páginas da Guerra (Lisboa, 1927).
*Purgatório das Idéias* — Ensaios de crítica (Lisboa, 1929), esgotado.
*Da hera nas colunas* — Novos Estudos (Coimbra, 1929).
*De Vita et Moribus* — Casos & Almas (Lisboa, 1931), esgotado.
«*A prol do comum...*» — Doutrina & História (Lisboa, 1937).
*Processo dum Rei* — (Pôrto, 1937), esgotado.
*Glossário dos Tempos* — (Lisboa, 1942).

A PUBLICAR:

*Seara da Esperança.*
*Correspondência.*

## ESTUDOS PENINSULARES

*A Questão Ibérica* — (De colaboração) — O Território e a Raça (Lisboa, 1916), esgotado.
*A Aliança Peninsular* — Antecedentes & Possibilidades — Prefácio de D. Gabriel Maura Gamazo, Conde de la Mortera (Pôrto, 1924). 2.ª edição (Pôrto, 1930), esgotado.
*La Alianza Peninsular* — Prólogo de Ramiro de Maeztu. Traducción del Marqués de Quintanar, Conde de Santibáñez del Rio (Madrid, 1930).

Digitized by Google

*António Sardinha*

# À LAREIRA DE CASTELA

ESTUDOS PENINSULARES

MCMXLIII

Digitized by Google

Composto e impresso nas Grandes Oficinas Gráficas "Minerva"
de Gaspar Pinto de Sousa, Suc.es, Ld.a — V. N. de Famalicão, 1943

Digitized by Google

DP4
S36

# NOTA DOS EDITORES

REÚNEM-SE neste volume os artigos que, em revistas, jornais e outras publicações, António Sardinha escreveu em defesa do seu conceito de **Hispanismo**, — a favor duma aproximação espiritual que encerrasse o parêntesis de ignorância e de indiferença, senão de quási hostilidade, em que viviam as duas nações do extremo ocidente europeu.

Juntam-se a êsses escritos — subsídios para o livro fundamental que viria a ser **A Aliança Peninsular**, aparecido um mês antes da sua morte — algumas impressões do panorama político, social e literário da Espanha que António Sardinha conheceu durante o seu exílio de 1919 a 1921.

A actualidade e oportunidade desta colectânea ninguém as contestará por certo. Ela contém páginas que se lêem hoje com maior proveito ainda do que no momento em que foram escritas, — porque os acontecimentos deram razão inteira ao pensamento de Sardinha, que uma vez mais se trespassou do sentido profético que animava sempre a sua acção política.

M706383 Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

# Â LAREIRA DE CASTELA

Digitized by Google

Digitized by Google

*Hoje, festa da Raça, também eu, peregrino português, venho tomar assento à lareira carinhosa de Castela. Não devemos nós compreender a Raça como um estreito conceito de ordem étnica, porque seria um imperdoável êrro e, além disso, um motivo de exclusão para Portugal.*

*É uma verdade, confirmada nas indicações da natureza e nos actos da história, a diferença estrutural que distingue o tipo «lusitano» do tipo «ibérico», pròpriamente dito. Se essa diferença existiu sempre, até ao ponto de a assinalarem os antigos geógrafos que escreveram da península, é, so-*

Digitized by Google

*bretudo, nos domínios da criação literária onde encontra a sua completa consagração. Enquanto Castela exprimia na gesta heróica o seu alto génio conquistador, Portugal, país dos litorais, mais «atlântico» que as outras pátrias hispânicas, pedia ao lirismo a significação da sua alma inquieta e apaixonada. Se é certo que tais matizes imprimem aos dois povos peninsulares uma fisionomia distinta e inconfundível, há todavia a reconhecer que existe uma unidade superior a êles nas direcções principais do seu destino imortal, bem caracterizada numa obra comum de civilização. A Raça tem, pois, que compreender-se nesse amplo sentido espiritual, como expressão de um mesmo património de cultura, que tanto Castela como Portugal, com o seu esfôrço e o seu sangue, semearam por mundos novos.*

*Nações de arreigada vocação apostólica, Castela e Portugal nasceram da Cruzada e pela Cruzada viverão. Mudam as circunstâncias; mas mantém-se, inalterável,*

Digitized by Google

*a essência das cousas. Uma política, com tanto de falsa como de secular, cavou entre as duas pátrias um profundo abismo. O Estado espanhol, herdeiro do centralismo absorvente do Conde-Duque, quando olha Portugal, olha-o como uma parte sua, que interêsses criminosos separaram da sua natural gravitação.*

*Por sua parte, Portugal cultiva contra Castela uma «leyenda negra» que daria à pena do malogrado Juderias outro volume não menos luminoso do que êsse que deixou com tal título.*

*Se meditarmos as lições do passado logo se nos mostram patentes as graves conseqüências de um tão longo e recíproco equívoco. Estrangeiros e só estrangeiros (como português me considero, não de Espanha, designação política, mas das Espanãs, apelativo geográfico) continuam cultivando cada dia mais a separação tantas vezes centenária que põe num afastamento fratricida as duas grandes pátrias peninsulares. Resul-*

Digitized by Google

*tado da sua fraqueza interna, o ódio a Castela é em Portugal uma velha razão de sentimento. Paga-lhe Castela com uma indiferença não menos injusta nem menos censurável...*

*E, assim, não se pode estranhar que a Península sucumba na missão mundial, que Deus lhe assinalou desde o início dos tempos.*

*Pois diversa tem que ser a obra futura senão presente, de todos os que em Espanha e em Portugal se conceituam bons patriotas.*

*Do outro lado do mar, a América, rica de juventude e de seiva, a América, não «latina», mas ùnicamente «hispânica», chama por nós.*

*O Atlântico poderá converter-se num futuro próximo e glorioso mas verdadeiro «mare-nostrum». Contemplemos com fé viva a promessa maravilhosa do dia vindouro! Mas, condição essencial é que portugueses e espanhóis se conheçam e se estimem!*

*A festa da Raça é a data propícia para*

Digitized by Google

*uma comunhão tão elevada e tão bela. Como, outrora, a Cruzada desperta, a Cruzada nos une. Castela e Portugal, erguendo o império de Cristo na Idade-Média, salvaram com a fé a civilização. Enquanto Portugal abria o caminho da Índia, ferindo o islamismo pelo flanco, Castela batia-o na Europa Central e no Mediterrâneo salvando uma vez mais a civilização do seu naufrágio inevitável.*

*Porque a civilização é a Cruz, a Cruzada impõe-se quando a civilização se encontra ameaçada de morte. É, repito o que sucede no momento presente. As circunstâncias modificam-se, mas não a essência das cousas. Por isso a Cruzada ressuscita e nos convoca. Talvez uma Cruzada menos violenta; mas, sem embargo, não menos militante. Os perigos que entenebrecem os horizontes sociais vêm do total esquecimento dos princípios eternos. Proclamemos e evangelizemos êsses princípios restaurando a sociedade cristã pela volta aos caminhos perdidos da Tradição. À «universalidade»*



Digitized by Google

*da Revolução respondamos nós com a «universalidade» da instáuração por que combatemos. Comecem-no as direitas espanholas e portuguesas, fraternalmente ligadas pelas mesmas aspirações. E imediatamente virá a colheita do milagre.*

*Que a truculenta e impossível miragem do unitarismo ibérico seja substituída por uma idéia firme de «amizade-peninsular»! Sòmente assim a festa da Raça poderá ser verdadeiramente a festa da Raça!*

*Sòmente assim nós seremos dignos do futuro que Deus nos prepara desde as mais remotas páginas da História!*

*E outras não são as palavras dum pobre peregrino lusitano, que deseja também tomar assento à lareira de Castela, quando Castela recebe e saúda com a sua fidalguia carinhosa, a quantos a buscam, arvorando as insígnias das outras nacionalidades hispânicas.*

**(1920).**

Digitized by Google

# A DESCOBERTA DE ESPANHA

Digitized by Google

Digitized by Google

# A DESCOBERTA DE ESPANHA

QUANDO eu vim para o exílio trazia contra Espanha todos os preconceitos da minha inteligência e da minha sensibilidade. É certo que já pressentia a importância duma maior aproximação entre os dois povos, sobretudo pelo que tocava à continuïdade e ao desenvolvimento da nossa influência na América impròpriamente chamada latina. O estudo da história levava-me também à compreensão de muitas figuras espanholas, relacionadas com a vida do nosso país. E assim aprendera lentamente, mas com juízo seguro, a corrigir bastantes das prevenções do meu patriotismo alarmado, ao iniciar em Abril de 1915 na Liga Naval as conferências da «*Questão-ibérica*».

Nada mais agradável para quem tem o amor das idéias e o gôsto salutar da verdade do que reconhecer os seus erros, se os acolheu com espírito livre e sincero. É êsse o caso presente, que eu me apresso a confessar num cuidadoso exame de consciência.

Digitized by Google

Evidentemente, não é para aqui a análise das mil e uma circunstâncias que afastaram as duas pátrias uma da outra, como se de permeio ficasse o deserto sem fim ou, numa comparação mais incisiva, a muralha infranqueável da China. O que me cabe é acentuar antes de mais nada que dum convívio atento com a moderna erudição de Espanha o meu nacionalismo só tirou para si raízes mais fundas e mais documentadas.

Não falo já no exemplo do alto mestre que foi Menendez y Pelayo, rendendo-nos sempre justiça em mais duma página admirável de equilíbrio e luminosidade. Nem tão-pouco, para vergonha dos nossos geógrafos, — os primeiros a concordar que Portugal não possui fronteiras naturais, eu insistirei nos ensinamentos que positivamente, em sentido contrário, nós recolhemos da obra de escritores militares, como Gomez Artéche e Suarez-Inclan. Basta que me refira, debaixo do ponto de vista crítico, às diferenças fundamentais que, àcêrca da poesia primitiva de Portugal e Castela, — uma, estruturalmente heróica, a outra, de íntima natureza lírica, o ilustre filólogo D. Ramon Menendez Pidal assinala no seu valioso trabalho sôbre a génese da epopeia castelhana.

A Menendez Pidal muito haverá que ser grato o historiador que na nossa terra meter ombros à emprêsa difícil da renovação da história portuguesa. Recebendo na Real Academia Espanhola, ao analista D. Francisco Codera, — eis outro nome mere-

Digitized by Google

cedor das nossas incondicionais homenagens! —, Menendez Pidal comunicáva-nos uma descoberta de larguíssima significação para as nossas origens tanto sociais como literárias. E era ela que «o romance falado durante a dominação muçulmama na Andaluzia, em Saragoça ou em Toledo, se parecia, mais do que com o castelhano, com os outros romances peninsulares. Talvez mais que a nenhum se parecesse ao galego português e ao leonês em conservar com tenacidade o ditongo *ei*, que o castelhano e o catalão eliminaram prontamente». De aqui, para se verificar em investigações subseqüentes, qual fôsse a genealogia poética dos cancioneiros árabes da Península, a distância a percorrer já não seria das mais extensas. E, de facto, não demorou muito que D. Julian Rivera y Tarrago nos aparecesse com uma revelação ainda mais sensacional que a primeira.

Tratava-se do cancioneiro de Abencuzman, reputado pouco mais ou menos dos princípios do século XII, precisamente, de quando no nordeste peninsular a poesia lírica atingia uma floração riquíssima. Pois, pela destrinça dos ritmos e dos elementos romanceados que o texto de Abencuzman lhe oferecia, o sr. Rivera y Tarrago não só conseguíu entroncar na antiga poesia popular da Galiza a poesia andaluza romanceada, de que Abencuzman recebera a manifesta inspiração, mas concluíu também que é posterior à lírica vulgar dos muçulmanos espanhóis

Digitized by Google

a poesia lírica da Europa, tanto provençal, como alemã ou italiana.

Julgo escusado sublinhar quanto para nós, portugueses, representam as afirmações dos dois professores citados. Sabe-se que até a uma época subida da sua história Castela não teve poesia lírica própria, servindo-se do idioma galécio-lusitano, como, por exemplo, nas *Cantigas a Santa Maria* ou no *Poema de Alfonso Onzeno* para traduzir estados emotivos da sua alma apaixonada e religiosa. A semelhante idiossincracia se prende o problema do *Amadis de Gaula*, já atribuído pela rara agudeza psicológica de Menendez y Pelayo à gente da vertente atlântica da península, bem antes do meu chorado amigo António Tomás Pires fixar com dados definitivos a personalidade fugitiva de João de Lobeira.

Claro que nos achamos assim em face de dois *etnos* diferenciados, em que visìvelmente afloram as tendências separatistas das duas pátrias. Separatistas, mas não antagónicas, — registe-se. E o êrro político de tantos séculos é aí medularmente que reside: — na entranhada e sistemática desconfiança que hoje, tão vizinhos e tão parentes, nos põe uns para os outros de «*espaldas vueltas*», — segundo a expressão gráfica dum dos poucos escritores da Espanha actual, em quem o optimismo patriótico se alia ao orgulho consciente da sua raça. Aludo a José Maria Salavérria, que eu leio sempre com decidido encanto pela vigorosa saúde do seu belo pensa-

Digitized by Google

mento nacionalista numa hora em que a «superstição da Europa» se acolhe ainda em Espanha nos numerosos cenáculos literários como se costuma acolher na província a chegada do último figurino — não sei quantas semanas atrasado.

Ora o que não admite dúvidas é que a êsse êrro político, — a essa entranhada e sistemática desconfiança, se deve talvez a decadência das duas nações peninsulares. Se por acaso o esfôrço absorcionista de Castela colocou em risco a existência autónoma de Portugal, também Portugal colocou mais duma vez em risco a existência autónoma de Castela. Refugiada na dureza da sua meseta, jamais Castela poderia, porém, ser nossa, nem nós, enquadrados na depressão ocidental da Península, vivendo do mar e para o mar, permaneceríamos muito tempo reduzidos pela pressão centrípeta de Castela. As razões da nossa autonomia não são apenas razões dinásticas, para que só na prudência sábia dos governantes hajam de se encouraçar e proteger. E' conveniente lembrar-nos que um autorizado nome espanhol, Tôrres Campos, ia pedir à própria geologia a explicação da independência de Portugal. E ainda agora o seu critério prevalece em publicações oficiais, como a *Reseña geografica e estatistica de España.*

De resto, por ser rigorosamente científico, é o critério que hoje se consigna nos compêndios de geografia espanhola, mais reputados. Assim na *Geografia* de D. Juan Palan Vero, o seu autor diz-nos que

Digitized by Google

«as divisões naturais em que se funda a separação das duas nações são as seguintes: a costa portuguesa muda de carácter ao sul do Minho; a zona chuvosa detem-se na fronteira da meseta espanhola; os rios que em Portugal são navegáveis deixam de o ser na proximidade da fronteira». E é êste o depoïmento do catedrático do Instituto de Gerona, D. R. Ballester, na sua recente *Geografia* (1918): — «contra o que muitos supõem a fronteira hispano-portuguesa não é convencional nem se formou ùnicamente por circunstâncias transitórias ou tratados diplomáticos, mas tem o seu fundamento em realidade geográfica na existência dos maciços peninsulares que determinam o desvio do Douro, os desfiladeiros do Tejo e a curva do Guadiana».

Vê-se já, porque, exactamente, no exílio, cheio de preconceitos sentimentais e intelectuais, o meu nacionalismo se fortificou e esclareceu, ao contacto da mentalidade espanhola, — da que é deveras representativa da Espanha, ao mesmo tempo que uma outra noção de «hispanismo» o desdobrava e completava, pela idéia de solidariedade social e espiritual necessária, como pão para a bôca, ao prestígio e à vitalidade externa de ambas as pátrias. E eu que envolvera em tantas tiradas de ódio melodramático a Espanha do planalto, a Espanha da conquista, imaginando-a imperialista e agressora, não tardei a sentir, com Almeida Garrett e com Oliveira Martins, a fascinação antiga da Grande Madre, aleivosamente difa-

Digitized by Google

mada. Foi em pleno coração de Castela que as fontes ocultas do meu ser me testemunharam a presença eterna duma comunhão de origens e de fins que, para desgraça nossa, desde que adormeceu na cinza das coisas mortas, nos levou consigo a única possibilidade de novamente, pela dilatação da Fé e do Império, Portugal desempenhar no mundo a sua alta missão civilizadora. Podemo-nos orgulhar, de que nós e connosco Castela, nossa irmã mais velha, somos um poder criador de nacionalidades. Do outro lado do mar vinte estados de formação ibérica bendizem com carinho filial o nome de Espanha. Ao côro das suas vozes junta-se a voz do Brasil, apelando debalde para Portugal. E recentemente a êsse propósito o presidente Epitácio Pessoa fazia significativas declarações ao jornalista Miguel de Zarraga, correspondente do *A B C* em Nova-Iorque. Convém que as reproduza e que as meditem:

«O dr. Pessoa é um fervoroso partidário do pan-americanismo e explica a decadência do hispano-americanismo, — escreve Zarraga —, pela circunstância de no Brasil politicamente a ninguém interessar Portugal. Por culpa do Brasil? Não; por culpa do próprio Portugal, que não tem sabido, nem talvez houvesse podido, influir nos destinos da imensa República que lhe deve a vida. A Espanha, como Portugal, só enviou à América uns quantos oradores sonoros. E, entretanto, os Estados-Unidos, mais práticos, embora lutando com a tríplice adversidade do

Digitized by Google

sangue, do idioma e dos costumes, enviaram caixeiros-viajantes». E o jornalista espanhol acrescenta: — Ante o pan-americanismo nada podem fazer, por si só, o espanholismo ou o lusitanismo. Uma concisa fórmula recomenda o dr. Pessoa, como única eficaz para uma satisfatória solução do problema: — que o hispanismo,— espanholismo e lusitanismo unidos —, se aliem com o pan-americanismo».

Enuncio apenas um tema, que mais detalhadamente espero abordar. O movimento de defesa perante o perigo norte-americano, desde o México à Argentina, é tão intenso e tão ruïdoso que à roda dêsse motivo existe já hoje uma copiosa literatura. São seus principais corifeus o mexicano Carlos Pereyra, catedrático e membro do Tribunal de Haia, autor de livros como *El crimen de Woodrow Wilson* e *El mito de Monroe*, «*obra que bien pudiera titular-se: El timo de Monroe*». — observa outro escritor hispano-americano, Blanco Fombona; e o argentino J. Francisco V. da Silva, que, no seu *Reparto da America Española y Pan-Hispanismo*, tem passagens como esta: — «O espírito se dilata ao considerar que, desde os Pirinéus ao Estreito de Magalhães, e desde o Estreito de Magalhães ao Rio Grande, se estende pelo mundo, e com o Grande Oceano por *Mare Nostrum*, todo o conteúdo territorial da civilização hispânica».

Contrário, portanto, às indicações do presidente Epitácio Pessoa, o hispano-americanismo é extre-

Digitized by Google

mamente «nacionalista» e se perfilha a noção de «império» é ao império da sua cultura e dos seus antecedentes históricos que ardentemente se dirige. Prefaciando o livro mencionado de J. Francisco V. da Silva, assim o demonstra Don Mastéos y Bovilla, professor ilustre da Universidade Central de Madride. «Portugal — diz — desligado de Espanha converteu-se (como está à vista) num organismo dependente da Inglaterra; as nações hispano-americanas, prolongando a *hispanofobia* mantida por alguns elementos de importação estrangeira (particularmente franceses e italianos) irão a pouco e pouco caindo, como Cuba e Puerto Rico, debaixo da garra firme da República norte-americana, que hoje traz até à Europa os *salpicos* da doutrina de Monroe, em justa recompensa da *tranqüilidade* com que os Estados europeus presenciaram a hipócrita expoliação de que Espanha foi vítima em 1898-99.»

Em semelhantes têrmos, a nossa aliança com o Brasil, como condição do futuro de Portugal, é que nos aconselha uma amizade mais estreita com a Espanha. Há a olhar ainda para o norte de África, para Marrocos, retalhado e repartido, sem que na sua fraqueza, Portugal receba, pelo menos, a compensação dos seus respeitáveis direitos postergados. Questão vital para nós, a questão de Marrocos filia-se para a Península numa sabida lei da história pela qual, ou nós as dominaremos, ou seremos dominados pelas gentes que estacionarem no desfeito sul-

Digitized by Google

tanato africano. Uma vez caído êle em outras mãos que não sejam as nossas, não se volverá a Península numa forçada terra de passagem? Era já o aspecto por que em Dezembro de 1891 o malogrado Morais Barreto encarava as vantagens da inteligência da Espanha connosco. Essa inteligência impõe-se, de parte a parte. Mas organizemo-nos nós primeiro que tudo, restituindo a Portugal as suas instituïções tradicionais para que haja firmeza no Estado e vigor na Nação. Ultrapassada, porém, a base da nossa restauração interna, o nosso nacionalismo, profundamente católico, profundamente missionário, carece dum sentido mundial que, sendo o da sua vocação antiga, só com o concurso da Espanha se tornará amplamente possível. Não mandem em nós divergências de momento, sustentadas mais pela intriga do estrangeiro do que pelos ditames reflectidos do patriotismo!

Se o lusitano de cabelos corredios, difere do celtibero, mais mesclado com cabeleira encrespada, um e outro são «hispânicos» de nascimento e finalidade, lutando ambos em Nomância contra o romano, expulsando juntos o muçulmanismo na epopeia da Reconquista; e acabando por abrir à Europa um oceano novo, com a bula solene dum Papa repartindo pelos dois paternalmente as terras que ainda estivessem por ocupar.

Tal foi a «Espanha» que eu vim descobrir a Espanha. É a Espanha-Madre, — são as «Espanhas» das

Digitized by Google

inscrições clássicas e dos roteiros primitivos. Tanto é Castela como Aragão, tanto é Portugal como Navarra, senti-a como uma realidade viva num dia amargo de saüdade, à sombra da catedral de Toledo. Só então eu entendi porque um dos mais portugueses dos nossos poetas, — o bom avô Garrett, — exclamava no seu *Camões*, se bem me recordo: — «espanhóis somos, e de espanhóis nos devemos prezar todos os que habitamos a Península Ibérica». É a unidade, não da raça nem da terra no seu significado imediato, mas a unidade cultural e social do elevado destino que Portugal e Castela nobremente conseguiram no Universo, dilatando com a Fé e o Império o mesmo ideal superior de civilização. Permitisse Deus que a êle tornássemos outra vez! E a aspiração fictícia e pagã do «latinismo» cederia à voz mais genuína e mais exacta do «peninsularismo», sôbre o qual a sociedade internacional se poderá reconstituir pelo católico e comum império das duas nações, evangelizadoras de povos e semeadoras de nacionalidades.

(1919).

Digitized by Google

Digitized by Google

# O EXÉRCITO ESPANHOL



Digitized by Google

Digitized by Google

# O EXÉRCITO ESPANHOL

MÃO amiga colocou sôbre a minha mesa um número do conhecido jornal espanhol *La correspondencia militar*, chamando-me a atenção para o seu editorial. É o número referente a 24 de Outubro passado e com o subtítulo *El imperio de la verdad*, designa-se êsse artigo *La Patria y el exercito*. Caluniada por uns, incompreendida por outros, a atitude do exército espanhol é ali definida em têrmos claros e precisos. Ninguém pense que o determina um vento indisciplinador de sedição, nem tão-pouco o suponham influenciado por quaisquer inclinações revolucionárias. Senhor da sua dignidade, o exército espanhol, intérprete do sentir geral da nação, pretende restituir ao país a sua supremacia perdida nas combinações vergonhosas do partidarismo.

Governos tidos como representativos duma imaginária vontade nacional, os governos parlamenta-

Digitized by Google

ristas em tôda a Europa mostram-se hoje, na fase aguda da guerra, completamente divorciados das aspirações e dos interêsses dos seus governados. Foi no que concluíram os regimes liberais, — no esquecimento e no atropêlo das mais rudimentares exigências do bem-comum, para ùnicamente atenderem as conveniências inconfessáveis das suas clientelas. Observou Spencer duma vez que se a verdadeira liberdade consistira em outros tempos na luta contra o poder discrecionário do Estado absoluto, ela consistiria num futuro bem próximo contra a tirania absurda dos parlamentos. A hora chegou em que a previsão de Spencer começa a ser realidade. Por obra da política, generalizada a uma profissão dos que não têm profissão, o parlamentarismo, através da burla do sufrágio, é hoje a arma de legalidade com que os partidos se impõem às indicações da colectividade e se defendem contra os seus desejos veementes de moralidade e de competência.

É debaixo dêste ponto de vista que a atitude do exército espanhol carece de ser examinada.

Não se trata dum pronunciamento nem duma pressão ditatorial sôbre a marcha das coisas públicas. Cessadas por completo entre dirigentes e dirigidos as necessárias funções de osmose e de endosmose, nós vemos em Espanha a engrenagem constitucional do Estado impossibilitando a nação de ser ouvida e encaminhada segundo os seus votos profundos. Assim se explica como Maura, portador

Digitized by Google

duma forte afirmação social, se encontre incapacitado de governar dentro da ordem constituída. Despojado dos seus velhos órgãos históricos, a nação não acha mais quem junto do trono lhe traduza a voz ansiosa de paz e trabalho. Eis que o exército se apresenta, insurgindo-se contra a tutela injuriosa dos políticos e instituindo-se êle próprio essa fôrça representativa que a consciência nacional espanhola baldadamente procurava.

Ora o artigo da *Correspondencia militar*, que se desdobra sôbre a minha mesa, fixa com concisão enérgica o fim que o exército se propôs atingir por intermédio das suas «*Juntas de Defensa*». De «*viejo, asqueroso y cinico sistema politico*» é logo de entrada qualificado o sistema porque a Espanha se governa. Não o sistema monárquico, — entendamo-nos. Mas o sistema parlamentar, a que o articulista num apanhado sóbrio, mas incisivo, atribui as responsabilidades de condução que levaram a Espanha «*à las jornadas tristes y adversas de Mellila em 1893*», e depois à perda dos restos do seu império colonial. É num arranco de honesta indignação que o autor do artigo acusa, e acusa com firmeza o parlamentarismo como a causa única de decadência e de desorganização de Espanha.

«*Firmada la paz de Paris en 1898*, — escreve êle — *surgió en España un patriotico anhelo de resurreción, de engrandecimento nacional; pero como el ejército, vencido sin derrota, y humillado misera-*

Digitized by Google

*blemente sin razon, se mantuno en la soledad de su desesperación y de su impotencia, el sistema politico que un dia se creyó que á iban derrocar Silvela y Polanvieja, artero, astuto, y ruin, separó á esos dos hombres illustres del camino de sus elevados intentos. Y, continuando la farsa y la orgia del caciquismo, de crisis en crisis, todas estériles; de Parlamento en Parlamento, todos inutiles, llegamos á la Conferencia de Algeciras, al planteamiento del actual problema marroqui, á la campaña de Mellila de 1909, á las de 1911 y 1913, y, finalmente, a la guerra que desola en estos instantes á casi toda Europa, sin que en 1914 ni en 1917, como en 1893, en 1895 y en 1199, impere en España sino la audacia, la immoralidad, la injustiça y el poder de los professionales de la politica, que, al mermar las grandezas nacionales, hao atrofiado el alma española, matando los ideales patrios; han malgastado escandalosamente et dinero del pais, han escarnecido la justicia, han depauperado la raza y han auentado —; que el colmo! — el criminal estado de endefension en que, desde tiempo immemorial, nos hallamos.»*

E a acusação continua, — e continua cerrada. É o processo inexorável e minucioso duma mentira a que a Espanha só pode agradecer desleixo e rudeza. Singular e precioso reforço nos vem assim do lado de lá da fronteira, corroborando duma maneira inesperada quanto aqui se escreve e repete sôbre a falência em aberto do parlamentarismo. Não é com

Digitized by Google

meios têrmos que *La Correspondencia militar* se ocupa da questão. Bem rigorosamente, ela alude à «*especialissima crisis de hombres de gobierno*» que, por conseqüência dum «*sistema politico, montado sobre uma plataforma de farsas, de concupiscencias, de convencionalismos personales y mesquinos*», não permite que a Espanha veja o poder confiado a «*personalidades copables de hacer frente á los destinos del país*». E o lealismo do exército enuncia-se de seguida, em palavras cheias da mais nobre elevação.

Denunciado o perigo e posta a descoberto a causa íntima dos males públicos, o artigo a que me encosto termina por declarar que é preciso «*salvar á la Patria, sosteniendo al mismo tiempo el trono com mas afinco y firmeza que nunca*». Adulteradas com o mais franco dos descaros, estas é que são as verdadeiras intenções do exército espanhol no seu magnífico movimento de defesa. Tomando sôbre a representação da legítima vontade nacional, ei-lo que luta sem tréguas contra os abusos do partidarismo que escravizam a Espanha, entregando-a à cupidez e à incompetência dos medíocres e dos aventureiros. Não é por isso a monarquia que está em risco perante a bela manifestação de espírito de classe que as *Juntas de defensa* significam. O que está em risco é o sofisma sem pudor que esquece a Espanha para só atender a si próprio, e com êle a situação pessoal de quantos persistem em fechar os ouvidos e não cumprir os deveres da sua alta gerarquia.

Digitized by Google

Não nos seria indiferente a nós, integralistas, a justa compreensão do movimento militar que no reino próximo tocou a unir contra os políticos e contra os partidos. É mais um sinal de que os tempos mudam e mudam no sentido em que a nossa mocidade se esforça por caminhar com segurança e presteza. Se bem de atrás o exército português reagisse contra tantas e tantas tentativas de burocratização, nunca a vergonha do Cinco de Outubro entraria nos domínios da possibilidade, nem tão-pouco o govêrno de Pimenta de Castro se desenlaçaria no desfecho ignominioso e rápido duma troca simples de tiros pelo descair impassível duma tarde de Maio. Sobe bem alto a lição que a Espanha nos manda, talvez esclarecida a tempo pelos exemplos da desgraça vizinha. Que nós a meditemos ao menos com sincero desejo de não a esquecer, confiando em melhores dias para a Pátria, agora que lá longe, na escola viril de guerra, as energias ancestrais da raça parecem ter encontrado a estrada bendita da ressurreição.

(1917).

Digitized by Google

# A AGONIA DE AGATÃO TINOCO

Digitized by Google

Digitized by Google

# A AGONIA DE AGATÃO TINOCO

Foi Angel Ganivet um dos mais fortes e mais originais pensadores de Espanha nos últimos trinta anos. Há no seu *Idearium español* — espécie de interessante breviário nacionalista, muita página, cuja meditação reflectida se impõe como um dever a nós outros, portugueses. Ganivet, dotado dum rico temperamento literário, escrevia às vésperas do desastre de 98. Já não lhe presenceou a violência do golpe. Levado para a cova em plena mocidade da vida e do talento, nós vemos que a sua obra, feita de bocados e de apontamentos de génio, serve de raiz fecunda a êste despertar vigoroso e lento da grande madre Espanha. Se algum aspecto de patriotismo elevado se nota nos livros de Unamuno, é ainda um eco do belo espírito de Ganivet. Unamuno e Ganivet conviveram juntos numa ocasião de concurso. Ganivet observava e Unamuno estudava a anatomia das rãs. Prouvera a Deus que Unamuno

Digitized by Google

a continuasse estudando e que nunca — mentalidade rebuscada e artificial — pensasse um dia em se substituir a Ganivet!

Falaremos com mais vagar de semelhante personagem. Hoje não quero perturbar-me com a lembrança dêsse bufarinheiro das coisas da inteligência que, sendo latão sem preço, fulgura às vezes ao longe como ouro de lei. O que eu desejo é recapitular as minhas impressões àcêrca dum dos mais significativos trechos de Ganivet no seu *Idearium*. Ganivet era cônsul em Antuérpia, — em Ambères, à boa maneira castelhana. Chamaram-no duma vez ao Hospital Strugreberg — «*por razões de mi cargo*» — e explica, tratava-se dum espanhol em gravíssimo estado que pedia para falar ao representante do seu país. Um dos enfermeiros esclareceu Ganivet. O doente viera do Estado Livre do Congo e encontrava-se moribundo, no acesso último dum violentíssimo ataque de febre amarela, sem esperança de possível salvação.

«Ainda agora — escreve Ganivet — estou vendo aquêle infelicíssimo homem, que mais que um ser humano parecia um esqueleto pintado de ocra, sujeito dificilmente ao seu pobre leito e travando contra a morte o seu derradeiro combate. E recordo-me que as suas primeiras palavras foram para desculpar-se pelo incómodo que me causava, sem motivo que a isso o autorizasse. «Eu não sou espanhol, — me disse; mas aqui não me entendem e ao ouvirem-me falar

Digitized by Google

espanhol, convenceram-se de que a v. é que eu pretendo falar.»

Efectivamente, o moribundo não nascera espanhol. Nascera na América Central e vinha de costela portuguesa. — «*Yo soy de Centro-America, señor; de Managua, y mi familia era portuguesa; me llamo Agaton Tinoco.*» Logo Ganivet o tranqüilizou. «Pois nesse caso é o meu amigo espanhol umas poucas de vezes. Vou sentar-me aqui um bocado, e fumaremos um cigarro como bons companheiros. E entretanto, fará favor de me ir dizendo em que é que eu o posso servir.»

E aqui começa a agonia de Agatão Tinoco, com tanto de sofrido como de simbólico. — «Em nada, senhor, me respondeu, — continua Ganivet. Em nada, porque não tardarei a morrer. O meu desejo é falar com quem me perceba, porque desventuradamente há bastante tempo que não tenho com quem falar. Sou muito desgraçado, senhor, — tão desgraçado como nenhum outro homem no mundo. Se eu lhe contasse a minha vida, então veria como o não engano!» E, pronto, Ganivet atalhou: — «Basta olhar para si, amigo Tinoco, para que me convença de quanto me diz. Mas conte! Conte-me com inteira confiança todos os seus infortúnios, como se eu conhecesse tôda a sua vida.»

Acolhido tão carinhosamente por um estrangeiro, que assim o envolvia num rasgo de carinho ao estrebuchar numa cama de hospital entre os sinais aflitivos

Digitized by Google

vos da agonia, Agatão Tinoco — o mísero Agatão Tinoco, imagem dolorosa de Portugal despedaçado e humilhado! — deu princípio à tragédia obscura da sua negra existência de sacrificado. E dum episódio banal de tôdas as horas a pena fácil de Ganivet arranca uma cena cheia de grandeza espontânea. Porque *aunque* pobre «*era hombre de honor*», Agatão Tinoco fugira de casa impelido pela vergonha dum desastre conjugal. Trabalhou depois com afinco na abertura do canal do Panamá e, quando sobreveio a suspensão das obras, partiu para o Congo na qualidade de colono. Ali adquiriu a terrível enfermidade que o prostrava e que mesmo naquela noite o arrastaria consigo ao seu desenlace fatal.

Ouviu-o Ganivet com a atenção devida. E ao findar a triste narrativa das suas desventuras, o moço escritor acudiu-lhe imediatamente com o confôrto espiritual da sua nobre e sincera emoção. — «Pois, amigo Tinoco, o senhor é o maior homem que até hoje tenho conhecido. E é-o porque possui uma virtude que só está ao alcance dos homens verdadeiramente grandes: — a virtude de haver trabalhado em silêncio e de poder abandonar a vida com a satisfação de não ter recebido o prêmio que os seus trabalhos mereciam.» E numa linguagem persuasiva e quente Angel Ganivet consolou o moribundo de tantas e tão profundas desditas, convencendo-o de que não suara nem sofrera baldadamente.

«Se o amigo Tinoco olhar para dentro de si, —

Digitized by Google

insistia o escritor à cabeceira do agonizante — se comparar tôda a obra da sua vida com a recompensa que obteve, notará que a sua única recompensa foi uma escassa alimentação e por último o leito dum hospital, onde nem sequer o entendem. No entanto a sua obra foi notabilíssima, pois não só trabalhou para viver, como prestou o seu concurso a emprêsas gigantescas, de que outros tirarão o proveito e a glória. E o que o amigo Tinoco fêz, revela que a têmpera da sua alma é fortíssima e que nas suas veias corre o sangue duma raça de lutadores e de triunfadores, prostrada e humilhada por suas próprias culpas, entre as quais não é a menor a falta de espírito fraternal, a desunião que nos leva a ser joguetes de poderes estranhos e dá origem a que muitos, como o amigo Tinoco, andem aos pontapés pelo mundo como gente sem nome, quando deviam pompear com fortuna.»

E Ganivet não se calava, tomado duma compadecida inspiração íntima: — «Medite o amigo Tinoco em tudo isto e sentirá uma labareda de orgulho, de profundo e sereno orgulho, que lhe há-de encher de luz formosíssima os derradeiros momentos da vida, porque o fará ver quanto o mundo é indigno de que homens como o amigo Tinoco, tão honrados, tão bons, tão infelizes o ajudem a fertilizar com o suor dos seus rostos e o esfôrço dos seus braços.»

Morreu Agatão Tinoco logo depois de Ganivet sair do hospital. E morreu, possuindo a consciência

Digitized by Google

de que não passava em vão pela terra e, que tão abandonado e tão miserável, a morte se lhe constelava do sentido superior da sua raça. Foi Ganivet que lho desvendou. E essa página simples de beleza e verdade é página para que a decoremos religiosamente no melhor das nossas recordações.

No caso vulgar do hospitalizado de Antuérpia, reconheçamos que toma expressão e vigor patético todo o drama, não só do nosso emigrante, mas das pequenas pátrias portuguesas que lá longe vegetam, anónimas e laboriosas, no desapêgo completo da metrópole. Cada vez bendigo mais a hora que me trouxe a Espanha! O meu nacionalismo ampliou-se com a projecção que lhe faltava dum necessário complemento internacional. Achei-o aqui, ao contacto benéfico da madre Espanha, e à morte de Agatão Tinoco o terei que agradecer, sobretudo.

Não se enganava Ganivet, quando atribuía a decadência peninsular à falta de fraternidade do nosso espírito. As conseqüências desdobram-se aos olhos de quem queira ver no exemplo de Marrocos, na anarquia do México, cuidadosamente explorada e cultivada pelos Estados-Unidos. Ah!, mas se a nós nos visitasse um milagre súbito, como acordaríamos ainda a tempo, e muito a tempo! Para que, debaixo do ponto de vista imediato de Portugal, se avalie de quanto, por nossa culpa, Agatão Tinoco, aos tombos pelo mundo, não acaba nunca de morrer, ponderemos o que sucede na América, com gente da nossa estirpe.

Digitized by Google

No seu livro *España y el programa americanista*, alude Rafael Altamira a um artigo publicado num dos mais importantes periódicos da Califórnia, *The San Francisco Examiner*. Intitula-se êsse artigo «*Os sete competidores*», que em tantos computa na ordem económica os concorrentes dos Estados-Unidos de portas adentro. São êles, pelo que respeita ao preço e capacidade do trabalho, os hispano-portugueses, os muçulmanos, os russos, os negros, os índios, os amarelos e os «brancos». Comenta Altamira: — «É' de supor que com esta classificação o articulista não pretenda expulsar do grupo das raças brancas (ou indo-europeias, como se dizia dantes) aos espanhóis e aos portugueses, ou melhor dito, aos hispano-portugueses, da América. Em todo o caso, a separação é curiosa.» E Altamira segue, comentando o artigo.

De capital alcance para nós, não cabe aqui reproduzir integralmente a parte que consagra aos hispano-portugueses. No fundo, é sempre a agonia de Agatão Tinoco. «Os hispano-portugueses possuem a totalidade do continente ocidental, — esclarece —, desde o Rio-Grande ao Polo-Sul, exceptuando a nossa pequena faixa do Panamá, — a faixa civilizada, se modestamente se pode dizer. Possuem portanto nove milhões de milhas quadradas de terra americana...

«É' provável que possuam igualmente, ou pelo menos, três quartas partes da riqueza do hemisfério



Digitized by Google

ocidental, a maioria dela inexplorada.» E o *The San Francisco Examiner* detalha mais, documentando a sua intenção:

— «As grandes condições que têm para a luta as raças hispano-portuguesas... por nenhumas outras são igualadas... A fecundidade da raça é enorme e êsse facto desempenha um grande papel na questão da concorrência nacional. Não obstante, se os Estados-Unidos se querem garantir-se com sensata precaução, como corresponde a um homem de negócios, não devem preocupar-se demasiadamente da competência hispano-portuguesa. E' uma raça de bons lutadores, mas a sua energia a empregam combatendo-se a si próprios.»

O quadro, já bastante sombrio, carrega-se ainda de tintas mais negras. «A extraordinária proporção da natalidade pode preencher os nove milhões de milhas quadradas e atemorizar-nos com isso; mas de cada cem crianças entre os *infelizes, ignorantes e supersticiosos* hispano-portugueses (o sublinhado não é meu), morrem, sem exagêro, cinqüenta. Em alguns pontos, — prossegue o articulista —, chegam a morrer 70 por cento.»

Com pais que se matam uns aos outros e as meio-desfalecidas, arrasadas e desditosas mães que vêem como lhes morrem os filhos, do que necessitamos é duma boa frota e de senso comum para dominar semelhante concorrência.

O testemunho reveste-se por si do suficiente va-

Digitized by Google

lor para que eu o haja de reforçar com escusadas considerações. Em face da solicitação crescente dos acontecimentos, a ninguém reste dúvida que, ou Portugal e Espanha se entendem em pé de igualdade e de independência para a salvaguarda do seu património cultural e económico, ou Portugal e Espanha não demorarão, como despojo dum mundo morto, a marcharem, arrastados na trajectória de qualquer das grandes fôrças imperialistas, em constituïção tanto na Europa como na América. Eu creio, — e creio com fé inabalável, nos destinos que Deus reserva à Península. Até lá, que provações nos esperam porém, que duros e implacáveis ensinamentos serão o preço da nossa ansiada libertação? Mas o caminho é só um, — e já o traçou o presidente Epitácio Pessoa, pelo que toca à situação de Portugal e Espanha na América, aconselhando a rápida aliança do *lusitanismo* com o *espanholismo*. Impõe-se-nos a obrigação de arrancar a um estado lastimável de definhamento e desordem os nossos irmãos do outro lado do mar, — semente segura do mais seguro porvir para a Península. Daqui o saúdo, a êsse porvir, com os olhos de alma, adivinhando-lhe a realização plena. No entanto, meu pobre Agatão Tinoco, quando acabará a tua agonia?

(1919).

Digitized by Google

Digitized by Google

# A POLÍTICA ESPANHOLA

Digitized by Google

Digitized by Google

# A POLÍTICA ESPANHOLA

NÃO ocultemos a verdade: — a situação política em Espanha é gravíssima. Não porque o regime se encontre em perigo ou que o sr. Lerroux esteja prestes a ser govêrno. Suficientemente desacreditada pelos seus homens e pela sua ideologia, a república aqui não é possível. Se algum estremecimento social atirasse com o trono a terra, êsse estremecimento levaria consigo indiferentemente monárquicos e republicanos, talvez mais aos segundos do que aos primeiros. A solução duma democracia burguesa para os espíritos ansiosos de novidade impossibilitou-se, não só em Espanha, como em tôda a velha Europa. É que imperativamente o dilema cada vez aperta mais os seus têrmos implacáveis: — ou bolchevismo ou unidade do poder.

É, pois, muito outro o problema espanhol. «Rica e madura», — na frase de Salaverria, a Espanha atingiu o momento próprio duma grande afirmação na-

Digitized by Google

cional. Não lhe falta nem energia nem ouro. Falta-lhe, porém, o esfôrço que a liberte das oligarquias dominantes, — dos grandes partidos que a exploram, corrompem e escravizam. O povo está são. E é o que vale ainda à Espanha. Mas pròpriamente os seus elementos representativos não só cavam de hora para hora um divórcio absoluto entre a Nação e o Estado, como, recrutados na mais pura mediocracia, são por natureza incapazes de se elevarem à consciência exacta dos deveres do seu patriotismo no actual momento.

O que me mostrou quanto a Espanha verdadeira, não é nada a Espanha que nós conhecemos de fora e de longe, foi o movimento desenrolado à roda do último ministério, presidido por Maura. De dia para dia, à maneira que a abstenção parlamentar aumentava, de tôda a parte, do norte e do sul, subiam até ao govêrno as afirmações de apoio e de solidariedade dum país inteiro, que só deseja que o conduzam com acêrto e o deixem trabalhar livremente. Sindicatos, câmaras de comércio e indústria, *ayuntamientos*, *pueblos* em pêso com o seu *alcalde* à frente, exprimiam a Maura constantemente, no meio da maior confiança, o seu entusiasmo e o seu aplauso. Pois, precisamente, com uma atmosfera tão propícia, tão favorável, Maura, condicionado na sua existência pelo concurso do partido-conservador, viu-se na necessidade de se ir embora, para não ter que pactuar, para não ter que transigir.

Digitized by Google

Tal é o aspecto grave da política espanhola. Resume-se todo na incapacidade do constitucionalismo monárquico em satisfazer as aspirações da «Espanha rica e madura». É a decomposição do tipo napoleónico do Estado que se nota por todo o mundo. Mas, por se tratar dum país entrado em plena prosperidade económica, o fenómeno reveste-se aqui duma significação particular.

Não se imagine que a Espanha está às vésperas de se pulverizar, só pelo aspecto exterior que nos oferecem as suas lutas políticas. A política em Espanha é apenas o indício da falência ruïdosa do partidarismo. A nação, saüdável e forte, não tardará a retomar as direcções naturais do seu génio e da sua estrutura histórica, rompendo com os moldes que a centralizam e opressoramente a mutilam.

Eu só acho comparação para o estado presente de Espanha na Espanha de Enrique *El-Doliente*, também «rica e madura» como a actual, mas totalmente retalhada e devorada pelos apetites insaciáveis duma nobreza poderosa e turbulenta. Mas os Reis-Católicos surgiram. Com êles, — com a sua estrêla, venceram-se os fermentos da divisão interna. E, obtida pelas virtudes da monarquia a unidade necessária, nós não ignoramos como logo o crescer da Espanha foi glorioso e rápido.

Ora, decorridos alguns séculos, as circunstâncias repetem-se. Não há agora os nobres, mas há os políticos, tão perturbadores e tão insaciáveis como os primeiros.

Digitized by Google

Hoje, como ontem, à Coroa, e só à Coroa, pertence vibrar o golpe cirúrgico com decisão e firmeza. Como? Sem dúvida, pela ditadura, pois que dentro da legalidade já se viu, com sobrada experiência, não serem possíveis em Espanha os governos estáveis, os governos duradouros. A ditadura é assim o mais vivo anelo de todo o espanhol, que pensa um minuto nos destinos da sua pátria. Os próprios republicanos reconhecem que, a proclamar-se a república, — é o proclamas! — o novo regime jamais se consolidaria, se a sua obra não fôsse imposta ditatorialmente. Então, porque se hesita? Talvez por ser grande o receio em se tocar nos *Interêsses criados*, — título simbólico duma das mais belas peças de Jacinto Benavente.

São tão fundos e estão tão ligados êsses interêsses, que Agostinho Ruiz, presidente da *Federação dos Sindicatos Catolicos de Ferro-Viarios*, teve que retirar nas últimas eleições a sua candidatura por Logroño, porque, para vencer, careceria da fabulosa importância de 90.000 duros. É que a máquina política em Espanha repousa sôbre uma autêntica organização de clientelas e subornos. E só uma revolução *desde arriba* como dizia Maura, disporá de energia suficiente para libertar o país do grande polvo que o estrangula e envolve.

Porque Maura representava um perigo nesse sentido, não nos admiremos da facilidade com que «*esquerdas*» e «*direitas*» se contabularam para em-

Digitized by Google

baraçar a vida do seu govêrno. Herdou-lhe o poder a parte menos significativa do partido datista, — é certo. Mas por isso mesmo a parte mais funesta e mais atrabiliária, namoradora das complacências parlamentares dos republicanos e mais preocupada em lhes dar satisfação do que em atender aos votos bem claros e bem terminantes do povo espanhol. Salva-se apenas Bugallal, actual ministro da Fazenda, dotado de magníficas qualidades políticas e com um notável sentido das necessidades do momento. Mas, inimigo irreconciliável duma aproximação com mauristas e ciervistas, no Ministério do Estado o marquês de Lema cacareja a cada instante as impertinências da sua insignificância contente, enquanto no da *Gobernacion* Burgos y Mazo é a versão castiça de Nunes da Mata, — do nosso genuíno «Nónes», irmãos os dois na facúndia com que escrevem obras de teatro, que ninguém representa, talvez porque nem um só dos seus personagens consegue escapar à morte.

Já se compreende onde reside a gravidade da política espanhola. É na evidente insuficiência dos seus dirigentes, para que nas suas mãos frutifique deveras a hora de promissão que passa por sôbre a Espanha, «*rica* e *madura*». O que nos dirá o dia de amanhã? Concentração? Volta de Maura? Solução parlamentar, entregando o govêrno às «esquerdas»? Profecias, não as arrisco. Mas não oculto o profundo tom melancólico com que o *A B C* aludia a

Digitized by Google

«*el cirujano de hierro*», que não há nascido, «*ni hay quien lo llame*».

Nascido, talvez haja nascido... E talvez se encontre mesmo para as bandas do Cabo-Palos, conversando intimamente com os seus pinheiros. Agora o que se me afigura certo é que não «*hay quien lo llame!*».

Tanto pior para a Coroa, tanto pior para a Espanha!

(1919).

Digitized by Google

# CRÓNICA DE ESPANHA

Digitized by Google

Digitized by Google

# CRÓNICA DE ESPANHA

## «EL SOBRE CERRADO»

O título parece de mágica barata ou de novela de tostão. No entanto, trata-se dum autêntico, dum verdadeiro «Sobrescrito» que a D. Juan de La Cierva entregaram, fechado, os seus pinheiros do Cabo-Palos. Assim o declarou, pelo menos, o ilustre homem público espanhol ao regressar a Madrid do seu veraneio. Acudiram logo os jornalistas a interrogá-lo. «Então, D. Juan? Que pensa o senhor? Que tempo durará o ministério? Irá ao parlamento? Ou teremos crise antes?» E D. Juan, sereno e rotundo: — «Não sei! Não sei de nada! O que eu sei é que a Espanha atravessa uma situação que se me afigura sem remédio...» — «Mas detalhe, por Deus, D. Juan! — insistiam os homens dos periódicos, que são aqui alguma cousa, como que um quarto poder do Estado, para os políticos, género Burgos y Mazo e Prado Palácio, ávidos de notoriedade na

Digitized by Google

sua assombrosa insignificância. E perante o retraïmento sistemático de Cierva teimaram mais ainda: — «E os pinheiros? O que lhe disseram os pinheiros, D. Juan?» Cierva sorriu-se, ao ouvir falar nos seus amigos de sempre, nos inspiradores do seu isolamento, acrescentando prestes: — «Não me disseram nada, senhores! Mas entregaram-me um sobrescrito fechado que eu abrirei na ocasião oportuna!»

Pois, em tôrno de «*el sobre cerrado*» que os *pinos* do Cabo-Palos entregaram a Cierva gira agora o mistério inquieto da política espanhola. A ninguém escapa que ela se agrava de hora para hora, de minuto para minuto. Em Barcelona, desde que se restabeleceram as garantias constitucionais, as execuções sindicalistas são o pão nosso quotidiano. À luz do sol, em plena *calle*, grupos de operários disparam tranqüilamente sôbre patrões e sôbre polícias, — e tranqüilamente se retiram para sua casa, de mãos nos bolsos, como de passeio.

Sobe para mais de 100 o número de patrões liquidados por semelhante processo, não falando, claro, nos atingidos com maior ou menor gravidade. O govêrno de Maura representou uma pausa no terrorismo barcelonês. Mas Maura caíu, em homenagem à Liberdade, de letra maiúscula, — e em liberdade os assassinatos recomeçaram.

Como sintoma do que está sucedendo em Espanha é o caso Villalonga. Villalonga, — um operário, assassinou um patrão, — ou, melhor, executou-o.

Digitized by Google

Prêso, o tribunal militar condenou-o à morte. Imediatamente se levantou um alarido em tôda a Espanha a pedir, a exigir, o indulto de Villalonga. Dos patrões varados em atentados constantes, ninguém se lembrava mais. Villalonga, fuzilado ou garrotado, êsse, sim, que merecia os clamores filantropistas da opinião. Ora o que sucedeu em seguida?

Sucedeu a coisa mais estranha e mais desprestigiante que se imagine. Por mêdo às «esquerdas» Villalonga não morreu. Por mêdo às «direitas» não se lhe concedeu o indulto. É, numa palavra, a covardia permanente do Poder, confiado a um rotativismo de devoristas e incompetentes, que a nação repele, que a nação não suporta, mas de que não consegue libertar-se. E a coroa? Oh, não tenhamos ilusões sôbre a coroa! «Don Alfonso», — como aqui chamam ao Rei com carinhosa familiaridade —, é pessoalmente cheio de qualidades. Como chefe de Estado, ama a França, telegrafa «homenagens afectuosas» a M.me Poincaré, e procura ser, sobretudo, «um rei do seu tempo». Ninguém desconhece a sorte que espera os Reis quando, em vez de todos os tempos, procuram ser do seu tempo.

Não quero eu que os meus leitores suponham Afonso XIII já a caminho do exílio. Está realmente a caminho, mas de Londres, depois de haver deixado em Paris entre os elegantes a moda «*del cuello blando*». Um rei, de colarinho mole, é — concordemos —, encantador de simplicidade. Nem os meni-



Digitized by Google

nos o acreditarão, com a lembrança nos reis de Perraulte... Não são, portanto, os caminhos do exílio os que «Don Alfonso» percorre. Todavia... — «Todavia, assegura-me um amigo que eu tenho, bolchevista —, a Monarquia vive mais em Espanha da nulidade dos seus adversários, do que das virtudes da sua conduta».

Admirar-se-ão que eu conte amigos bolchevistas, não é verdade? E amigos cultos, — trata-se dum catedrático de química —, que ao aludirem a «Don Alfonso» lhe chamam respeitosamente «El-Rey». É outro «*sobre-cerrado*» como o de La Cierva, embora mais transparente, mais fácil êste de se violar. É que a Espanha, ideològicamente, encontra-se em matéria de filosofia social como a nossa terra se encontrava nos tempos das «*Conferências do Casino*». Então, com o *cache-nez* célebre do duque de Ávila de permeio, os intelectuais, seguindo as pisadas do grande Antero, eram pela *Internacional*, e o resto do país silenciosa e sentimentalmente pelas «*leis-velhas*», — pelo senhor D. Miguel. Aqui o nariz de Sanchez de Toca representa o ponderador que entre nós representou o abafo célebre do filho de mestre José da Vila. Fraco ponderador, no entanto, num país dividido entre um poderoso tradicionalismo instintivo e uma inteligência totalmente anarquizada.

Levado apenas pelo verbo eloqüente de Vasquez de Mella, receio que o «direitismo» espanhol se esta-

Digitized by Google

que e empobreça à falta de elementos renovadores, sem sugestão na mocidade que presume de culta. Por outro lado, fora de moda, inteiramente desacreditada nos seus homens e nos seus ideais, a república já não atrai nem a curiosidade nem o entusiasmo da gente nova, cheia, em todo o caso, da superstição mental da «*modernidad*», do «*européismo*». Daqui acontecer naturalmente que se digam «bolchevistas», por passatempo intelectual, aquêles que, sacrificando ainda à mitologia avariada do Progresso, vestem, como os mundanos, pelo último figurino do estrangeiro.

Apresentando o «bolchevismo» inofensivo do meu amigo catedrático, ouçamo-lo discorrer com um raro e notável sentido de criatura da ordem. «A Espanha, meu caro Bartolomeu, o que deseja é que a governem. E a Monarquia, com os seus apaniguados, com as suas clientelas, só a desgoverna. Dum pulso, — dum pulso forte e firme, venha de onde vier, é que nós precisamos!» Observo-lhe que não é a Monarquia, — que é o Parlamento, que é o Liberalismo. Sorri-se o meu amigo. «Mas com que pessoal se operaria a mudança, se El-rei pensasse em ser Rei?» — pregunta com ar dolorido êsse «bolchevista» que, sendo um castelhano das «*orillas del Dubro*», é no fundo um temperamento ibérico, — um magnífico temperamento de afirmativo. «Em Espanha não há valores, porque não há selecção, — continua. Para onde apelar, — para onde? Só se fôr para os toureiros, que são os únicos devidamente seleccionados!...»

Digitized by Google

Manifesto-lhe o meu espanto. «Para os toureiros, que são os únicos seleccionados? Não compreendo, — explique-se! » — «Vantagens do analfabetismo, meu querido! Não sabe v. que em Espanha tudo se resolve por meio duma carta de recomendação? Ora, como os touros não sabem ler, resulta que as não recebem. Já compreende porque há selecção nos toureiros?» E um vinco de amargura sulcou a máscara vigorosa do meu amigo.

Não será, de facto, tanto como quere o seu patriotismo apaixonado. Contudo, é de pasmar que a mais absoluta mediocridade seja quem neste momento mande em Espanha. As condições de sucesso do actual ministério e em que se baseiam, principalmente, como a chefia de dois, ou três dos mais avolumados grupos políticos, não se determinou por outro critério que não fôsse o da mais completa insignificância do concorrente vitorioso. Por exemplo, Garcia Prieto (marquês de Alhucemas), seria mesmo de desprezar em Portugal, na galeria dos nossos admiráveis estadistas republicanos. O senhor Melo Barreto, — o senhor Melo Barreto, reparem! —, é um génio ao lado dêle. É de levantar as mãos à cabeça e não se acreditar, não é verdade?

Como resiste, pois, a Espanha à vulgaridade dum Burgos y Mazo, que imaginação dada sempre, como o nosso «Nones» da Mata, aos supremos efeitos teatrais, inventou outro dia por sua conta e risco uma revolução em Portugal, — exactamente numa hora

Digitized by Google

em que, por excepção, estávamos tranqüilíssimos? Como é que, à frente do Ministério de Estado, se ostenta, presunçosa e vazia, a figura sem relêvo do marquês de Léma, quando singularmente o minuto que passa é decisivo para os destinos da Espanha?

Examinado o problema «*desde fuera*», não se entende, nem se lhe descobre solução. Mas, olhado de dentro, não podemos deixar de crer no futuro glorioso duma nação que, *sem govêrno* e até mesmo *contra o próprio govêrno*, persiste em viver, — e viverá como as primeiras.

No desfecho de folhetim tão complicado, — se se tratasse dum drama do senhor Burgos y Mazo, a questão resolvia-se de pronto pela morte de todos os personagens —, é que reside o sucesso do «*sobre-cerrado*», que os pinheiros do Cabo-Palos, mirados nas águas clássicas do Mediterrâneo, entregaram com certa reserva ao seu amigo D. Juan de La Cierva y Peñafiel. O «*sobre*» não se rasgou ainda. Mas com o manifesto de Maura, quási se adivinha o seu conteúdo. Corrido pela repulsão pública, o ministério Sanchez de Toca bate a tôdas as portas, a ver se consegue arranjar muletas com que se ampare até à reabertura do Parlamento. Bate à porta de Alba, bate à porta de Romanones, bate à porta de Lerroux, que se declarou pessoa de govêrno e, milionário com as *pesetas* que lhe rendeu o negócio das mulas durante a guerra, prepara o passo último para ingressar na Monarquia. E Sanchez de Toca não se fica nisto.

Digitized by Google

Como presidente dum «*gobierno sedante*», dum govêrno de acalmação, — oh, os governos de acalmação! —, converse de potência para potência com os sindicalistas de Barcelona, pactue, vergonhosamente, com êles, dificulte o desenvolvimento da acção social católica — e, por acalmação e em homenagem às garantias constitucionais, na cidade-condal as execuções prosseguem sistemáticas e impunes, à claridade plena do dia.

Agora aguardam-se as conclusões do Congresso Patronal de Barcelona, cuja reünião o govêrno contrariou quanto pôde. Creio bem que D. Juan de La Cierva, não se detendo mais, vai rasgar o seu «*sobre-cerrado*» e cumprir-lhe as instruções. *El Sol* — caricaturando-o em colóquio íntimo com Maura, já foi chamando aos dois homens públicos «*bolcheviques brancos*». O ano político anima-se, — e anima-se com as maiores surprêsas. Reconstituída fora das clientelas irá a Espanha emancipar-se da oligarquia dos partidos? A atitude enérgica dos patrões espanhóis é já um saüdável indício de quanto servem as classes robustecidas e organizadas, se outra finalidade as não perturba, além de defesa dos seus naturais e legítimos interêsses.

Ponham os integralistas os olhos na demonstração que a Espanha lhes oferece como uma contra-prova experimental do valor e do positivismo das suas doutrinas. Pena é que o «*sobre-cerrado*» de La Cierva não contenha um programa de govêrno orgâ-

Digitized by Google

nico, nitidamente representativo e anti-parlamentar! Não é talvez porque os pinheiros do Cabo-Palos o não quisessem. O pior é aquêle mal de que já Drumont se doía quando se nos queixava de «*greve de raison*».

(23-10-919).

Digitized by Google

Digitized by Google

# «POEMAS CASTELLANOS»

Digitized by Google

Digitized by Google

# «POEMAS CASTELLANOS»

## I

ORA aqui temos nós um livro, a cuja leitura não pode ficar indiferente a nossa sensibilidade nacionalista!

Desde que Ganivet morreu e com êle o espírito cívico, que no «*Idearium Español*» tão largas perspectivas nos deixava entrever, eu não sei se a leitura em Espanha, com os vários Azorins, Unamunos & C.ta, constitui, realmente, assunto em que valha a pena demorar um pouco a nossa atenção, sedenta de coisas mais humanas e mais elevadas.

Não passa em verdade, de uma cópia subserviente do que há de pior nos figurinos estrangeiros.

Agora é que Óscar Wilde se traduz! E só por uma *avariose* bem grave da inteligência e do sentimento se explicam os sucessos editoriais dum Hoyos y Vinent, se os quisermos separar do terreno da genuína pornografia.

Digitized by Google

Pobre diabo da feira das letras, sem inspiração alguma de talento, Hoyos y Vinent não é mais que um coleccionador de pontas de cigarros, apanhadas gulosamente entre os objectos dum Jean Lorrain ou dum Claude Farrére. E o seu caso nos basta para marcar o grau de consciência artística em que se estagna o mundo literário espanhol.

Neste fundamentado desinterêsse que, naturalmente, me suscita a literatura em Espanha, o pequeno volume do Marquês de Lozoya, *Poemas Castellanos*, assinala uma inesperada excepção, digna, por isso, de todo o registo e de todo o aplauso. Trata-se de alguém que na emoção da história encontra o segrêdo da sua própria emoção. Evocador admirável da poeira morta da sua não menos admirável Segóvia, impressiona-nos fortemente a nobre intenção castelhanista do livro de D. Juan de Contreras, que nos acentua e define um poeta destinado a abrir roteiros seguros no meio da incrível anarquia intelectual do seu país.

Conheço e aprecio o marquês de Lozoya, para quem a fisionomia moral e mental da nossa pátria é sempre um exercício de constante e enternecida devoção. Peregrino apaixonado das duas Castelas, por um dia de Julho ardente, em que o sol era como ouro derretido, eu devo a Lozoya, erudito meticuloso e sugestionador, o enlêvo incomparável da minha visita a Segóvia.

Canta-me ainda nos olhos a visão torreada da

Digitized by Google

velha cidade de Henrique IV de Trastamara, onde se guarda o mais precioso e mais inconfundível «românico» de tôda a Espanha. Pelo braço atento de Lozoya, lhe passeei as ruas solitárias, adormecidas entre os jardins solarengos e os muros centenários dos conventos.

Na catedral, assombrosa maravilha alada, comovi-me diante da cruz de Avis, insculpida no côro sôbre a cadeira da rainha D. Joana, mãe daquela triste Beltraneja, a quem outros chamavam «Excelente Senhora», talvez por discreta ironia... E logo as Quinas e os Castelos de Portugal iluminaram a minha saüdade de exilado, avultando, impetuosos e inolvidáveis, o pontificial preciosíssimo do bispo D. Vasco Manuel.

Mas a recordação mais profunda agradeço-a ao Cristo dito «de Lozoya», por haver pertencido à casa do meu ilustre amigo. Assombrosa escultura em madeira, data do século XVI e é obra dum português, — o imaginário Manuel Pereira, inteiramente ignorado na sua e nossa terra.

Para que em tudo tivesse na dourada Lozoya a sensação do perfume ausente de Portugal, só me faltou reler, à sombra do parreiral vergiliano da horta de Segóvia, certo conto de Eça de Queirós, — êsse impressionante «*Defunto*», passado ali mesmo — que é uma das mais vincadas páginas do glorioso escritor.

Mas Lozoya proporcionou-me, dentro do tempo que voava, um prazer infinitamente maior, levando-me,

Digitized by Google

do outro lado do rio em frente de Alcáçar, ao humilde mosteiro das Carmelitas, em que viveu e morreu São João da Cruz. Por momentos, contemplando, junto ao cipreste que o próprio santo plantou, a paisagem suspensa do entardecer — paisagem para Profetas e Soldados, eu senti curvar-se-me a alma à rajada íntima da «*noche obscura*». E Segóvia me apareceu, como numa tábua primitiva se nos apresentaria Jerusalém — cidade a um tempo de redenção e de tristeza! Pois é assim que Segóvia se recorta e estiliza nos versos do marquês de Lozoya, tão impregnados do aroma único daquilo que não volta mais.

Há saüdade, — há uma lusitaníssima saüdade nas rimas de Juan de Contreras. E, — porque não dizê-lo? — com alegria descubro nelas um secreto parentesco, que mas faz amar, como se houvessem saído da minha pena, em honra à terra em que nasci. Compreende-se, de resto, porque nada existe de mais parecido com o descampado alentejano do que o descampado soleníssimo de Castela, — do que os horizontes sem fim dos grandes páramos da Meseta.

Quando as rimas de Lozoya me embalam na sua cadência severa, eu quási me surpreendo a rezá-las baixinho, como se estivesse invocando Estremoz — a das pedras claras, ou Elvas, chave do Reino, ou Arraiolos, vila dos nobres teares.

Respira-se a melancolia da minha estepe natal no livro de Lozoya. E são os castelos cadaverizados,

Digitized by Google

espreitando do alto dos cómoros, é a epopeia esquecida da Reconquista, — é, no luar coalhado e vítreo, a fixidez alucinante das longas estradas intermináveis, por onde o vento galopa. Povoam-se de fantasmas essas solidões majestosas. E com o arremêsso emplumado de «*Mio Cid Ruy Diaz de Vivar*» desliza a teoria lenta dos guerreiros e dos sacerdotes. Castela anima-se, desperta da cinza confusa dos túmulos. Milagre estranho da Raça numa segunda anunciação... Mas oiçamos o Poeta:

Caminos de Segovia, de Olmedo y Tordesillas!
Sendas de Peñafiel, de Roa y de Onfiveros!
Bajo la faz del polvo, yo busco busco de rodillas
La huella de los santos y de los caballeros!

Caminos de Castilla, cintas de blanca plata
Que os perdeis a los lejos en los campos desiertos
En las noches de luna rotica la cabalgata
De los Reyes caidos de los ginetes muertos.

. . . . . .

Han pasado los siglos; por el camino un dia,
Van los mozos, enchidos los pechos de ilusion,
Los lleva su miseria, su orgullo, y su hidalguia
Al puerto de Sanlucar do espera un galeon.

En las claras estrellas quieren ler su suerte
Y la estrellas dicen, temblando en el azur,
Que domaran imperios y que hallarán la muerte
En ignoradas costas, bajo la Cruz del Sur.

Digitized by Google

La lluvia de noviembre golpea los caminos;
A húllan los lebreles del viento en la llanura;
La Reina Doña Juana de los tristes destinos,
Pasea por Castilla la Muerte y la Locura.

En la noche sombria brillan los cuatro hacheros
Que alumbran vagamente, con su luz funeral,
El ataúd, cubierto de niegros reposteros
Donde explaya sus alas el aguila imperial.

El chapeo sin plumas y el bolsillo sin blanca,
Arrastiando las capas, como manto de Reyes,
Caminam los sofistas que van a Salamanca.
Buscando amores nuevos, mejor que viejas leyes.

Tal vez riñen dos de ellos al salir de la venta
Y juegan ágilmente de espada y de broquel
En sus brazos abiertos, una cruz no lo cuenta:
«Mataron aqui un hombre, rogad a Dios por el.»

. . . . . .

Digitized by Google

## II

LEVA Sozoya consigo, não só o sentimento das ruínas venerandas, como o próprio sentido místico da poesia de S. João da Cruz. O seu primeiro livro *Sonetos Espirituales*, já o tinha revelado como uma alma aberta às supremas inquietações do Divino. É dêsse livro o soneto que segue, tão rico duma recatada e serena harmonia:

A LA MEMÓRIA DE D. JUAN DE LA PEZUELA,
CONDE DE CHESTE

Yo conoci un anciano, tan anciano,
Que en los profundos surcos de su frente,
Vislumbrabase un siglo en la ingente
Barba, y en el cabello undoso y cano

Yo he besado una flaca y larga mano
Siempre leal, que peleó valiente,
Y que volvió, muy suave y doctamente
Rimas del Dante en verso castellano.

Alguna tarde que en el huerto umbroso
Paseaba tranquilo y despacioso,
Le dió mi brazo reverente auxilio;



Digitized by Google

Era yo un niño y por la vez primera
Llegóme al alma, de su boca austera,
La placida cadencia de Virgilio.

Não me contento, que não transponha para aqui mais outros cipos dos *Sonetos Espirituales*, para que se apreenda bem a firmeza com que Sozoya vai traçando as suas jornadas de Poeta e de Contemplativo. Recorda-nos um dêles, não deslindo porque recatadas afinidades alguma cousa como um retrato filipino do Greco, — uma daquelas empenumbradas fisionomias do «Entêrro do Conde de Orgaz», onde o «Castelo de Alma» de Santa Teresa alonga a sua alta morada misteriosa e a Divindade se torna familiar, quási tangível. No segundo, mais pessoal, mais água de fonte doméstica, Sozoya entrega-nos a chave do seu drama interior, — do drama que a todos nós nos tortura, quando nas encruzilhadas da vida o Demónio Meridiano do Salmista nos envolve no seu hálito tentador e persuasivo. Ei-los:

Canto una noble, generosa mano,
Por la que el oro, pródigo, corria;
Consuelo de indigentes, bella y pia,
Mano de gran Señor y de cristiano.

Un anillo ostentaba, gaje vano
De un muerto amor, que floreció en su dia,
Y las caladas guardas oprimia
De una espada de acero toledano.

Digitized by Google

Su dueño fué español y caballero;
Al servicio del Rey, dió placentero
Su sangre, su quietud y su tesoro:

Y derrotado en cortesana intriga,
Sin tener ya que dar, dió a una mendiga
La limpio espada y el anillo de oro.

*

Soñé que con Virgilio recorria
Los ignotos abismos, como Dante,
Y que, al pie de un camino serpeante,
Hallaba una inscripcion, que asi decia:

Atrevido mortal, aquesta via
Lleva a la patria del dolor constante,
Y ella tambien conduce a la triunfante
Morada de la mistica alegria.

Maestro, pregunté, que senda es ésta
Que el Orco lleva y al Eden? Dudosa,
La mente queda ante el profundo arcano. —

Y, con voz apagada y despaciosa,
Modulò el claro vate por respuesta:
«Es el camino del amor, hermano».

* * *

*Sonetos espirituales* se intitula também um ramilhete. Igual saído debaixo do nome do poeta Juan Ramon Ximenes e Juan Ramon Ximene desfruta de largos favores na opinião espanhola. Sem que seja porém, indigno de os merecer, atenta a mediocridade

Digitized by Google

do ambiente, nem de longe nos seus *Sonetos espirituales* possue a transparência emotiva de forma do marquês de Sozoya. Sozoya, no claustro do silêncio que é Segóvia, vive constantemente os grandes líricos religiosos, seus compatriotas, do Século de Ouro. Dêles recebeu Sozoya o claro senso das realidades delicadas da psicologia humana, mirando decerto, nas noites profundas do estio, sôbre a extensão imensa da Meseta, a escada de Jacob, suspensa das Alturas. Os *Sonetos espirituales* no-lo dizem, com a discreção duma nascente oculta entre a folhagem, à sombra apaziguadora de qualquer retiro franciscano. Escutemos ainda mais um arranco da comovida fé de Sozoya — fé de cavaleiro castelhano, como aquêle que deu à mendiga o anel e a espada, herdeiro de tantas e tantas gerações de cavaleiros:

Amor que en el silencio sufre y vela,
Es de muy alto precio y hermosura;
Es la gracia de amor, mas noble y pura,
Si en soledad y en sombra se recela.

Dichoso aquel que, por pudor anhela
Hundir sus penas en la noche escura!
Al anima que esconde su amargura
Dios mismo en su regazo la consuela!

Vidas llenas de amor y doloridas
Que relumbrais entre las otras vidas
Como gemas dispersas en el lodo!

Digitized by Google

Vuestro manto de gloria resplandece
Con el dolor, que todo lo ennoblece;
Con el amor, que lo embellece todo!

Assim é Sozoya nos *Sonetos espirituales*. No mesmo aspecto militante do seu ser, os *Poemas Castellanos* vieram traduzir-nos agora a *idéia heróica* que lhe canta no sangue e lhe põe estremecimentos rudes de gesta nas rimas fortes e bem cunhadas. Leia-se *El-Rei;* leia-se *La hembra del Gavilau*. Na poesia *El-Rey* acorda o sabor agreste e primitivo dos cronicões medievos, com tôda a sua inocência bárbara, com todo o seu contácto directo dos homens que fizeram a Espanha. Na *Hembra del Gavilau* o texto enregelado duma enregelada doação enche-se para nós de vida súbita na singeleza da sua gótica religiosidade, há centenas de anos adormecida entre as fôlhas pergaminhosas dum ignorado cartulário. Aplicam-se a Sozoya as palavras de Joaquim Gasquet no seu recente ensaio de crítica *L'art vainqueur*, ao afirmar que a obra do historiador se encontra com a obra do poeta. Gasquet cita o exemplo de Heredia, a quem chama *éléve inspiré de l'École des Chartes*. Para Gasquet, Herédia pôde ressuscitar, ressuscitando o senso obliterado dos vocábulos, os sentimentos e as crenças doutras idades.

É isso o que sucede com Sozoya nos *Poemas Castellanos*.

«En el Santo Nombre de Dios, uno y tres;
Porque a los que luchan se dé en encomenda,

Digitized by Google

Yo, Tenda Fernandes, entrego mi hacienda.
A' vos el muy noble maestro de Uclés»

. . . . . .

«A mi hijos mando que cumplan mi ley;
Su herencia es Castilla, su campo la guerra
Y si hacienda quieren, ganen otra tierra
Luchando como hombres, al lado del Rey.

Yo Tenda Fernandes invoco al Señor,
Porque mis palabras lo que el mundo quere,
Sean perdurables y el que las vuluere
Vazga en los infernos como Judas traidor.»

Eis como Sozoya descobre na emoção da história o segrêdo da sua própria emoção. Tem assomos de epopeia no *Canto a los villanos de Castilla antigua*.

«... Los de manos sarmentosas que esparcieron la semilla

. . . . . .

Los que bailan viejas danzas de dulzaina e a tambor»

Comove-se e ajoelha diante de Segóvia na magnificência hierática do outono.

«Cual los Santos que adoran a la Virgen
En las ingenuas tablas primitivas.»

E espiritualiza por fim as aventuras de *La juderia*

Digitized by Google

*vieja* com Dom Mosé debruçado para o saco precioso do seu tesouro.

> «Guarda, guarda, viejo, que yo vi al Amor
> que te desgranaba tu perla mejor!»

E aludirei ainda ao *Rey*, — maravilha de evocação e de sobriedade. Um ligeiro fragmento nos basta, para que Castilla desperte dentro de nós, ao ritmo nobre dos ritmos de Sozoya.

> Como no soy cronsta, ino sé se este hombre rudo
> Que lleva uno leon rojo pintado en el escudo,
> Se llama Don Ordoño, Don Sancho o Don Bermudo.
> Solo se que es el Rey, en una Catedral
> Guardar los fueros viejos juró sobre un misal
> Y un anciano arzobispo le ungio la frente real.
> . . . . . .
> Sus gestas generosas divulga la leyenda,
> Juglares sabidores las cantan en la senda
> A los que en romeria llevan devota ofrenda.
> Las mozas le imaginan cuando piensan en el,
> Rubio el cabello, de oro la espada, e el broquel
> Como el Señor San Jorge y el Arcángel Miguel.
> Yo vos lo pintaria como un gran sembrador
> Que ha sembrado los yermos en todo su redor
> Con villas y lugares y templos del Señor.

E terminarei. Um admirável poeta se levanta com Sozoya, já seguro duma fórmula de Arte, que é a fórmula de Arte de Amanhã. Sozoya inicia com virilidade o nacionalismo literário em Espanha. A Raça

Digitized by Google

lhe deverá alentos sagrados, para a hora já próxima de uma nova anunciação. Olhando o céu profundo da Meseta, o marquês de Sozoya desvenda o rumor atávico que perturba de vozes indistintas as veias da mocidade peninsular. Segóvia lhe ensinará o canto do Resgate — o canto que há-de soar do coração de Castela dentre as campas dos Reis e dos Prelados, como se fôsse o pregão duma maior glória comum para tôdas as Espanhas, dum ao outro lado do Mar.

Há que querer a Sozoya como nosso. Disse eu que o embebe e repassa uma lusitaníssima saüdade. De verdade, como definir, senão assim, a asa palpitante que se agita em todos os *Sonetos espirituales?*

«Oid, madre abadessa, como canta
el ruiseñor que en lo rosal posa!»

Pois é o rouxinol que canta à Senhora Abadessa nos rosais do seu convento o sinal inconfundível da poesia de Sozoya. Êle lhe transmite o seu tom *saüdoso,* — tom de que Sozoya talvez se não deu conta, mas que a mim me embala e enternece, quando o convivo nas horas sem fim do meu isolamento de expatriado. É essa a minha dívida de sensibilidade ao autor dos *Poemas Castellanos.* Aqui lha confesso e agradeço, apresentando-o como um mestre salutar à gente nova do meu país. E deixe-me Sozoya que eu repita ainda e sempre as estrofes inolvidáveis dos

Digitized by Google

*Caminos de Castilla*, em que perpassa tanto da minha «stepe» natal, em que tanto se reconhece e justifica a minha permanente interrogação de homem da Planície, por tôdas as suas raízes ancestrais!

*Una tarde de Junio, bajo el cielo de fuego,*
*Que reseca los campos y que dora el trigal,*
*Recogido en si mismo, marcha um fraille andariego,*
*Camino de Medina, de Aranda o Madrigal.*

*En las sierras azules hay reflejos de ocaso;*
*Humean los hogares; una campana suena,*
*Las yuntas, fatigadas, tornan con lento paso*
*Va cayendo la noche, sosegada e serena.*

*En los campos del cielo, sobre la tierra obscura,*
*Se encienden las estrellas, como flores de luz.*
*Noches esplenderosas de estio en la llanura,*
*Que poneis en las almas el fervor de la Cruz!*

*Todo canta en la tierra, todo brilla en la cielo*
*Para el viajero humilde, que de la paz va en pos.*
*Su alma tan fatigada, siente un dulce consuelo,*
*Y en soledad escucha la palabra de Dios.*

. . . . . .

*Caminos de Segovia, de Oimedo y Tordesillas!*
*Sendas de Peñafiel, de Roa y de Ontiveros!*
*Bajo la faz del polvo yo busco de rodillas*
*La huella de los santos y de los caballeros!*

(1920).

Digitized by Google

Digitized by Google

# A FESTA DA RAÇA

Digitized by Google

Digitized by Google

# A FESTA DA RAÇA

Foi a 12 de Outubro, pelas duas horas da madrugada nesse ano da graça de 1492, que, a bordo da *Pinta*, uma voz bradou alvoroçadamente: — *Tierra!* A América estava descoberta e Colombo entrava nos átrios augustíssimos da História. Pois a 12 de Outubro, celebra a Espanha, em comunhão com as outras nacionalidades americanas, suas filhas, aquela festa que, por chamar-se da Raça, quere certamente ser a festa da sua civilização. Ora, na festa da civilização hispânica, que encontrou o seu primeiro historiador no nosso admirável Oliveira Martins, têm também lugar Portugal e o Brasil. Sentemo-nos então no espaçoso anfiteatro em que tantos povos unidos pelo mais apertado parentesco se agrupam para comemorar a alta e gloriosa origem de que derivam, — e seja para lembrar que, ao lado da Espanha, nas homenagens que lhe chegam de além do Atlântico, Portugal não pode nem deve ficar esquecido.

Digitized by Google

Não recordarei aqui que na descoberta da América foi Colombo antecedido por navegadores portugueses, que, presos da sedução pérfida do Oceano, atingiram paragens sem nome, navegando sempre para Oeste. E' inútil recordar também quanto influíu em Colombo o seu longo convívio com os nossos pilotos, o seu casamento com uma Perestrelo da ilha da Madeira.

Entre outros, Luciano Cordeiro, cujo labor tão honesto e tão nacionalista é obrigação nossa *não* olvidar, fixou numa pequena monografia a parte decisiva que nos pertence a nós no descobrimento do Novo-Mundo. Mas, bem mais do que essas indispensáveis aclarações históricas, o dia de hoje exige-nos uma sereníssima meditação sôbre o destino que o futuro nos reserva, se, olhando para o lado de lá do Atlântico, soubermos compreender que, antes de tudo, as duas pátrias peninsulares precisam entender-se para irem depois à reconquista espiritual dessas vinte e tantas nacionalidades, que ambas souberam criar e que tão desejosas se mostram de conhecer de perto a casa paterna.

No momento revôlto que se atravessa, quando parece haverem desaparecido da face da terra as grandes aspirações e com elas os grandes sacrifícios, a Espanha oferece-nos um espectáculo maravilhoso, o espectáculo duma guerra pela civilização, o exemplo duma verdadeira Cruzada! O sangue que se verte em Marrocos verte-se ainda pelos mesmos soberanos

Digitized by Google

motivos por que fomos outrora, espanhóis e portugueses, os fronteiros-mores da Europa ameaçada de se dissolver na barbaria agarena. E' sangue do sangue que andámos vertendo ao longo dos séculos sem fim e que, se em Marrocos significa mais uma caminhada dolorosa da Raça, já se tornou na América num jardim de frutos magníficos, por onde a esperança passeia, encantada.

Marcou-nos Deus com o sinal das suas melhores promessas, pondo-nos no extremo da angustiada Europa, como num terraço lançado para os países moços do Ocidente. Portugal e Espanha são assim na Europa a guarda-avançada da América, como são na América o prolongamento da Europa.

Bem cedo se verá que os imperialismos do Ferro e do Carvão de nada valem, se um sorriso de divina mocidade, que só vem da História e do Passado, lhe não insuflar a vida das coisas fecundas. O poder do Espírito há-de renascer, como o Senhor depois de ressuscitado, mais belo e mais dominador, por mercê do seu longo eclipse. Não é outra a letra do cântico que, sentadas em tôrno da velha madre Hispânia, entoam em côro as suas filhas do lado de lá do Mar. Tomemos também lugar, à cabeceira do festim, dando a mão direita ao Brasil, que é o nosso morgado. Festa da Raça, festa da nossa Civilização, que é a obra imortal dum abraço comum, abraço de Espanha e Portugal!

Não seremos assim uns anónimos atrevidos na

Digitized by Google

assembléia festiva em que exulta hoje a alma infatigável e sempre pronta da gloriosa nação vizinha. Liga-nos aquela «unidade substancial», na frase feliz de D. Rafael Altamira, que, respeitando e consagrando as diferenças eternas em que recìprocamente se exprimem duas soberanias políticas indiscutíveis, nos está convocando do fundo da História para a defesa e para o prestígio dum incomparável património de cultura e de ideal, que só na Península encontrou o seu berço.

Além da questão candente de Marrocos, que a todo o transe é necessário compreender e fazer igualmente nossa, no *americanismo* reside, principalmente, a razão dum entendimento imediato entre Portugal e Espanha.

Não pode, porém, êsse entendimento fazer-se na forma definitiva duma *aliança*, enquanto não fôr precedido pela indispensável preparação moral e intelectual. A espanhóis e a portugueses separava-nos nos domínios da inteligência e da sensibilidade tôda uma floresta espessíssima de preconceitos e velhas desconfianças. Primeiro que o mais impõe-se-nos, com a revisão da *leyenda-negra* que intercepta a nossa natural solidariedade, a prática de actos públicos solenes em que o nosso conhecimento recíproco se avigore e depure.

Nada como a *Festa da Raça*, com missões nossas visitando não só Madride, mas os diversos países americanos que de longe procuram restabelecer as

Digitized by Google

relações de família interrompidas! Nada como os freqüentes congressos hispano-americanistas, em que se participa da mesma ardorosa fé nacionalista e se traçam roteiros seguros para se assegurar o dia que vem!

Nunca Portugal se mostra, nunca Portugal se manifesta. Bem sabemos que, alheio por completo ao nosso passado e à nossa tradição, o Estado português não representa Portugal. Mas supra essa falta imperdoável a assistência vigilante da Nação. De há muito que o *Integralismo Lusitano* inscreve entre as suas aspirações fundamentais o regresso ao hispanismo de Quinhentos, que achou em Camões um cantor inolvidável, e que, evidentemente, se traduzirá amanhã numa fórmula leal e clara de amizade, de colaboração mútua.

E' aí que está, sem dúvida, o segrêdo do ressurgimento do nome português no mundo. Outra não é a conclusão inteligente e patriótica de quem, olhando à excepcional posição geográfica de Portugal, ambiciona legìtimamente para a terra em que nasceu o vê-la restituída à sua antiga glória e preponderância.

Celebremos, por isso, nós também a *Festa da Raça*. Discípulo dos nossos pilotos, Colombo levava consigo uma fracção do génio lusitano. A mulher inspirada que o acolheu e o animou tinha nas veias, como filha de portugueses, o sangue do Condestável e dos «altos Infantes». Se o rumo de Portugal se inclinou sobretudo para o Oriente, era ainda a mira-



Digitized by Google

gem da Índia que atirava Colombo erradamente a ver do mistério fascinante da misteriosa Cipango. O que Castela não logrou com Colombo, veio a lográ-lo depois com Fernão de Magalhães. E' bem transparente a «unidade substancial» que a História imprime a portugueses e espanhóis. Meditemo-la nós, num demorado exame de consciência. E de olhos postos na alvorada que rompe já para além dos horizontes, sejamos desde agora os obreiros dum Portugal-Maior, partindo com a Espanha à reconquista espiritual duma civilização que foi nossa e que ignominiosamente deixámos perder!

(1921).

Digitized by Google

# PAIXÃO DE ESPANHA

Digitized by Google

Digitized by Google

# PAIXÃO DE ESPANHA

NÃO podem ficar sem comentário as gravíssimas afirmações do general Primo de Rivera sôbre o abandono de Marrocos. Dia a dia, hora a hora, tenho acompanhado o drama emocionante que se passa além do Estreito com reflexos desencontrados na opinião espanhola.

A questão de Marrocos não é apenas uma questão que importe ao futuro da nação vizinha. O futuro da Península depende do rumo que se imprimir a êsse momentoso problema. Há quási quarenta anos que num comício público D. Joaquim Costa declarava: — «*Yo tengo para mi que la linea estrategica de ciudades y de fortalezas que poseemos al otro lado del estrecho, desde Ceuta á las Chafarinas nos es tan necesaria, hoy por hoy, y forma parte tan integrante de nuestro territorio, como la linea estrategica de fortalezas que se extiende por la cuenca del Elbro, desde Montjuich hasta Pamplona.*»

Digitized by Google

De maneira que o problema de Marrocos já então se formulava para as inteligências cultas em Espanha como um simples e elementar problema de defesa nacional. Dar-lhe-ia depois um sentido mais amplo entre nós o malogrado Moniz Barreto, ao escrever num estudo seu, notabilíssimo, da *Revista de Portugal* que «a questão marroquina prende-se de tal modo com a questão da integridade nacional espanhola, que não é mais que um dos aspectos desta. Um ilustre historiador inglês, — continua Moniz Barreto —, pôde afirmar ser uma lei da história que as populações da península dominem ou sejam dominadas pelas que estanceiam na região africana que lhes fica fronteira». Assim de espanhol o problema se torna peninsular, participando conseqüentemente Portugal dos seus benefícios ou dos seus resultados funestos.

Compreende-se bem porquê. Enfeudados como país pequeno que não sabe valorizar a sua posição geográfica por medidas sensatas de govêrno, àquêles colossos. que possuam o império do Mar, nós acabaríamos de ser com a Espanha uma pobre terra de passagem se, separados da Europa pelos Pirenéus, nos víssemos separados do resto do mundo pelo imperialismo que houvesse de triunfar no norte de África. «Seria mais um capítulo a ajuntar à crónica lamentável da decadência peninsular — pondera com razão Moniz Barreto — se essa região marroquina, aberta à acção dos dois povos cristãos pela espada

Digitized by Google

de D. João I e dos conquistadores de Ceuta, ilustrada pela valentia dos fronteiros de África, dourada pela fama robusta de D. Afonso V e pela glória nascente de D. João II, consagrada pelo apostolado de Raimundo Lulio, pelo martírio do Infante Santo, pelo sangue de D. Sebastião, venha a cair como Tunes, arrancada por nós, aos bárbaros, das mãos daqueles que no século XVI se ligavam aos inimigos da cultura europeia em proveito das suas conveniências políticas e dos seus interêsses comerciais no Levante.»

Ora parece-me a mim que o receio de Moniz Barreto se começa a revestir de apreensivas linhas proféticas! Indicia um estado de espírito desanimador a atitude dum militar, como Primo de Rivera, não còrando de propor em pleno Senado que se abandone Marrocos e se troque Gibraltar por Ceuta. Irredentismo por irredentismo, antes «el peñon» em poder de estrangeiros do que uma bandeira, que não fôsse a espanhola, flutuando em Ceuta. O perigo e o sarcasmo que Gibraltar representa desdobrar-se-ia em infinitas «Gibraltares» ao longo do Riff, arrancando para sempre à Espanha a hegemonia que de direito lhe pertence, como senhora das bôcas de dois Mares.

Exactamente, o motivo por que Isabel-a-Católica mandava em seu testamento a «*los Reys que después... sucedieren en los dichos mis reinos, que siempre tengan en la Corona e Patrimonio Real del-*

Digitized by Google

*los... la Ciudad de Gibraltar*», — exactamente por êsse alto motivo é que, uma vez perdida Gibraltar, se não deve trocar Ceuta por ela. Ceuta, na posse de Espanha, fincando o pé da Península no território africano, é uma garantia permanente de que Gibraltar, cedo ou tarde, volverá à Espanha. Mas Ceuta alienada por uma política de reles comodismo suïcida, é a Espanha despedindo-se da sua grandeza vindoira e lavrando por seu punho o próprio têrmo de óbito.

Se como estrangeiro me é vedado apreciar com o azedume que me merecem as afirmações do marquês de Estella, como peninsular não me considero de forma nenhuma alheio a uma contenda que toca de perto o coração de Portugal. Quando no horizonte se destaca, com a largada para a América, a nova idade da Península, eis que as duas grandes pátrias hispânicas, desviando os olhos desta promessa de maravilha, porfiam em se negar a si mesmas, como se nada lhes coubesse nos frutos da admirável civilização que outrora souberam criar.

Penetra-me então um fundo pessimismo, — não o pessimismo dos fracos e dos incrédulos, mas um pessimismo heróico, à maneira do de Ganivet, ao confessar que «*en presencia de la ruina espiritual de España hay que ponerse una piedra en el sitio donde está el corazon, y hay que arrojar aunque sea un millón de Españoles à los lobos, si no queremos arrojarnos todos á los puercos.*

O que apodrece em Espanha, impedindo que a

Digitized by Google

nação verdadeira se manifeste, é o seu liberalismo arcaico e caricatural que aprisiona a monarquia e que permite a um general prègar da sua cadeira de senador uma doutrina de ignominioso derrotismo. São os sofistas de ínfima espécie, — genuínos palhaços da Inteligência, como Unamuno e Ortega y Gasset, quem rouba à nação irmã a flama épica em que ela estremece até à medula dos ossos. É um bando de invertebrados e desnacionalizados que preparam para a sua terra o abismo moral e social em que a nossa abala perdida.

É a conjura secreta dos partidos, degladiando-se sem idealidade nem finalidade naquele recorte de pompa sonora e vazia com que Eça de Queirós estigmatizou as doiradas mediocridades do nosso Constitucionalismo. E, no entanto, além do estreito, como que obedecendo a um ditame imperativo da Raça, os soldados vão tombando, de alma ingénua e contente, traídos pelos «moiros» da retaguarda. Porque moiros são, efectivamente, os que quiseram que a Espanha inteira sucumba devorada pelos porcos, a vê-la, como Guzman el Bueno, sacrificando às gerações que hão-de vir, num grande holocausto, a seara florida duma geração que nasceu destinada já por Deus para o resgate da pátria tradicional!

Paixão de Espanha, paixão tão dolorosa e tão demorada! Começou com Cervera, marchando em navios de madeira, ao encontro dos couraçados norte-americanos. E desde essa hora a alma magnânima que

Digitized by Google

gerou o Cid, que inspirou Cisneros e vibra ao longo duma literatura sem par, continua sentada no Pretório, entre o ululur ignaro dos fariseus que a leiloam. Juntou-se-lhes agora a retórica encebada do marquês de Estella. E perante um general que discursa, enquanto há soldados que morrem, como parece de outro tempo e de outra raça aquela passagem duma carta de Cervera, — o glorioso vencido: — «*No por mi tanto como por la pobre España, diré: Señor, si es possible, pase de nosotros este cáliz!*»

(1921).

Digitized by Google

# HISPANISMO E LATINIDADE

Digitized by Google

Digitized by Google

# HISPANISMO E LATINIDADE

## I

ALEGREMO-NOS! Charles Maurras acaba de encarar pela primeira vez o valioso concurso que à restauração das «fôrças latinas» pode trazer um entendimento sincero da França com a Espanha. Se há consolações intelectuais para quem labuta noite e dia na seara vasta das idéias, eis aqui uma delas! A confissão do ilustre mestre do pensamento contra-revolucionário confirma-me na cruzada que iniciei com todo o afinco da minha modesta pena em favor dum maior conhecimento da grande nação a que Mistral chamava a «Espanha magnânima», — é Maurras que no-lo recorda, — e que até agora vivia para o figurino mental importado de Paris quási como uma afloração de africanismo dentro da comunidade europeia.

Nobremente declara Charles Maurras que durante a guerra, se a Espanha permaneceu oficial-

Digitized by Google

mente neutral, o seu coração e o seu espírito vibraram em mais duma ocasião de acôrdo com o inimigo. «*Ni je ne m'étonne, ni je ne m'irrite, ni je ne me plains, cela serait trois fois indigne d'une philosophie politique*, — escreve Maurras. *Je constate vos hiatus d'une belle cadence. Cet hiatus aurait pu être évité.*» Ora como é preciso fugir a que essa dissonância se repita de futuro numa outra estrofe épica, Charles Maurras acrescenta: — «*Que nos amis espagnols nous le pardonnent donc, comme des frères de civilisation et d'éducation: nous aspirons á faire disparaître nos dissidences et à remplacer la défiance par l'amitié.*»

Conservo no seu acento original as palavras do eminente preceptor da Contra-Revolução. Representam, — concordemos! — um alargamento sensível do antigo nacionalismo da *Action-Française*, com freqüência bem molesto e até anti-cristão no enunciado das suas reivindicações. Mas tocado pela lição procedente das realidades e dos tempos, Maurras resolve sair dos palissados da velha cidade gaulesa e restabelecer a sociedade internacional desfeita, estendendo a mão acolhedoramente a parentes e vizinhos. E tudo porque, no deflagrar de tantos e tão inquietantes problemas, «*justement pour debattre leurs intérêts, les peuples animés d'une certaine communaute d'esprit se comprennent plus facilement que les autres, et c'est un principe d'union.*» De modo que, superior ao nacionalismo peculiar a cada

Digitized by Google

uma das pátrias ocidentais, um património mais amplo se alevanta, a que é imperioso acudir: — a Latinidade.

Importa, porém, definir o que seja Latinidade nos seus têrmos exactos. «O historiador filósofo, — observa Maurras —, admirar-se-á um dia que tantos oradores e poetas italianos, franceses, espanhóis e até valões pudessem confundir com o génio da raça o que lhe era mais directamente oposto: não se compreenderá sem dificuldade que tantos Latinos apaixonados, alguns mesmo eminentes, renegassem, em nome da Latinidade, o essencial à herança comum a todos os Latinos.» E o facto da raça e da cultura aparece para Charles Maurras ligado indissolùvelmente ao facto da Religião. Assim a Latinidade se identifica com o catolicismo, que é a sua medula e a sua razão de ser imortal.

Desde que Maurras abriu janelas mais rasgadas no seu nacionalismo, decerto se apercebeu logo que a Latinidade, ainda antes de depurada e vivificada pelo fermento de Cristo, já recebera do génio hispânico um inolvidável e poderosíssimo esfôrço.

De Séneca e Lucano aos imperadores Trajano e Teodósio, é a Península Ibérica que transfunde nas várias camadas de Roma o seu sangue moço e seivoso. A aptidão colonizadora dos seus filhos, séculos depois magnificamente afirmada na criação de mais de vinte nacionalidades americanas, cedo se traduz em Trajano lançando os alicerces da moderna

Digitized by Google

Roménia com colonos levados daqui. E não me parece despropositado lembrar que o povo romeno possui no seu idioma um vocábulo, — «dor», que, sendo inexprimível, só é comparável à nossa «saüdade». (*«Je n'ai trouvé le presque équivalent que dans la langue de nos frères portugais, la* saudade», — diz a poetisa romena Adrio Val na sua conferência *Poétes Roumains.*)

Triunfa o cristianismo na Península e a feição católica do génio hispânico reveste-se de tal universalidade que nós quási podemos asseverar ser o *hispanismo,* depois do catolicismo, a base fundamental do conceito de Latinidade. Na Idade-Média não só salvámos a civilização dominando o crescer da onda maometana, como transmitimos à restante Europa o que do Oriente viera até à Península em adquisições de cultura por intermédio das escolas e dos filósofos árabes. Os trabalhos recentes do professor Asin Palacios ensinam-nos como S. Tomás e como Dante foram intelectualmente nossos tributários.

Sucedem-se as Descobertas e com elas uma nova dilatação da cristandade, trazendo-se à ciência novos horizontes e novas soluções. Sem reserva e sem desprimor, nessa hora máxima da história, que Charles Maurras continua adornando com o falso prestígio da Renascença, enquanto os portugueses na Índia feriam o Islamismo pelas costas, impedindo o seu avanço até ao coração da Europa Central, e Carlos V limpava de piratas, com a nossa colaboração,

Digitized by Google

o antigo mar latino, e defendia a Igreja dos assaltos da reforma, — em França Francisco I não hesitava em se aliar ao turco e em pactuar com o Protestantismo.

Por isso nós merecemos um Camões, — intérprete supremo da consciência culta e religiosa daquela época, ao passo que a França, discípula, — acentue-se, — dos nossos humanistas, se contentava consigo própria escutando o diálogo de Ronsard com as Musas à sombra da vinha de mestre Horácio.

E o inventário não terminaria ainda, se de mais carecêssemos para demonstrar como o génio hispânico nas suas duas metades inseparáveis, — Portugal e Castela — constitui, na verdade, pelo carácter universal da sua vocação histórica, a coluna dorsal da Latinidade. Reconhece-o Maurras, finalmente, reabilitando a sua pátria do juízo sumário de Mr. Masson, ao preguntar, em 1782, na *Enciclopedia*: — «*Mais que doit-on à l'Espagne? Et depuis deux siècles, depuis quatre, depuis six qu'a-t'elle fait pour l'Europe?*» E reconhece-o, porque, seguindo com o seu espírito penetrante a moralidade que a história da obra civilizadora da Espanha no Novo Mundo oferece à meditação de todo o pensador, teve que se render à necessidade de expurgar da inteligência francesa a mentira que nela incrustara a interrogação caluniosa de Mr. Masson. Por mais de um século a Espanha sofreu as campanhas sistemá-



Digitized by Google

ticas do ódio jacobino, que nunca lhe perdoou, com o ser o baluarte firme da Igreja contra a Reforma e contra o Judaísmo, a sua adesão incondicional ao primado augustíssimo de Roma. É que o Catolicismo representa alguma coisa de próprio na conformação da alma espanhola, a ponto de o devermos tomar na Península como uma genuína expressão social, quando na vida dos outros povos se manifesta só de fora para dentro, — pelo lado ecuménico da sua natureza religiosa.

Digitized by Google

## II

ASSIM se explica que espanhóis e portugueses mereçam verdadeiramente o nobre título de criadores de nacionalidades. Não se perderam decerto essas virtudes ancestrais, desde que se mantém intacto o seu princípio vivificador. Tal é o que Charles Maurras sugere ao numeroso convívio dos seus discípulos no prefácio que estampou à frente do livro de Marius André, — *La fin de l'empire espagnol d'Amerique.*

A base americana tantas vezes acentuada por mim como motivo imediato duma aproximação entre Espanha e Portugal, foi evidentemente o elemento que mais pesou na reflexão de Maurras. Ao dirigir-se à Espanha em acto de penitência pública, considera Maurras inteligentemente o tesoiro das suas grandes energias morais como preâmbulo essencial a uma definitiva reorganização das «fôrças latinas» — sinónimo evidente das fôrças da ordem. Conhecida a separação profundíssima de espírito que põe entre a Espanha e a França uma divisória bem mais intransponível que a linha geográfica dos Pirenéus, dificilmente se marchava para um entendi-

Digitized by Google

mento das possibilidades ocidentais da Contra-Revolução, visto ser, sobretudo, no tradicionalismo espanhol que existe, por causa do justo orgulho patriótico, o maior ressentimento da Espanha para com a França.

O primeiro passo deu-se, porém — e deu-se com notável espontaneidade por parte de Charles Maurras. Compreendeu Maurras que ùnicamente por intermédio da Espanha será possível a agremiação contra-revolucionária da América-Hispânica. E eu não exagero acrescentando que só por semelhante facto a Contra-Revolução ganhou uma importante e decisiva batalha. Outro não é o sentido social do livro de Marius André.

Viveu Marius André bastante tempo em Espanha. Como nota pessoal direi aqui que num pequeno grupo de rapazes galegos a que por vezes me associava, encontrei vestígios da sua passagem, e não supondo, porém, a que espécie de trabalho o seu espírito tão metódico e objectivo se andava dedicando. E como todo o estrangeiro que familiarmente se senta à lareira da boa e acolhedora Castela, Marius André deixou-se possuir pelo secreto encanto dessa grande Madre caluniada. Pois foi com gentil desassombro que lhe pagou a sua dívida de hospitalidade, corrigindo os erros e as falsidades que a respeito da acção de Espanha na América pululam à farta nos manuais de ciência oficial, todos bebendo da mesma fonte, — o alemão Gervinus.

A tese sustentada e plenamente demonstrada por

Digitized by Google

Marius André em relação à guerra da Emancipação, na América espanhola, é a que êle lapidou num período transparente: — «A guerra hispano-americana é uma guerra civil entre Americanos que querem, uns a continuação do regime espanhol, outros a independência com Fernando VII, ou um dos seus parentes como rei, ou ainda debaixo do regime republicano.»

Não acompanharei Marius André na sua refutação, aliás bem fácil, das acusações tornadas já proverbiais sôbre os processos colonizadores da Espanha. Não obstante, registarei uma passagem sua. «A Espanha, — observa, — empobrecida, despovoada, em estado quási de guerra permanente na Europa, tinha podido, durante mais de trezentos anos, conservar um longínquo império, o maior que o mundo conhecera até à data, — sem exército profissional, graças a um sistema de govêrno que, se não foi sempre o mais inteligente quanto ao ponto de vista económico, foi, pelo menos, o mais humano e o mais paternal de todos para com os indígenas e os creoulos e, pelo que respeita a certos aspectos, o mais conforme com as tradições da república romana.»

E contràriamente à opinião mantida pelo lugar comum em voga durante perto de cem anos, o autor de *La fin de l'empire espagnol* condensa no trecho seguinte aquela parte de verdade que o seu estudo acaba de trazer ao património intelectual da Latini-

Digitized by Google

dade, mas da Latinidade Católica, — não da Latinidade Maçónica: — «Para que o movimento de emancipação apaixonasse as massas, triunfasse e concluísse na república, foi necessário que o povo espanhol se revoltasse contra Napoleão e que os súbditos de Além-mar recusassem também submeter-se ao usurpador. A independência e a república nasceram na América das unânimes manifestações de fidelidade ao regime decaído e à religião católica.»

A revolução hispano-americana será, pois, não uma filha da revolução francesa, como o afirmam numerosos historiadores europeus, mas, ao contrário, uma reacção contra essa revolução, sobretudo no que ela teve de anti-religioso. O aspecto da questão transforma-se inteiramente. E embora assome no volume de Marius André, numa ligeira referência e um tanto encoberta na designação vaga de «*infante Charlotte*», como se enche de extraordinária claridade a atitude da nossa D. Carlota Joaquina perante o lealismo borbónico dos seus adeptos de Montevideu e Buenos Aires! Já na sua política americanista a espôsa de D. João VI revelara com um tacto admirável, mas naturalíssimo numa filha e neta de Reis, aquela firmeza e superior clarividência que mais tarde manifestaria na defesa da sociedade tradicional.

E não prossigo no desfile de idéias que o livro de Marius André lògicamente me suscita. O seu significado parece-me que ficou assente e bem defi-

Digitized by Google

nido. Creio que o destino lhe reserva, por meio do inolvidável prefácio de Charles Maurras, um papel de infinito alcance na dissipação dos preconceitos, que adentro da mesma cidadela católica e monárquica incompatibilizaram até agora franceses e espanhóis. Se das fileiras da Revolução saíu há um século a pregunta injuriosa de Mr. Masson, das hostes da Contra-Revolução responde-lhe enfim vitoriosamente o autor da *Enquête sur la Monarchie*.

Por nosso lado, com as nossas campanhas peninsularistas, gostosamente temos contribuído para êsse aumento de latinidade, — o mesmo é que de Cristandade —, que Maurras preconiza.

Bem podíamos agora festejar o triunfo legítimo duma iniciativa que só a nós em Portugal nos pertence! Preferimos, porém, redobrar de energia no caminho percorrido, para que a unidade das «fôrças latinas», enlaçando o Atlântico num abraço de eterna juventude, desenvolva o seu vôo amplíssimo, graças ao milagre sempre vivo do hispanismo.

No ondular da sua cadência heróica, o Oceano das Descobertas tornar-se-á um mar doméstico, — um sorridente *Mare nostrum* de águas quietas e azuis.

Assim o quere o esfôrço de espanhóis e portugueses, conjugados outrora no mesmo amor da Fé e do Império, quando Francisco I se aliava ao Turco, arrancando a Camões um rugido de indignação. Mas o hiato adoçou-se até desaparecer de todo e

Digitized by Google

dir-se-ia que a Musa da Epopeia levanta a voz sonora e grandíloqua. Silêncio!

Assistido da cigarra divina da Provença, é Charles Maurras que está entoando, em honra da «Espanha magnânima» a saüdação do velho Mistral.

(1922).

Digitized by Google

# PORTUGUESES E ESPANHÓIS

Digitized by Google

Digitized by Google

# PORTUGUESES E ESPANHÓIS

NA verdadeira Assembléia da História, que deve ser a Festa da Raça, não pode faltar a representação de Portugal desde que o conceito de Raça se tem como um conceito ético e cultural da mesma civilização.

Assim o entendeu em Portugal o grande espírito de Oliveira Martins. Assim o entendeu numa estrofe sua o imortal Camões, como o entenderia, três séculos mais tarde, outro poeta português admirável, o visconde de Almeida Garrett.

Hoje, que o destino das duas pátrias peninsulares encontram o seu natural prolongamento nos destinos da América, impròpriamente chamada «latina», temos que empreender uma emprêsa, que é fundamental, e por si só a condição única para que o futuro glorioso da Península se converta depressa numa realidade de maravilha.

Recorda-me muitas vezes aquela página em que

Digitized by Google

Ganivet, no seu *Idearum Español*, nos fala da agonia dum miserável expatriado americano sôbre a enxêrga dum hospital de Antuérpia. Agaton Tinoco se chamava o desgraçado, e nêle descobriu a rara penetração intelectual de Gavinet um símbolo inolvidável. Êsse símbolo trago-o sempre presente na memória.

É bem o símbolo da Raça, que criou a América e salvou a civilização cristã, rica de idealismo, formidável de heroïcidade. Mas destroçada e caluniada no momento que passa, porque ùnicamente ouve as palavras que dividem e não as palavras que congregam e unificam. A história de Espanha e Portugal é, por desgraça, a triste prova dêsse êrro secular. Ramos nobilíssimos do mesmo avoengo, espanhóis e portugueses ignoram-se recìprocamente num criminoso olvido do glorioso património, que é obra comum dos dois povos.

Quando o tradicionalismo, pela bôca de Vasquez de Mella, apregoa a necessidade duma aliança com Portugal, para que a Espanha possa ter uma política externa segura e enérgica, não é sòmente o interêsse de Espanha que enche de acentos viris e inflamados a voz do incomparável tribuno. O interêsse de Portugal vê-se compreendido na velha aspiração de todos os bons patriotas espanhóis. É que Portugal, sem um entendimento fraternal e sincero com a Espanha, não poderá recuperar a sua perdida influência no mundo, como nação atlântica que é.

O nosso rumo, o rumo verdadeiro da Península

Digitized by Google

leva-nos à América. Como ir à América, como lançar as bases duma perdurável «sociedade das nações hispânicas», sem que prèviamente Espanha e Portugal se abracem sem reservas nem ocultas vacilações? Um grande esfôrço de inteligência se impõe como porta de passagem para o resto. Temos, antes de tudo, de apossar-nos dos sentimentos e das mentalidades. Existe em Portugal uma «legenda negra» contra Castela como existe em Castela uma «legenda negra» contra Portugal. Parte dos espanhóis parece que nos desprezam e alguns portugueses não disfarçam as suas más disposições contra Espanha. Tanto o ódio como a indiferença são pecados mortais. No seu poema, Dante põe cêrca dos danados por violência os danados por passividade.

Um acto de amor, de amor à Raça e ao seu génio imortal, seja o nosso anelo imediato! E comecemos já com a revisão necessária dos velhos motivos que nos separam e enfraquecem através da História, para proveito de terceiros. Tânger não seria uma túnica disputada por estranhos, se Portugal e Espanha, em identidade perfeita de visão, olhassem mais alto que as suas passadas contendas, sem significado hoje.

Para que a estreita comunhão entre os dois povos se afirme, dissipando sombras que perturbam, basta recordar que Isabel-a-Católica, a grande Isabel, encarnação suprema da Espanha genuína e cavalheiresca, ela, que nos venceu em Toro, era bisneta,

Digitized by Google

tanto do Monarca vencedor de Aljubarrota, como do que ali foi vencido.

Dom Juan Vasquez de Mella disse por isso uma imensa e transcendental verdade, ao confessar, no seu memorável discurso da «Semana Regional», de Santiago, que sentiu um intenso afecto ao povo irmão, quando visitou o nosso Mosteiro da Batalha, onde descansam os restos do vencedor de Avis e do vencido de Toro. E com as rajadas da sua inspirada eloqüência, Mella acrescenta: — «Como se êle (o Mosteiro da Batalha) fôsse levantado, mais que à discórdia entre Castela e Portugal, a uma unidade superior aos dois.»

O mesmo senti eu na Catedral de Toledo, de joelhos na capela dos «Reyes Nuevos», onde a bandeira de Portugal, colhida em Toro, se desprende, pesarosa desde as altas abóbadas, sôbre o túmulo do desventurado Dom João I, de Castela.

A mão de Isabel, filha de portuguesa e herdeira do sangue de Avis, ofereceu assim como em esfôrço póstumo, ao desbaratado de Aljubarrota, a insígnia que ela tomara em Toro, e que era a insígnia vitoriosa de outro seu bisavô Dom João I, de Portugal.

Pois não me magoei eu com a recordação dolorosa, como Mella não se magoara debaixo das arcadas do templo da Batalha. É que o meu espírito sentiu ali, na majestosa igreja toledana, que uma unidade superior a Castela e Portugal ligava as duas

Digitized by Google

pátrias imperdurâvelmente nas páginas mais belas e mais sagradas de tôda a História.

Tenhâmo-lo nós presente hoje, dia da Raça, festa da nossa civilização. Era português o marinheiro que fêz a primeira viagem de circunnavegação: mas as naus eram de Castela. Eram de Castela as naus em que Colombo foi ao descobrimento do Novo Mundo; mas, Colombo, viúvo duma mulher lusitana, teve por mestres seus os pilotos de Portugal.

Sempre a admirável unidade entrevista por Mella no templo da Batalha! Sempre a admirável unidade que Toledo, a misteriosa Toledo, me revelou. Portugueses e espanhóis pelejaram juntos nas Navas-de-Tolosa e no Salado, durante a formidável epopeia da Reconquista. Juntos fomos contra os piratas berberiscos, que infestavam o Mediterrâneo. Juntos sangrámos na guerra da Independência, destroçando a altiva águia napoleónica.

E se passamos dos fastos da História aos anais da Literatura e da Arte, nós veremos que Gil Vicente, Luís de Camões, Sá de Miranda, D. Francisco Manuel de Melo, são clássicos da Língua Castelhana. Em troca, o Teatro Espanhol do Século de Ouro está todo cheio do nome de Portugal, com Calderon de la Barca, no *Principe Constante;* com Tirso de Molina, em *Las Quinas de Portugal* e em *El Vergunzoso en Palacio;* e com Velez de Guevara, em Reynar *despues de morir.*

É essa a época de Filipe II, conceituado injusta-

Digitized by Google

mente como um taciturno dominador da minha Pátria; mas que a amou talvez como poucos Monarcas seus. Filipe nasceu da grande Isabel de Portugal, — a formosíssima Imperatriz que inspirou a Ticiano um conhecido retrato e que por sua morte levou o duque de Gândia aos caminhos da santidade.

Isabel foi tão amada por Carlos V, seu espôso, que o Cardeal Cienfuegos, biógrafo de S. Francisco de Borja, nos conta que o Imperador chorou tanto a perda de Isabel, que até parecia ter-se-lhe pegado alguma coisa da ternura portuguesa.

*Miradas de menina y corazon de portugués*, — diz Cervantes dum personagem das suas novelas. Pois em Filipe II, o imperturbável Filipe, se nota a mesma ternura, devida sem dúvida à sua costela lusitana. Demonstram-no bem as cartas que de Lisboa escreveu a sua filha, — a insigne Isabel Clara Eugénia. Por elas se vê que Filipe sofria também do mal tão português da saüdade. «*De lo que más soledad he tenido es del cantar de los ruiseñores, que hogaño no les he oydo...*» Filipe amando o canto dos rouxinóis pela noite escura! E tudo fica dito com o seu testemunho inesperado.

Pelas suas princesas, pelos seus escritores, pelos seus soldados, Portugal e Espanha abraçam-se numa afinidade que, constituindo o desígnio de Deus, seria sacrilégio nosso não estreitar ainda mais. Que a festa da Raça se torne depressa numa fervorosa solenidade de reconciliação. Que Espanha e Portu-

Digitized by Google

gal encarem bem de frente, como dois irmãos perdidos que se encontram por fim, depois de extraviados, por tantos trabalhos e por tantas insídias. E logo, sem mais demoras, portugueses e espanhóis, marcharemos a ver do nosso destino imortal, cuja estrofe imorredoira o Atlântico repete sem cessar no ritmo sempre moço das ondas que vão e vêm.

Terminará então a agonia daquele pobre Agaton Tinoco, de quem Ganivet nos fala. E Mella, profeta da Raça sentirá que é êsse o momento do futuro se rasgar a tôda a magnífica promessa, contida nos três dogmas de Espanha.

(1920).



Digitized by Google

Digitized by Google

# «PORTUGAL, TIERRA GENSOR!»

Digitized by Google

Digitized by Google

# «PORTUGAL, TIERRA GENSOR!»

## I

NA dispersão ideológica da Espanha moderna, Ramiro de Maeztu é, sem dúvida, um dos vários espíritos que procuram através da selva escura das doutrinas encontrar para o seu pensamento inquieto uma conclusão definitiva e salutar. Domina-o uma ânsia nobilíssima de construir, e assim não nos surpreende que a forte tonalidade orgânica do seu temperamento o traga por vezes a soluções que se não são integralistas, são, pelo menos, pre-integralistas. Conheço de há muito — desde que êle apareceu — um livro de Ramiro de Maeztu, «*La crisis del humanismo*». Pois outras não foram as reflexões que a sua leitura me suscitou, depois de lhe passar a última página. Alguém me manda agora as notas mais directas e mais impressionantes da recente conferência de Ramiro de Maeztu sôbre Portugal e o nosso lirismo.

Digitized by Google

Novamente me encontro com o parentesco mental que já anteriormente me surpreendera nas direcções críticas de Ramiro de Maeztu. Motivo para crescida alegria, não me é lícito ocultá-lo, sobretudo desde que na sua conferência, perante um público pasmado de tão sincera humildade de inteligência, Ramiro de Maeztu não hesitou em confessar que a sua viagem a Portugal o deixara tão profundamente perturbado que se a houvesse feito em mais novo teria mudado por completo o rumo da sua vida espiritual.

Sente-se Ramiro de Maeztu sinceramente tocado da confusa agonia para que a falência do naturalismo filosófico do século XVIII atirou o que nos restava da sociedade tradicional. Fora ainda, tanto em religião como em sociologia, dos conceitos em que nós acabámos por nos repousar, tal como no *Inveni portum!* da exclamação contente de Jules Lemaitre, Ramiro de Maeztu, ao declarar em crise o «humanismo», proclama sem condições a inutilidade de tôda a quimera individualista, desde os pórticos doirados da Renascença ao drama sem dignidade em que o actual mundo burguês vai naufragando aos bocados.

Pedindo, pelo contrário, à teologia católica o significado altíssimo do dogma do «pecado original», inspira-se Ramiro de Maeztu numa concepção pessimista dos homens e dos factos para passar em revisão tudo quanto em idéias feitas se recebera do património moral e político das gerações transactas. E assim o escritor, aceitando de Duguit o conceito

Digitized by Google

objectivo do Estado e do publicista inglês A. R. Orage as reivindicações económicas do gremialismo, assume uma atitude intelectual, que o coloca, por paradoxal que isso lhe pareça, nas proximidades mais afectuosas do *Integralismo*.

Mas não é da obra e das intenções de Ramiro de Maeztu em relação aos grandes problemas da hora presente que eu me quero ocupar. Conhecida a sua interessantíssima figura de pensador, o meu desejo é sublinhar com o maior aplauso as afirmações de Maeztu sôbre Portugal e o Lirismo. A idéia central de Maeztu na sua aludida conferência incidiu sôbre a divisória psíquica que irmana e separa a um tempo as duas nacionalidades hispânicas — Castela e Portugal. Pertenceu a Portugal, na repartição dos bens familiares, o espírito lírico, ficando Castela com o espírito dramático. Em antecipado acôrdo com Maeztu, espero demonstrar, nessa ordem de considerações, que o Lirismo, gerando o *Sebastianismo* como *filosofia* da alma portuguesa, encontra como *filosofia* da alma castelhana, ao outro lado da fronteira, o *Quixotismo*, nascido do alto sentido patético da existência, que é o segrêdo em Castela das suas catedrais, dos seus pintores e dos seus heróis (1).

De resto, já a tal respeito o malogrado Moniz Barreto se exprimia da seguinte maneira no seu estudo

(1) Vid. *A Aliança Peninsular*, ed. da Liv. Civilização, do Pôrto.

Digitized by Google

*A literatura portuguesa contemporânea (Revista de Portugal, 1889)*: — «A nós, peninsulares, a função que coube na História é o Heroísmo e a Fé... A capacidade de afirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendência singularmente nobre, de transformar o mundo à imagem do nosso ideal, uma generosa impaciência de perfeição, o desdém da beleza plástica e das delicadezas aristocráticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade trágica, eis outros tantos traços do génio peninsular. Êste génio produz uma singular concepção da vida, que se manifesta por uma religião realista e violenta, por uma política absoluta e insensata, pela preponderância do génio da aventura e ausência de capacidade prática; que põe o amor no casamento, o ideal na acção, a beleza no valor moral; que inspira os maiores prodígios de energia no mundo moderno, e faz que a nossa história seja como o lenço da Verónica a sangrenta efígie da nossa alma. Importado para a Literatura, êsse génio produz um lirismo robusto e monótono, um teatro destituído de análise de caracteres, mas animado pelas idéias da honra e da morte, sátiras dum sarcasmo violento, romances em que a acção absorve a análise e que são a pintura da realidade crua e feia, e a maior das modernas epopeias.»

«Mas para produzi-la foi preciso a intervenção do génio português — continua Moniz Barreto. — Do corpo das populações ibéricas, dominadas e unificadas pelo génio castelhano, destaca-se, pela influência ocidental

Digitized by Google

de circunstâncias históricas, uma estreita faixa da orla marítima. Esta estreita faixa se constitui em nação independente, e durante cem anos exerce um papel culminante na história moderna. Em sincronismo necessário com esta explosão de vida activa, desabrocha uma breve mas esplêndida floração literária. Se estudarmos os documentos que a constituem e completarmos êsse estudo pelo exame das produções que datam da renascença românica, nada acharemos nêles que distinga constitucionalmente o nosso génio do das populações ibéricas constituídas numa nação espanhola... Mas um exame mais atento descobrirá certas qualidades secundárias que, dando uma fisionomia peculiar ao nosso espírito, se reflectem na nossa literatura: uma maior capacidade de compreender e assimilar, uma menor energia de afirmação e crença, uma sensibilidade mais delicada e profunda, um carácter menos rigoroso e mais nobre, mais razão e menos vontade, heróis mais humanos, mulheres mais mulheres, alguma coisa de saüdoso e vago, de grave e triste, entranhas mais úmidas e o dom das lágrimas.

«Êstes traços manifestam-se na nossa literatura por um lirismo profundo e sentido, expressão duma alma amorosa e meiga; por um teatro capaz de pintar caracteres e espelhar a vida; por uma, ainda que tardia, floração de romances em que a análise do coração não é anulada em proveito da acção, e, finalmente, por uma criação épica em que a grandeza heróica do génio peninsular é vasada em moldes duma nobreza

Digitized by Google

essencialmente nossa. Se êsses traços — remata Moniz Barreto — não são bastantes para constituir um génio àparte, são contudo suficientes para dar à nossa literatura um carácter peculiar, e para nos assegurar, num futuro próximo, uma intervenção salutífera na marcha da cultura dos povos peninsulares.» Certamente que há exageros de criticismo no juízo de Moniz Barreto. Mas por demorada que fôsse a transcrição, absolvemo-nos gostosamente de a têrmos aqui incrustado, pela palpitante actualidade que lhe acaba de dispensar a palavra amiga de Ramiro de Maeztu. Claro que hoje, desde o campo da geografia à lição da história, a nacionalidade portuguesa acha-se bem individualizada, tendo contribuído notàvelmente para isso a ciência e a erudição espanholas. Suponho, portanto, desnecessário detalhar as corrigendas que, naturalmente, o depoïmento de Moniz Barreto me suscitaria.

Destacando, porém, o essencial do que é acidental, concordemos com êle em que a riqueza lírica da alma portuguesa marca-nos dentro das outras famílias hispânicas um lugar muito próprio e bem inconfundível. Ora não foi outro o ponto em que Ramiro de Maeztu insistiu. E compreendendo magnificamente que o génio peninsular é formado por duas metades — Portugal e Castela — o autor de *La crisis del humanismo*, com o mais belo cunho de sinceridade, não duvidou em reconhecer que, enclaustrada no seu planalto, Castela morrerá de avidez se não se

Digitized by Google

deixar penetrar, como outrora, pelos mananciais do lirismo lusitano, enquanto Portugal, isolado de Castela, se liquefará no seu sonho de sempre, se não se põe em contacto com a tonificadora aspereza castelhana.

Assistimos ainda na sua forma embrionária a um curioso fenómeno na vida da Península.

E é ao regresso pelos caminhos da Inteligência àquêle admirável paralelismo político e cultural, que tomou expressão prestigiosa no apogeu do século XVI, a ponto de Camões, nos *Lusíadas*, encarando a Espanha como uma designação geográfica, apresentar aos portugueses:

Huma gente fortissima de Espanha.

Havia então, como não existe hoje, uma consciência peninsular. Nós passaremos a ver como Portugal actuou na formação dêsse estado de espírito e que lugar de superior hegemonia manteve sempre dentro dêle. Por outro lado, não nos esqueçamos que, àparte brigas fratricidas, bem depressa terminadas em reconciliação incondicional (D. Duarte, filho duma cunhada de Henrique III de Castela, casou com uma neta do vencido de Aljubarrota, enquanto Isabel-a-Católica era neta do mestre de Avis, como filha de portuguesa), a ternura de Castela por Portugal foi sempre tão grande e tão funda, que, ao referir-se-lhe, a Crónica *rimada del Cid*, lhe chama enternecidamente:

Portugal, essa tierra gensor!

Digitized by Google

Digitized by Google

## II

PRECISAMENTE quando Portugal se prende a Castela debaixo da monarquia dualista dos Áustrias, é que a nossa influência se manifesta ali pelo que de especialmente afectivo existe na alma lusitana. «*Tengo los ojos niños y portuguesa el alma...*» diz-nos um personagem de Lope de Vega. E em Calderon de la Barca — no *Príncipe constante*, a alguns anos do ano libertador de 1640, Brito gritaria com o melhor sabor camoneano:

«*Que ainda mortos somos portugueses!*»

Então em Tirso de Molina o lusitanismo constituirá quási o exclusivo tema inspirador da sua opulenta actividade literária. Além da *Gallega Mari-Fernández* e de *El vergonzoso en palacio*, lembrarei de Tirso as *Quinas de Portugal* em que se dramatiza a lenda do «milagre de Ourique» já com aquêle forte acento místico de predestinação nacional, que tanto havia de actuar depois nas lutas jurídicas e militares do Portugal-Restaurado.

Vinha, de resto, muito de atraz êsse sentimento

Digitized by Google

unânime nas coisas de Castela por «Portugal *tierra* gensor». Não nos olvidemos de que um biógrafo de S. Francisco de Borja, falando-nos da angústia em que sepultara Carlos V a morte da imperatriz Isabel sua espôsa, se exprime em têrmos que para nós serão sempre doces de recordar. «*Las demonstraciones del Emperador en esta desgracia*,—observa êle — *fueron iguales a la perdida, llorando tanto tiempo, y con tanta alma, que se conocia bien que con el trato de la Emperatriz, se le habia pegado toda la ternura portuguesa.*» Por alma e graça das nossas princesas, que o destino adornou com os florões da coroa de Castela, a penetração de Portugal nos costumes e na sensibilidade do país vizinho foi tão grande, que M.me Roblot-Delondre, na sua recente e bela monografia *Portraits d'infantes*, assinala a circunstância deveras significativa de têrmos introduzido nos usos da côrte de Filipe o gôsto das modas portuguesas.

Correndo-lhe nas veias mais sangue nosso do que sangue castelhano, Filipe II, tão caluniado pela história sectária, aparece-nos, até, à verdadeira luz da crítica, como um caso interessantíssimo de lusitanismo. Educado pela austera D. Leonor de Mascarenhas, a quem Sá de Miranda chama a nossa «Vittoria Colonna», Filipe glosou, ao que parece, versos do próprio Camões; e de Lisboa, escrevendo para suas filhas, as infantitas Isabel Clara Eugénia e Catarina Micaela, confessava-lhes enternecidamente

Digitized by Google

que «*de lo que más soledad he tenido es del cantar de los ruiseñores, que ogaño no los he oydo*».

Filipe com saüdades do cantar dos rouxinóis pela noite funda, eis um símbolo admirável que nos ajuda a compreender como fr. Luís de Sousa não hesitava em afirmar que, porque se tratava dum estrangeiro, «*fazendo justiça nos fez mais favor que todos os passados Reys de Portugal*»! E muito mais se poderia alegar aqui, se não ficasse já suficientemente demonstrado como pela virtude lírica de Portugal a nossa personalidade se guardou, robusta e intacta, mesmo na hora bacenta em que esteve arriscada a dissolver-se na mole imponente do império dos Áustrias.

Por mercê, até, da língua castelhana, o nosso lirismo, acomodado na *Diana* de Jorge-de-Montemor às preferências literárias da época, iria tornar-se depressa europeu, influenciando, através da *Astrea*, de Honoré d'Urfé, o solitarismo patético de Jean-Jacques Rousseau.

É interessante, na verdade, considerar como os idílios espúrios da Bondade-Natural, que geraram a demência universal da Revolução, descendem por bastardia da musa ingénua e moça dos nossos *Cancioneiros*!

Elevando assim o Lirismo às honras de qualidade madre do nosso génio, nós fàcilmente verificaríamos como êle corresponde a uma estrutura social, de espírito e instituïções comunitárias, bem diversa da

Digitized by Google

índole individualista que Castela impôs como sua às restantes nacionalidades hispânicas. Por êsse individualismo fundamental, Castela produz na Idade-Média a gesta heróica que, prosoficada mais tarde, veio aumentar a linhagem farta dos dramaturgos do século XVII, com Lope de Vega, Tirso, Calderon, etc., etc. Compreende-se dêste modo como no Lirismo se inclui irrefutàvelmente a teoria da Pátria portuguesa. Com a sua acurada penetração crítica, Menendez y Pelayo viu-se levado a concluir pela origem galaico-lusitana do *Amadis*, tanto em sentimentos, como em matéria de inspiração, êle diferia do vento agreste e batalhador que animava as rimas do *Cantar de Mio Cid*.

Só num aspecto Menendez y Pelayo se enganava. E era em supor o lirismo congénito do *Amadis* e, conseqüentemente, a ampla revoada poética em que êle entroncava, como um excesso feminil de sensibilidade, tocando quási as raias duma deliqüescência da alma.

Rectifica-se a apreciação de Menendez y Pelayo, lembrando simplesmente que Camões, um lírico, criou nos *Lusíadas* a epopeia moderna e que o Encoberto, como mito, não é mais do que uma assombrosa criação do nosso lirismo. Supunha Menendez y Pelayo erradamente que a impressionabilidade lírica exclui a capacidade de acção. Mas a êste respeito observava D. Ramiro de Maeztu, na sua bela conferência, que «a Inglaterra, país de acção, é um país

Digitized by Google

de líricos, enquanto que a Irlanda nunca, ou quási nunca, os produziu».

E porque nos encontramos de novo com o nome de Ramiro de Maeztu, é tempo de lhe agradecermos a nobilíssima justiça com que se ocupou de Portugal! Por labor da solicitude crescente dum pequeno, mas ardoroso, grupo de espanhóis pelas coisas da boa e desventurada terra lusitana, assistimos, — insisto —, ao refazer lentíssimo daquela consciência hispânica que, deparando em Camões um dos seus mais gloriosos definidores, não importa consigo nem ideais absolutos de conquista, nem fantasias estultas de federação.

Apelativo geográfico, a «Espanha» «com nações diferentes se engrandece», — já comentava Camões. Num verso simples dos *Lusíadas* se resume pela concisão latina do grande varão de Quinhentos, o verdadeiro pensamento do «hispanismo», acrescido agora da razão eminentemente americanista da política peninsular, a que o próprio Charles Maurras acaba de assinalar o incomensurável alcance.

Ajuda-nos nessa imensa obra de restaurar a fisionomia espiritual da velha e perdida comunhão hispânica o concurso voluntário e inesperado de Ramiro de Maeztu. É imperioso que a história da Península deixe de ser, como «o lenço da Verónica, a sangrenta efígie da nossa alma,» — na imagem dolorosamente incisiva de Moniz Barreto. Decerto assim o entende o autor de *La Crisis del humanismo*, ao



Digitized by Google

exclamar perante o seu auditório emocionado que «*ningun país de los que ha recurrido le deslumbró como Portugal, cuya impresión solo puede comparar á la que le dejaran las lecturas juveniles acerca del Oriente*».

Por isso, Ramiro de Maeztu acrescenta que «*en Portugal están los liricos más grandes del mundo actual, y que si esto lo supiesen todos los liricos de los demás paises, Portugal seria para ellos su Benarés y su Meca y su Atenas...*» Ressurge enfim dos limbos do passado o mais lindo morgadio da nossa Raça! Introdu-lo na universalidade da cultura europeia o depoimento sincero dum escritor que, vencendo preconceitos da sua própria mentalidade, é agora, na patriarcal lareira espanhola, um dos mais apaixonados defensores do casamento de Portugal com Castela. Se dêsse casamento nasceu outrora a Idade-Moderna, talvez que por êle a civilização se venha ainda a salvar do enigmático destino em que parece desfeita!

(1922).

Digitized by Google

# PORTUGAL-RESTAURADO

Digitized by Google

Digitized by Google

# PORTUGAL-RESTAURADO

SE eu estivesse lá longe, perto da minha colina inspirada, iria sentar-me, no esplendor da tarde hibernal, junto ao Padrão da Batalha. E era para fortificar o meu espírito no silêncio e na esperança que eu subiria hoje àquêle lugar sagrado, donde sinto que tiram alimento as raízes mais profundas da minha ancestralidade. Talvez, na tristeza doce dos horizontes, a païsagem se transfigurasse, como por milagre, ao grande calor em que a alma se me amplia e dilata. Nada na aparência mais estranho, — em verdade vos digo! —, do que escrever de 1640, sentado à lareira acolhedora de Castela. Todavia, nada mais sereno nem nada mais conforme à letra rústica, mas comovida e nobre, que eu aprendi de cor lá longe, com os olhos de dentro, de tanto a ler e reler, na minha colina inspirada, à volta do granito lôsco do Padrão!

Não recordarei o desbarato cerrado das tropas

Digitized by Google

contrárias, nem a alegria modesta com que o triunfo se celebra. Só quero recordar-me de que ali se dão graças, por bôca dos avós de Seiscentos, ao Senhor dos Exércitos e das Vitórias e se pede com humildade tocante a todos os mortais, para que roguem a Deus pelo descanso de quantos perderam as vidas ou se encontraram, pelejando, nesse duro e porfiado duelo. Envoltos na mesma piedade, irmãos na fé e na bravura, a virtude redentora da Oração não distingue sôbre o campo razo da morte amigos de inimigos, invadidos de invasores, castelhanos de portugueses. E são os avós de Seiscentos quem fala, logo a o dia seguinte da batalha, — são os que expuseram os peitos e arriscaram a fazenda para que tivéssemos de novo o nosso rei natural e nossas naturais instituïções.

Rei natural e naturais instituïções queremos nós agora recuperar também para Portugal, a fim de que Portugal seja outra vez Portugal-Restaurado. Mas Portugal-Restaurado não é só um Portugal-Restaurado em plena soberania, adentro dos seus limites geográficos. Portugal-Restaurado é ainda um Portugal católico e monárquico, cuja vocação no mundo foi dilatar a Fé e o Império. Da dilatação, por plagas adustas, da Fé e do Império, nasceram para a marcha dos séculos mais de vinte nacionalidades. Para isso predestinou Deus a Portugal, como predestinou a Castela, sua irmã mais velha. Como Portugal, Castela é o pelicano sangrando. Sangrámos

Digitized by Google

juntos nas Navas-de-Tolosa e no Salado, — e nos seus fundamentos cristãos a civilização se salvou da barbaria agarena. Sangrámos, ao lado uns dos outros, na descoberta do Oceano, — e dum nevoeiro de incertezas e terrores a América irrompeu, na abundância magnífica da sua magnífica adolescência. Caíra em poder dos berberiscos o Mediterrâneo, — o *mare nostrum* da tradição clássica, o verdadeiro lago da cultura antiga, e, na tomada da Goleta, Portugal e Castela detiveram a ameaça do Crescente, avançando sôbre a Europa dividida e enfraquecida.

É certo que Castela passou as nossas fronteiras; mas depressa Aljubarrota lhe ensinou o caminho de casa. Também nós passámos as fronteiras de Castela, para que em Toro aprendêssemos a estrada que nos trouxesse a Portugal. Amuralhada na sua meseta, jamais Castela nos imporia com duração o pêso da sua tutela que a própria lei dos litorais, a que Portugal obedeceu naturalmente ao constituir-se, repeliria sem custo e de pronto. Por nossa parte, — país da beira-mar, que no poder naval acharia a razão poderosa da sua existência livre, — desviar-nos-íamos de nós mesmos, se um golpe de fortuna feliz nos houvesse entregado a sorte de Castela. Quando na sua *Miscelânea* o nosso Garcia exclamava que

> Portugueses, castelhanos,
> não os quer Deus juntos ver

Digitized by Google

não reconhecia mais que uma evidente indicação da história e da geografia, marcando para as duas grandes pátrias peninsulares uma acção comum, sem dúvida, mas ditada e regida dentro do respeito devido à autonomia de cada uma delas.

Assim no-lo demonstra o paralelismo da história de Portugal e de Castela; só um equívoco tremendo lançou entre nós a discórdia, a benefício de estrangeiros e para decadência da Península. A Espanha não é em nada a garra cobiçosa que de perto nos espreita, disposta a lançar-se sôfregamente sôbre a nossa fraqueza. Pela mesma *patrioteirice*, — e não patriotismo —, com que nós nos exaltamos numa oratória gordurosa e arcaica ao evocarmos a pá de Aljubarrota ou os caldeirões de Alcobaça, haverá igualmente em Espanha quem predique, para auditórios irracionais, um iberismo insensato e sem probabilidades nenhumas de êxito.

Não têm eco, porém, êsses senhores, — e se algum sucesso conseguem, é em Portugal que o obtêm, nos nossos receios, tão injustificados, como insubsistentes. De resto, o «iberismo» é uma concepção liberalista, é um evidente dogma maçónico, surgido do sonho revolucionário duma Ibéria federada e emancipada. É dêste modo mais perigoso para a Espanha do que para Portugal.

Sejamos calmos! Sejamos calmos no nosso nacionalismo!

O nacionalismo, quando apenas fôrça instintiva

Digitized by Google

e sentimental, é um elemento anárquico e nunca um agente sólido de construção. Prova-o, por exemplo, o espectáculo que actualmente nos oferece a Europa balcanizada pelo princípio romântico das nacionalidades. O *nacionalismo* precisa assim duma regra, — duma disciplina que só o *tradicionalismo* lhe fornecerá. Eis o motivo por que nós não somos só *nacionalistas*, mas também *tradicionalistas*. Ser-se *nacionalista* representa a defesa e aceitação do facto natural, — *nacionalidade*. Ser-se *tradicionalista* significa, por seu lado, a intervenção a mais duma dada experiência histórica e, conseqüentemente, a observância das leis e das indicações que implicitamente daí derivam.

Nacionalista se manifesta o movimento dos concelhos e dos burgueses de 1384. Movimento êsse de energias tumultuárias e cegas, não bastaria, no seu aspecto negativo, para que Portugal saísse intacto da questão dinástica, aberta pela morte de D. Fernando. Senhora dos títulos legais da legitimidade, D. Beatriz possuía consigo a confiança das gentes de ordem, a quem as violências do populacho de Lisboa atiravam para o campo radicalmente oposto. É onde eu vejo o mais belo e forte sinal da santidade de Nun'Álvares, — é na consciência com que, abandonando os escrúpulos e os interêsses da sua classe, se põe à frente duma massa inorgânica e revôlta e a transforma de súbito no cimento admirável do Portugal de Quatrocentos.

Digitized by Google

Sirva-nos o exemplo, para que o nosso nacionalismo, indo-se atrás de palavrórios inúteis, não olvide nunca os caminhos exactos da inteligência. Portugal-Restaurado não é ùnicamente a pátria restaurada no seu rei natural e nas suas naturais instituïções. Portugal-Restaurado é conjuntamente o nosso pobre país restituído às possibilidades perdidas da sua antiga grandeza. Onde as encontraremos nós, senão de novo nos mares, na ressurreição do católico e comum império das duas nações irmãs da Península? Não «império» no conteúdo romano e pagão dêste conceito, mas «império» como afirmação de raça e de cultura dentro das pátrias que são nossas ou que da nossa dimanaram. Nenhuma data mais justa para que se lancem as bases duma preliminar fraternidade espiritual do que a data em que nós comemoramos o regresso da nossa terra ao rumo triunfante dos seus próprios destinos.

Repito: — o *iberismo* não existe, como doutrina, mais do que no campo ideológico da Revolução. Nido y Segalerva, figura sem vulto em Espanha, pertencia à esquerda dinástica, — Vicente Gay é imperialista, mas imperialista segundo o tipo democrático, do imperialismo alemão dum Haeckel e dum Ostwald. No fundo das lojas é que o *iberismo* palpita desde os discursos *iluminados* das Côrtes de Cádis, como o primeiro passo para a Cidade-Nova, — para a Cidade-Futura. As côres verde e vermelha da república portuguesa são as côres da bandeira que a Ibéria

Digitized by Google

republicanizada e federalizada adoptará como suas no dia dessa catástrofe sem nome, que é necessário evitar.

Não a evitaremos, se aos conluios secretos da revolução, caminhando de comum acôrdo nos dois países peninsulares, não responder desde já e com firmeza o acôrdo diligente e amorável dos que se batem, tanto em Portugal como em Espanha, pelas mesmas verdades eternas — o Catolicismo e a Realeza, a cujo clarão Balzac serenamente escrevia. Se há uma «internacional» revolucionária, porque não haverá uma «internacional» católica e monárquica, dentro da qual as nações, unidas em Cristo como membros dum só corpo, ressuscitem para o mundo, desfeito em cobiça e ódios sem trégua, o ideal esquecido da Cristandade?

A Portugal e Espanha cumpre levantar outra vez o pendão da Cruzada. O que valem e o que podem espanhóis e portugueses, quando, ombro a ombro, lado a lado, diz-no-lo a epopeia formidável da Guerra Peninsular, em que por ligeiros instantes o sentimento do perigo nos deixou entrever o segrêdo maravilhoso dum destino que — ai de nós! — não temos sabido realizar! Se nós queremos a Península para os peninsulares, e, congregados num bloco invencível, não sermos nem ingleses, nem alemães, nem norte-americanos, ainda é tempo de se reparar o êrro criminoso duma política externa, em que Portugal e Espanha são igualmente pecadores. Afigura-se-me propício o

Digitized by Google

actual momento, quando a América, indevidamente chamada «latina», procura o apoio europeu das suas duas grandes madres hispânicas. Aproveite-se assim, como base de entendimentos fecundos, o próximo *Congresso das Juventudes Hispano-Americanas*, em que o Brasil figura à cabeceira e onde Portugal, por descuido inqualificável dos seus governantes casuais, não tem representação de espécie nenhuma. Não é outro o caminho, que se rasga direito e claro à nossa frente!

E corações ao alto! Corações ao alto, confiando na Pátria, que é sempre moça e não morrerá! Esclarecido e vigoroso, que o nosso nacionalismo não fraqueje diante de baixas e hoje inexplicáveis preocupações.

«*Cessaram talvez as condições especiais de tempo e de espaço que nos obrigaram a contrair pactos de amizade fora dos nossos limites...* — observava eu já na *Questão ibérica*, a págs. 27. — *A fórmula de amanhã em política exterior há-de ser, sem dúvida, não união-ibérica, mas aliança-peninsular.*»

Há-de ser e será! Será, porque seguro da sua finalidade, Portugal-Restaurado não se resigna a viver uma vida apática de pequena nação, dedicada exclusivamente aos proventos do turismo, nem decerto a sua autonomia económica a quererá ùnicamente dever à circunstância de se encontrar numa terra de passagem entre a Europa e a América. Mais largas se lhe rasgam as avenidas do futuro, —

Digitized by Google

e nunca por timidez ou deserção nós faltaremos à chamada que Deus nos envia, desde o fundo dos séculos, pela dupla voz da raça e da história!

• • •

Primeiro de Dezembro! Em verdade vos digo, que não é nada estranho o escrever-se da restauração de Portugal, sentado como hóspede à lareira acolhedora de Castela! O leão que se estiliza no escudo de Espanha recorda-me logo a *Legio VII, Gemina Felix*, fundadora de Leon, e que na ponte de Chaves deixou memória de si, ao lado de doze cidades bracarenses. Unificadora da Espanha-Maior, Isabel-a-Católica, índice máximo do génio castelhano, foi filha de portuguesa e bisneta, tanto do Mestre de Avis como de S. Fr. Nuno de Santa Maria.

Portugal em poder dos Filipes é uma monarquia dualista, cujo laço pessoal se rompe depressa ao tentarem reduzir-nos a simples província. Incidentes sumidos na procissão infinita das gerações, não é lícito que por êles nos suspendamos, hesitantes, em face das portas do porvir, abertas de par em par! Primeiro de Dezembro, — rei natural, naturais instituïções, jornada inicial de Portugal-Restaurado...

Portugal-Restaurado, — restauração da cidade católica e monárquica da Península, para que, católico e monárquico, Portugal viva em plena harmonia com a católica e monárquica Espanha. Depois

Digitized by Google

regressarão ao Oceano as naus de Colombo e as caravelas de Vasco da Gama. Na primavera nova do mundo, a alma da Cruzada renascerá em Portugal e Espanha, unidos como um escudo debaixo do primado espiritual da bula de Alexandre VI. E a visão de maravilha continua, — a visão de maravilha não acaba mais!

Como que para a reter e guardar fecho os meus olhos recolhidamente. Lá longe, o esplendor da tarde hibernal, levanta como em triunfo o tôsco padrão da batalha. E são os avós de Seiscentos, — os que expuseram as vidas e as fazendas pela integridade augusta da terra, quem entôa comigo num côro heróico esta profecia definitiva e última de Portugal-Restaurado.

E é assim, conduzido pela sua inspiração tutelar, que da restauração de Portugal se pode escrever, — em verdade vo-lo digo! — sentado com amizade à lareira amiga de Castela.

(1919).

Digitized by Google

# O GÉNIO PENINSULAR

Digitized by Google

Digitized by Google

# O GÉNIO PENINSULAR

IMPORTA definir o que seja o «génio peninsular» numa hora em que o problema das relações hispano-lusitanas parece atingir uma curva decisiva do seu caminho. Nada mais próprio para isso do que a comemoração do 12 de Outubro, — data em que as naus de Colombo avistaram terra e que a Espanha de hoje, em comunhão com as nacionalidades americanas, suas filhas, recorda cheia de elevação e entusiasmo, celebrando a *Fiesta de la Raza*. «Raça» evidentemente, num sentido de civilização e afinidade moral, — e nunca num estreito significado étnico. Dêste modo, nem Portugal nem o Brasil se devem reputar estranhos à grande assembléia dos povos hispânicos, de que o 12 de Outubro começou já a lançar os primeiros lineamentos espirituais.

Considerando assim a «raça» como expressão dum determinado tipo histórico, nós, portugueses, tais como somos, somos tão «hispânicos» como os



Digitized by Google

«espanhóis» pròpriamente ditos. «Espanhol», tomado como apelativo nacionalista, é uma criação política recente, não excedendo talvez no conceito geral dos Estados europeus mais que duzentos e tantos anos.

Com inspirada razão observa o nosso inspiradíssimo Garrett em nota ao seu *Camões:* — «Nem uma só vez se achará em nossos escritores a palavra «espanhol» designando exclusivamente — o habitante da Península não português. Enquanto Castela esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Espanhas, Aragoneses, Granadiz, Castelhanos, Portugueses e todos, éramos por estranhos e domésticos comumente chamados espanhóis... A fatal perda da nossa independência política depois da batalha de Alcácer-Quibir, deu o título de reis das Espanhas aos de Castela e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Espanhóis somos, e de Espanhóis nos devemos prezar todos os que habitamos esta Península.»

Não fazia Garrett senão recolher a idéia que da unidade hispânica se nos viera transmitindo desde sempre e que em Camões encontrou o seu definidor insuspeito. Espanha, — ou melhor «as Espanhas» — valia então ùnicamente como vocábulo geográfico. Assim nos aparece em Camões, quando Baco, ao aludir aos portugueses no concílio dos Deuses, os designa (*Lusíadas*, cant. I, estrof. XXXI) como

«Uma gente fortíssima de Espanha»

Digitized by Google

O conceito que Camões possuía de Espanha mostra-se-nos bem patente no canto III do seu imortal poema. Concretiza êle:

«Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali da Europa tôda.»

E logo acrescenta:

«Com nações grandes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Tôdas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é melhor.»

Dentro dêste quadro, a unidade hispânica se compreendia como uma espécie de super-nacionalismo, tão intimamente cimentado na consciência da gloriosa época de Quinhentos que Camões, cantando a plenitude da afirmação portuguesa, a incluía sem desdouro nem subalternização no molde físico e cultural que a Península representava perante o mundo curvado ao prestígio das suas irradiações. Interessante é verificar ainda em Camões quais as «nações diferentes com que Espanha se engrandece»:

«Tem o Tarragonês, que se fêz claro,
Sujeitando Partenope inquieta,
O Navarro, as Astúrias que reparo
Já foram, contra a gente Maometa
Tem o Galego cauto, e o grande, e raro
Castelhano, a quem fêz o seu Planeta
Restituidor de Espanha, e senhor dela,
Bétis, Leão, Granada com Castela.»

Digitized by Google

O mesmo pensamento se repete e desenvolve, ao referir-se Camões à invasão castelhana que precedeu a batalha de Aljubarrota. Aí nos surgem

«Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de tôda Andaluzia,
Que do Gualdalquivir as águas lavam.»

Têm também

«Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leoneses, cuja gente
C'os Mouros foi nas armas excelente.»

E não faltam nem os «sórdidos Galegos, duro bando», nem a «a gente Biscainha, que carece de polidas razões», nem os de Guipuzcoa e das Astúrias, «que com minas de ferro se enobrece». Ao chocar bravio dos dois exércitos contrários, Camões assinala perfeitamente que não são espanhóis contra portugueses, mas sim castelhanos, e das suas estrofes se depreende que o próprio inimigo é menos estrangeiro e mais parente que os outros povos, demorando em Europa, mas para lá dos Pirinéus «A fera batalha se encruece» e por fim

«A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.»

Digitized by Google

Não se denuncia em nada aqui o ódio declamatório e convencional com que mais tarde Castela foi vituperada entre nós. Os embates das duas nações hispânicas Camões os encara quási como lutas de irmãos, terminando exemplarmente em família.

«Destas, e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz desejada já da gente
Deram os vencedores aos vencidos,
Depois que quis o Padre Omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Às duas illustríssimas Inglesas,
Gentis, formosas, ínclitas Princesas.»

O reconhecimento da importância das ligações dinásticas na formação da civilização peninsular, Camões a indicava numa estrofe que vale como um tratado político. «*Les rélations de parenté, d'alliance et de cousinage entre des maisons que simbolisent d'autre parte d'éminentes rivalités d'intérêts nationaux représentaient un degré de civilisation et d'humanité qui est en partie abandonné...*,— escreve Charles Maurras.— *C'était la fleur de leur pays d'origine que les reines portaient aux pays de leurs époux: les mœurs, les langues, les arts, les sciences, les lettres; la poésie, les industries courraient de cour en cour, haussées à leur point d'excellence, et il en résultait comme un aspect nouveau, moral, spirituel, de ce que la diplomatie appelait l'équilibre de notre Europe, au temps où il existait encore une Europe.*»

Digitized by Google

Eis a teoria completa da influência do elemento feminino no desenho e tessitura da história peninsular. Se D. Catarina de Lencastre, irmã de nossa rainha D. Filipa, assentando-se no trono de Castela, facilita a paz entre portugueses e castelhanos, já antes acontecera o mesmo com outras princesas nossas, tal como Santa Teresa de Portugal e a «formosíssima Maria», para glória e pacificação da Península. A dinastia saída de Aljubarrota caracteriza-se especialmente pela prática dessa auspiciosa política matrimonial. Sucede até, — nunca é demais repeti-lo! —, que Isabel-a-Católica, filha de portugueses, descendia do Santo Condestabre e do Mestre de Avis, em grau igual àquêle em que D. Afonso V, vencido por ela em Toro descendia de D. João I, de Castela. Donde o mostrar-se bem manifesta a natureza familiar das lutas internas da Península, que não errará muito quem as definir como verdadeiras «guerras-civis».

Exactamente, na centúria de Quinhentos, quando se tornam mais estreitas as alianças de parentesco entre Portugal e Castela é que a Península atinge o maior esplendor da sua capacidade civilizadora. Salienta algures o malogrado crítico que foi Moniz Barreto: — «Depois que em Aljubarrota e em Toro os portugueses e os castelhanos afirmaram reciprocamente a sua independência contra mútuas tentativas de invasão, iniciou-se na Península um período de inteligências diplomáticas que dura um século e corresponde em Portugal aos reinados de D. João II,

Digitized by Google

D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, e em Espanha aos reinados de Fernando e Isabel, de Carlos V, de Filipe II.»

E Moniz Barreto acrescenta, detalhando com persuasão: — «Durante êste período, que é o de maior prosperidade e grandeza dos povos peninsulares, a consciência da fôrça própria suprime desconfianças e temores, e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases de uma aliança em que compartilhamos com a Espanha a hegemonia no Mediterrâneo ocidental e nos dois oceanos. É êste pensamento que inspira os casamentos dinásticos e se traduz por auxílios militares, que conduz um infante de Portugal à barra de Tunes, que faz combater os cavaleiros espanhóis nos areais de Alcácer-Quibir, que encontrando intérpretes condignos nos grandes poetas da Península, enche de elogios magníficos do génio espanhol a epopeia das glórias portuguesas, que dita a Herrera a lamentação à morte do Rei desejado, que em pleno reinado de Filipe IV leva o maior vulto do teatro nacional espanhol a coroar com a auréola da poesia a memória do Príncipe constante. Se é um facto que se presta a reflexões que o período da aliança espanhola coincida com a época da maior prosperidade e de plena expansão do génio português.»

Inegàvelmente, essa centúria de Quinhentos, tanto nas Letras como nas Armas, tanto no Mar como na Terra, demonstra a quanto subira a colaboração es-

Digitized by Google

pontânea das duas nacionalidades peninsulares. Era ainda o fruto do proveitoso elemento humano que Camões entrevira, ao considerar as vantagens pacíficas da intervenção do parentesco na resolução dos agitados problemas da vida do Estado. Um forte e sábio paralelismo se impusera assim a Portugal e a Castela como regra de acção comum. Iniciara-se já a emprêsa formidável das Descobertas e, debaixo dum novo aspecto, dir-se-ia que o espírito da Cruzada ressurgia na Península. Se a civilização é essencialmente o Cristianismo, ninguém a dilatou e serviu como os povos naturais da antiga Hispânia! É o traço dominante da sua alma, — o sêlo que lhes imprime grandeza e individualidade. Por êsse prisma o génio peninsular é universal como nenhum outro. A vocação apostólica constitui a sua determinante mais poderosa. E, pelo nosso amor ao Absoluto, é fácil de se abranger a razão porque o Cristianismo na Península se revela e radica, não só como confissão religiosa, mas, sobretudo, como uma íntima e veemente afirmação social.

Compreende-se já porque portugueses e castelhanos foram no mundo missionários e descobridores e como apenas êles se glorificam com o raro título de fundadores de nacionalidades! Ninguém ignora a lenda-negra que infama a Península como inútil para as conquistas superiores da humanidade. É uma calúnia do século XVIII, principalmente, — da estreita e sectária mentalidade dos Enciclopedistas, que não

Digitized by Google

podendo separar o Catolicismo da vida da Península, a denegriram por sistema, cobrindo-a de diatribes e de aleives sem conto. No entanto, metade do mundo devia às Espanhas a sua entrada na civilização, — e a paz da Europa, perturbada, dum lado, pela ameaça crescente do Turco e, pelo outro, pelo alastramento da heresia protestante, salvou-se duma catástrofe mortal, por virtude ainda do esfôrço heróico dos reis e soldados peninsulares.

Parece-me interessante acentuar que mesmo muitas das páginas havidas como escuras no passado da Península, entram a ganhar com o avanço das correcções da história uma inesperada e desforrada claridade. Tal é o que se verifica pelo que respeita à Bélgica. Sem a abundante penetração espanhola que o govêrno das Áustrias lhe inoculou, a Bélgica não se saberia hoje explicar como nação, desde que lhe faltam para isso outros motivos que não sejam os que recebeu da passagem dos «tércios» e que tão evidentes são, — recorrendo a um nobre exemplo —, na poesia inconfundível de Emile Verhaeren. De resto, não nos surpreenderemos se considerarmos com a atenção devida que na composição da Latinidade, — como forma superior de cultura e vida internacional —, entraram predominantemente dois agentes decisivos: — o *Catolicismo* e o *Hispanismo*.

Não falarei do papel que a Península exerceu nas antigas idades, transmitindo à Europa, pela sua posição de terra intermediária, os frutos das civiliza-

Digitized by Google

ções primitivas. Mas já é de necessidade lembrar que no segundo período do seu prestígio, Roma se nutre das reservas que a Península inesgotàvelmente lhe comunica. Êle é Séneca, êle é Marcial, êle é Columela, êle é Quintiliano, êle é Trajano, êle é Teodósio. «*Me peritus discet Iber*», — ponderava já mestre Horácio, qualificando o hispânico de douto. Pois é, debaixo das águias romanas, que a adolescência maravilhosa do génio peninsular começa pròpriamente. Em sinal do que a Península iria valer no futuro como geradora de novas pátrias, olhemos para a Dácia que nos aparece então, cavando os alicerces da moderna România. Abre-os Trajano, — um hispânico —, que estabiliza com veteranos, hispânicos também, essa espécie de guarda-avançada da Latinidade contra o rumorejar bravio dos enxames bárbaros. E, — circunstância reveladora! —, no romaico contemparâneo persiste algo de indefinível e misterioso, que evoca o lirismo melancólico do ocidente peninsular. É o vocábulo «dor», — «*l'expression même de notre pays et de notre âme... dor parole intraduisible qui ne se comprend pas, qui se sent seulement et dont je n'ai trouvé le presque équivalent que dans la langue de nos frères portugais — la* «saüdade».

Mas a profunda identificação dos destinos de Latinidade com os destinos do Hispanismo demonstra-se e afiança-se ainda mais na Idade-Média, quando as indulgências da Cruzada tanto se ganham na Pe-

Digitized by Google

nínsula como na Terra-Santa. Não só pela Gesta inolvidável da Reconquista nós levantámos uma muralha invencível em que a onda islamita se quebra e desfaz, como oferecemos à Europa os restos da cultura clássica que, através dos árabes, nos chegara do Oriente. S. Tomás e Dante recebem desta maneira o influxo sábio da Península, como já antes com Santo Isidoro de Sevilha e com o bracarense Paulo Orósio, — discípulo de Santo Agostinho —, o resplendor do pensamento antigo se mantivera aqui ininterrupto e brilhante.

Repartida a Península em diversas nacionalidades, a cada uma cabe depois marcadamente um papel distinto. É Castela quem no interior avoca a si a continuação da guerra contra o Mouro. Aragoneses e catalães espalham-se pelo Mediterrâneo e levam as cintilações afortunadas da sua estrêla até Constantinopla, fundando o ducado de Atenas, de passageira existência. A nós toca-nos a emprêsa de Marrocos e a epopeia do Mar. Se tais manifestações são variadas e por vezes divergentes nas suas linhas imediatas, reconhecemos que as ilumina e conduz como que providencialmente a presença suprema duma finalidade comum. Fundido o Aragão com Castela, recebe-lhe esta como herança a sua política europeia, — a sua acção ao Mediterrâneo. Fica Portugal entregue a si próprio na dilatação da Fé e do Império.

Então se verifica que a sorte da Europa e o fas-

Digitized by Google

lígio da civilização dependem em grande parte das duas pátrias peninsulares. Castela, nesse dualismo concorde, significa a *vocação terrestre*, enquanto Portugal concretiza a *vocação marítima*. Se Portugal e Castela se tivessem conglobado, ou a Península faltaria às gloriosas arrancadas marítimas com que completámos o conhecimento do mundo, ou a Cristandade houvera soçobrado debaixo da pata do Turco galopando já pelos plainos da Hungria, quando na Europa se ateava o incêndio das discórdias religiosas. Sem dificuldade se constata, pois, que a unidade do génio peninsular, na sua projecção histórica-social, foi garantida pela separação política de Castela e Portugal, providencialmente assegurada em Aljubarrota e nos campos de Toro.

Percebe-se agora porque a consciência do Hispanismo inspirou Camões em tôda a extensão do seu poema. Se êle realçou como ninguém a diversidade das nações da Península, como ninguém assinalou também a apertada ligação que as unia entre tôdas.

Chamou Oliveira Martins aos *Lusíadas*, num dos seus muitos rasgos de vidência incomparável, o «testamento de Espanha». São, na verdade, os *Lusíadas* o grito final de Espanha, — mas da «Espanha» no sentido de comunidade espiritual em que nós a entendemos, nunca no duma exígua e exclusiva designação nacionalista. O Épico adivinhava bem, no estertor dos grandes estímulos do passado, que a nossa hora de «hispanos» ia obscurecer-se, com o

Digitized by Google

advento do naturalismo solto da Renascença e já com a Reforma levantando no coração dos povos e nos degraus dos tronos o colo atrevido da serpe individualista. O concílio de Trento, apontando à Europa mutilada o ideal de Cristandade como única fôrça colectiva capaz de a restaurar, apenas encontra ao seu lado as duas nações da Península.

Reflectem os *Lusíadas* o sentimento profundo que atira D. Sebastião, como sendo o último cruzado, para os areais de Marrocos. É o desígnio frio, sistemático, impassível, que em outro campo guia o braço de Filipe, — do admirável Filipe II! —, na defesa da Cristandade, de que foi o derradeiro campeão. Isolada e incompreendida a «Espanha» torna-se na Europa uma caricatura arcaica e truculenta, de que Cervantes recolhe as linhas inolvidáveis no *D. Quijote*, obedecendo talvez a uma inconsciência genial. A íntima comunhão da Cristandade com a Latinidade, ao pulverizar-se nos assomos do século XVII, mostrava-nos assim claramente que, a par do Catolicismo, o Hispanismo era, com efeito, uma das suas mais decisivas razões de existir.

Não desaparecíamos, porém, na conspiração total que nos vitimava, sem têrmos deixado impressa a nossa individualidade nas oficinas misteriosas em que a História se elabora! Só pelo desvio do eixo da civilização do Mediterrâneo para o Atlântico, — e essa é a parte própria de Portugal dentro do morgadio peninsular —, nada, dentre os benefícios

Digitized by Google

e promessas que o futuro, porventura, reservasse à humanidade, se poderia já esquivar ao preito de gratidão que se nos devia. Na verdade, a Idade-Moderna é nossa filha, — é filha dos argonautas portugueses, em tôda a sua amplitude e em tôdas as suas conquistas. Também o espírito científico de que o nosso tempo tanto se orgulha é descendente daqueles humildes teólogos espanhóis que em Trento, contra a doutrina terrível da Predestinação, salvaram a liberdade da inteligência e da alma, sustentando e impondo vitoriosamente os postulados dignificadores do livre-arbítrio. Prestemos essa homenagem aos Jesuítas, aliados, na defesa da civilização, por meio duma nova milícia mística, aos que durante a Idade-Média interpuseram na Península uma barreira robusta, impedindo o espraiar da onda muçulmana!

Tais são as duas grandes características por que se marca a Idade-Contemporânea no seu balanço positivo: — uma, o desvio do eixo da civilização do Mediterrâneo para o Atlântico executa-se, graças à tenacidade e ao denodo dos marinheiros lusitanos; a outra, cujo alcance é escusado salientar e sem a virtude da qual se haveria caído no mais depressivo materialismo intelectual e moral, deriva da crença tão ardente como raciocinada dos companheiros de Santo Inácio de Loiola. Na sua dupla face, o génio peninsular com energia perdurável rasgava assim o caminho dos séculos vindouros. E não inventariamos as conseqüências miúdas do seu gesto aureo-

Digitized by Google

lado e largo de bom semeador! Porque desde as noções trazidas à geografia, à lingüística e às ciências-naturais pela prática das longas viagens até às célebres *Leyes de India*, de Cisneros, e aos métodos de colonização empregados pelos portugueses, de que a Holanda e a Inglaterra copiaram e aperfeiçoaram a lição; desde o renascimento das doutrinas políticas de S. Tomás e seus comentadores, com que veementemente se opôs ao desenvolvimento excessivo do romanismo jurídico e das concomitantes tendências absolutistas, até às bases entrevistas pelos seus teólogos dum direito internacional, com razão e fundamentos orgânicos, o génio peninsular, condensado por Camões na sua índole cavalheiresca e militante, abriu um sulco tão fundo na fisionomia espiritual da Europa que o renascimento mental hodierno, se quiser ser sincero e honrado, a êle terá de ir buscar a recuada genealogia.

Mas...— e eu antecipo-me ao «mas», já desenhado na mente do meu leitor. Mas, se a unidade da Península depositava as condições da sua existência no paralelismo de Portugal e Castela, como se explicará que Portugal sucumbisse na sua autonomia política diante da ambição dissimulada da côrte de Madride? Trata-se dum problema que excede os presentes limites pela sua extrema complexidade. Primeiro: é falso que Portugal perdesse a sua independência. A monarquia dos Filipes, com assento simultâneo em Madride e em Lisboa, foi uma monar-

Digitized by Google

quia-dualista, como o era em nossos dias a Áustria e a Hungria. Segundo: exactamente, no período filipino, é que nós influimos de tal forma no que constituía a essência da psicologia castelhana, que todo o século de ouro da literatura dos nossos vizinhos vibra cheio de Portugal e do mais internecido lusitanismo. Terceiro: porque a política-centralista do Conde-Duque, verdadeira debaixo do ponto de vista castelhano, mas perniciosa debaixo do ponto de vista peninsular, nos pretendeu reduzir à precária situação de simples província, quebrando o estatuto, que, jurado nas côrtes de Tomar, nos prendia à coroa dos Áustrias, é que nós soltámos logo o brado de independência, criando na Península, entre as suas duas metades, o divórcio que inicia a decaída tanto de Espanha como de Portugal no concêrto dos Estados europeus. E, enunciada a questão nestes têrmos, detalhemos agora um pouco para sua demonstração completa.

Efectivamente, o parêntesis histórico da chamada intrusão filipina carece de ser revisto à luz crítica hodierna. Quem percorra a *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII,* de Rebêlo da Silva, apesar de ser outro o propósito do seu autor, fàcilmente concluïrá que, mantida no político e no administrativo a nossa soberania, nunca Portugal foi anexado à Espanha. «O govêrno dos Filipes não teve directamente em vista a absorpção da nacionalidade portuguesa», declara o insuspeito Teófilo Braga, refe-

Digitized by Google

rindo-se às *Ordenações Filipinas* (1). Não se extingue um povo quando se lhes dá um código por onde se reger. E insiste: — «Nas côrtes de Tomar de 1581, o rei de Espanha, tomando posse dêste reino, jurava guardar os foros, costumes e isenções, da nação portuguesa; que o seu govêrno, administração e economia andaria em separado do resto de Espanha.» Não foram abolidas as côrtes, por determinação das quais só se poderia lançar tributos. A câmara de Lisboa, em 1602, embargava um alvará dos governadores do reino, em que se pedia o serviço de oitocentos mil cruzados, «por ser feito sem consentimento nem procuração das cidades e lugares do reino, que tem voto em côrtes».

Explica-se já porque na célebre defesa do Conde-Duque de Olivares, intitulada *Nicandro*, dissesse o seu autor, dirigindo-se a Filipe IV: — «*De la revolucion de Braganza y de Portugal tuvo la culpa el abuelo de V. M. (Filipe II), que debjó, hallando-se con ejército poderoso, y el en Portugal, traerse consigo el duque de Braganza; que nunca varones de tan alta liñaje y con pretensiones de rey se han de dejar en provincias conquistadas y que fueron cabezas de imperio, y que por genio proprio y aborrecimiento á castellanos desean restituirse á el. Podia excusar los puertos secos (ó sean aduanas interiores) entre Portugal y Castilla... Debia dar*

(1) *História do direito português. Os forais.* Coimbra, 1868.



Digitized by Google

*á los caballeros portugueses virreinatos, gobiernos en Castilla y regiones á ella sujetas, obispados, abadias á los eclesiasticos, y con esta proporción introduzir castellanos en Portugal y portugueses en las partes de Europa donde V. M. impera. Debia quitar la sombra de casa Real que dejó en Lisboa, porque no viendo ellos este aparato no se arrojarian á buscar alma áquel cuerpo...»*

Ninguém, na verdade, respeitaria tanto as nossas liberdades e privilégios, como Filipe II as respeitou, muito embora tivesse por detrás de si o exército do duque de Alba. Anota a êste respeito Cánovas del Castillo nos seus *Estudios del reinado de Filipe IV:* — « *Que para decir la verdade entera, no solamente es falso que fuese en Portugal tirano Felipe II, sino que ni siquiera mereció alli el titulo que en general merece de Prudente.* »

Não exagerou o historiador e estadista espanhol! Filipe II, conferindo o expediente dos negócios de Portugal ao *Conselho de Portugal,* formado de portugueses e despachando em português, dotava a sua monarquia-dualista com um órgão próprio e incompatível com tôda a tendência centralista. Inclusivamente, — como se queixava o *Nicandro* —, as alfândegas tinham subsistido na antiga linha fronteiriça. E se atentarmos um pouco mais, logo veremos que, ao publicar Francisco Rodrigues Lobo o seu poema nacionalista *O Condestabre,* a figura de Nuno Álvares foi cantada e exalçada em ressoante idioma castelhano

Digitized by Google

por engenhos como Lope de Vega e Luís Velez de Guevara. Tocamos com isto no aspecto interessante do problema. É que o govêrno dos Filipes corresponde justamente a uma extraordinária preponderância da nossa sensibilidade, — do lirismo inolvidável dos portugueses — na alma um tanto impermeável de Castela. Se nos recordarmos que a *Diana* de Jorge de Montemor cria um género novo na Europa e determina depois, por intermédio da *Astréa*, de Honoré d'Urfé, o advento de pré-romantismo em França e a génese do mito abominável da *Bondade-Natural*, ajuïzaremos melhor a capacidade inconfundível de sentir e amar, só própria de Portugal, que nos põe a nós de moda na literatura e costumes castelhanos ao longo do reinado dos três Filipes.

A nossa penetração na côrte dos Áustrias já era grande devido, principalmente, ao prestígio persuasivo da formosíssima imperatriz Isabel, — mãe de Filipe II. Educara-o a êle, órfão de tenros anos, a notável D. Leonor de Mascarenhas, a quem Sá de Miranda chamava a nossa «Vitória Colonna». Filipe é, em tudo, um caso expressivo de portuguesismo, — gostando até de ouvir os rouxinóis pela noite escura. Herdara da mãe essa discreta impressionabilidade. Porque, relatando as lágrimas vertidas por Carlos V sôbre o ataúde da espôsa morta, o cardeal Cienfuegos diria «*las demonstraciones del Emperador en esta desgracia fueron iguales á la perdida, llorando tanto tiempo, y con tanta alma, que se*

Digitized by Google

*conocia bien que con el amor, y el trato de la Emperatriz, se le habia pegado toda la ternura Portuguesa.*» A «ternura portuguesa» constitui assim um motivo freqüentemente glosado do outro lado da raia, — no Madride seiscentista. Cervantes reflecte-a na *Galatéa* e nas *Aventuras de Persiles y Segismunda*. Por sua vez, Lopé de Vega faria exclamar a um dos seus personagens na *Dorotéa*: — «*Tengo los ojos niños y portuguesa el alma.*»

Ocorria tão significativo fenómeno numa hora parda em que a nossa individualidade política parecia eclipsada. Mas como acreditá-la morta, se nós persistíamos, exactamente, pelas virtudes inapagáveis do nosso espírito? Já debaixo da ditadura do Conde-Duque, Calderon de la Barca afirmaria de nós no seu *Principe constante*, e num verso, não só português, mas de impecável gravidade camoneana:

«Que ainda mortos somos portugueses!»

Tirso de Molina, então, apaixonado por Portugal e pela acção dramática da nossa história, povoaria o seu teatro de temas e de figuras lusitanas. Exemplifiquemos com *La gallega Mari-Hernández*, com *El vergonzoso en palacio* e, sobretudo, com *Las Quinas de Portugal*, em que se celebra a instituïção da nossa pátria como reino autónomo, ressuscitando-se em todo o seu efeito cénico a tradição do milagre de Ourique, de que em breve se iria alimentar, e forte-

Digitized by Google

mente, a mística nacionalista dos doutores e panfletários da Restauração. Enfim, não havia em Castela uma qualquer manifestação, ainda a mais simples, das coisas serenas do saber e da arte, em que nós não primássemos pelo relêvo da nossa personalidade indestrutível!

Nosso fôra Afonso Sanches Coelho,— fundador duma escola de pintura, em que o retrato de Côrte encontrara o seu tipo definitivo. Nosso era o insigne Manuel Pereira, — escultor incomparável, cuja existência e obra mal se conhecem entre nós. De Portugal descendiam Diogo de Velázquez e Cláudio Coelho. E não olvidemos, no campo militar, D. Gregório de Brito, — o heróico defensor de Lérida contra Condé.

Dentro do quadro geral da Península, Portugal mantinha-se a si mesmo, inassimilado e inassimilável. Sobrevivia-se, pois, principalmente, pelas intensas virtudes e motivos do seu lirismo sem igual. Com o *Amadis* nós ditáramos uma forma de sensibilidade que se tornara europeia. Enquanto a Gesta representava a idiosincrasia própria de Castela, na poesia lírica se vertera a condição amorável e comunitária das gentes do ocidente peninsular. Tanto que em idioma galaico-lusitano é que primitivamente os poetas castelhanos trovavam as suas queixas de amor e a ingenuïdade das suas devoções. Personifica-se depois no *Amadis* a musa desenvôlta e melancólica do *Cancioneiro*. Ao mesmo tempo a Gesta populariza-se e prolifica

Digitized by Google

no património inesgotável dos rimances orais, cantados em comum, ou na lareira, ou na romaria. Numa convergência psicológica, a hereditariedade do *Amadis* funde-se no *Quijote* com a herança copiosa do Romanceiro. O *Quijote* fixa no seu aspecto analítico a decomposição do ideal cavalheiresco da conquista e do sacrifício que Castela individualizara.

Mas já o nosso lirismo, gerando novas modalidades de gôsto social e literário, lançara por tôda a Europa na *Diana*, de Jorge de Montemor, com mais originalidade que a *Arcadia*, de Sanazaro, a paixão dos naturalismos pastoris, donde surgiriam o pincel de Watteau, os idílios do Trianon e o bucolismo bastardo de Jean-Jacques Rousseau. A corrente tornara-se tão decisiva que, ao sentir-se vencido em Barcelona pelo Cavaleiro de Blanca-Luna, D. Quichote, desiludido, resolve fazer-se também «pastor»... Simbólica e perfeita homenagem da outra face do génio peninsular à grei que devassara os segredos do Oceano e que de Camões, — um lírico —, arrancava pelo poder moral da Acção uma epopeia, em que a Espanha, decaída, contemplaria pelos séculos fora o resplendor invencível do seu «testamento»!

* * *

Delineando em contornos largos a teoria do «génio peninsular», não faço senão confirmar a intuïção profunda do nosso malogrado crítico Moniz

Digitized by Google

Barreto. «A nós peninsulares, — comenta êle —, a função que coube na História é o Heroísmo e a Fé. Destituídos de imaginação penetrante e do dom de vasta compreensão, desprovidos de larga simpatia e de curiosidade infatigável primamos pela energia da vontade e pela grandeza do carácter. O fundo dêsse carácter é a honra militar. A capacidade de afirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendência singularmente nobre de transformar o mundo à imagem do nosso ideal, uma generosa impaciência da perfeição, o desdém da beleza plástica e das delicadezas aristocráticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade trágica, eis outros tantos traços do génio peninsular. Êste génio produz uma singular concepção da vida, que se manifesta por uma religião realista e violenta, por uma política absoluta e insensata, pela preponderância do génio da aventura e ausência de capacidade prática; que põe o amor no casamento, o ideal na acção, a beleza no valor moral; que inspira os maiores prodígios de energia no mundo moderno, e faz que a nossa história seja como o lenço da Verónica a sangrenta efígie da nossa alma. Importado para a Literatura, êsse génio produz um lirismo robusto e monótono, um teatro destituído de análise de caracteres, mas animado pelas idéias da honra e da morte, sátiras dum sarcasmo violento, romances em que a acção absorve a análise e que são a pintura da realidade crua e feia, e a maior das modernas epopeias.»

Digitized by Google

«Mas para produzi-la foi preciso a intervenção do génio português, — continua Moniz Barreto. Do corpo das populações ibéricas dominadas e unificadas pelo génio castelhano, destaca-se pela influência acidental de circunstâncias históricas uma estreita faixa da orla marítima. Esta estreita faixa se constitui em nação independente, e durante cem anos exerce um papel culminante na história moderna. Em sincronismo necessário com esta explosão de vida activa, desabrocha uma breve mas esplêndida floração literária. Se estudarmos os documentos que a constituem e completarmos êsse estudo pelo exame das produções que datam da renascença romântica, nada acharemos nêles que distinga constitucionalmente o nosso génio do das populações ibéricas constituídas numa nação espanhola, como nada encontramos que geográfica e ètnicamente fundamente a autonomia da nossa vida política. Mas um exame mais atento descobrirá certas qualidades secundárias que dando uma fisionomia peculiar ao nosso espírito se reflectem na nossa literatura: uma maior capacidade de compreender e assimilar, uma menor energia de afirmação e crença, uma sensibilidade mais delicada e profunda, um carácter menos vigoroso e mais nobre, mais razão e menos vontade, heróis mais humanos, mulheres mais mulheres, alguma coisa de saüdoso e vago, de grave e triste, entranhas mais úmidas e o dom das lágrimas. Êstes traços manifestam-se na nossa literatura por um lirismo pro-

Digitized by Google

fundo e sentido, expressão duma alma amorosa e meiga por um teatro capaz de pintar caracteres e espelhar a vida; por uma, ainda que tardia, floração de romances em que a análise do coração não é anulada em proveito da acção, e finalmente por uma criação épica em que a grandeza heróica do génio peninsular é vazada em moldes duma nobreza essencialmente nossa. Se êsses traços não são bastantes para constituir um génio à parte, são contudo suficientes para dar à nossa literatura um carácter peculiar, e para nos assegurar num futuro próximo uma intervenção salutífera na marcha de cultura dos povos peninsulares.»

Depoimento notável, o que acabamos de reproduzir, apesar dos preconceitos mentais que por vezes lhe obliquam a visão, êle vinca já nitidamente aquilo que é a linha própria e intransmissível da nacionalidade portuguesa. O leitor separará sem custo o que há de *acidental* e de *essencial* no testemunho de Moniz Barreto. Moniz Barreto, como Oliveira Martins, surpreendidos com as afinidades que de perto nos prendiam à Espanha restante, não acharam outra explicação para a nossa existência como pátria senão a do factor — Acaso. Hoje, desde o campo geográfico ao campo étnico, Portugal justifica a sua génese por motivos fundamentados e bem evidentes. No campo geográfico, sobretudo a influência do Oceano; no campo étnico, a verificação daquele velho antagonismo entre lusitanos e celtiberos, que

Digitized by Google

os analistas clássicos registam e que, no seu belo e recente trabalho àcêrca de Viriato, o sábio exumador das ruínas de Numância, dr. Adolfo Schulten, definiu penetrantemente de *obstinação ibérica*.

O que se conclui daqui, como lição irrefragável, é a dupla feição do «génio peninsular» na sua unidade profunda e na sua profunda universalidade. O êrro absorcionista que destruíu o admirável paralelismo político do século XVI e que Filipe II ainda pretendeu salvar com a sua monarquia-dualista, — êsse êrro, levando-nos ao divórcio espiritual e ao desentendimento material, motivou o crepúsculo no mundo, tanto de Espanha, como de Portugal. Mas, justamente pelo amor do «absoluto», em que o criticismo de Moniz Barreto aponta um defeito, o nosso primado não se apagou de todo. Do alastramento da concepção lírica da Vida, tão nossa, tão lusitana, propagada à Europa, principalmente, pelo bucolismo de Jorge de Montemor, derivou, como categoria espúria, a picose romântica, — a convenção naturalista do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau, a Revolução. No *Quijote*, como filosofia da Existência, entronca pelo mesmo desvio adulterino, o pessimismo materialista do século findo, a metafísica de Kant — e o bovarismo das democracias burguesas e plutocráticas. Embora diminuído e pervertido, a Idade-Moderna vive, nutre-se, duma projecção do «génio peninsular», — tal é a forma invencível da sua predestinada natureza apostólica!

Digitized by Google

Sinónimo, portanto, de Latinidade e, conseqüentemente, função histórica e social do Catolicismo, o «génio peninsular» é a fonte legítima do único imperialismo pacíficamente civilizador, porque é um *imperialismo anímico — uma soberania espiritual.* Dispersos e fragmentados pelas duas margens do Atlântico, não há forma nenhuma de sociabilidade superior que nós não tivéssemos gerado e executado. Com iluminada inspiração, exclamava Ruben Dario:

«Yo soy el caballero de la humana energia!»

Cavaleiros da humana energia, espanhóis e portugueses ampliaram os roteiros da civilização e foram, nas fumaradas das batalhas e nas gáveas das naus, os seus adiantados-mores. Regidos pelo mesmo denominador-comum, — a Madre Hispânia, afirmaram perdurâvelmente um tipo inconfundível, — o tipo «hispânico», em que Camões, na pujança dos seus sentimentos nacionalistas, nos inseria sem desdouro, ao chamar-nos «*huma gente fortissima de Espanha*» e ao considerar o nome de Afonso «*nome em armas famoso em nossa Hesperia*». Achava-se Camões dentro duma realidade que se esvaíu para nós, hoje isolados na nossa pequenez, sem que saibamos o tesouro que trazemos dentro de alma! Essa realidade ressurge dos limbos da história e é a América que nos impõe o dever de despertarmos para ela.

Como, na verdade, «*el espiritu se ensancha,* —

Digitized by Google

escreve um moço publicista argentino —, *cuando mira que desde los Pirineos a Magallanes y Magallanes al Rio Grande se acota en el mundo y con el Gran Oceano como mare nostrum, todo el contenido territorial de la civilisación hispánica*» (1). Esta é a definição perfeita do «*hispanismo*», — êste é o significado elevado e nobre de «Espanha», cômo Camões o entendia, com eco ainda na sensibilidade agudíssima de Garrett. Recolhamo-lhes nós a herança, restaurando o antigo patriotismo moral e mental da raça hispânica, que é tanto português como castelhano! De novo a existência da Península se torna o centro duma directriz mundial. No estremecimento de catástrofe em que a Europa se perde, arrastada para o abismo por chefes incapazes, é para a Península, com Maurras e Barrés por condutores, que se voltam as esperanças desfalecidas da Latinidade. A vocação apostólica das duas pátrias peninsulares ressuscita-a a iminência aflitiva do perigo. Abramos, confiados, os *Lusíadas!* E, como depois das Descobertas e às vésperas gloriosas de Lepanto, repita-se exortadoramente com o Épico:

> «Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
> Como cabeça ali da Europa tôda.»

---

(1) Dr. J. Francisco V. Silva, *Reparto de América Española y Pan-Hispanismo*. Madride, Francisco Beltrán.

Digitized by Google

# O PAN-HISPANISMO

Digitized by Google

Digitized by Google

# O PAN-HISPANISMO

É a 12 de Outubro que passa a comemoração da descoberta da América pelas caravelas de Colombo. Já a Espanha consagrou êsse dia como o «dia da Raça», — como o dia da festa da sua civilização. Evidentemente que «raça» se não toma aqui num restrito significado étnico. Enche-se antes dum amplo sentido cultural e histórico em que Portugal e o Brasil cabem perfeitamente, sem ofensa aos seus velhos pergaminhos nacionalistas.

Na verdade, desde que a Espanha, solenizando o 12 de Outubro, procura restaurar a antiga lareira espiritual em que se aqueceram e tomaram o ser os semeadores de tantos povos de além do Atlântico e que do outro lado do mar a grande madre ibérica encontra eco prolongado e caloroso, eu pregunto porque motivo, brasileiros e portugueses, não hão-de corresponder ao mesmo sentimento, encorporando-se com entusiasmo na caravana que de dia para dia vai engrossando?

Digitized by Google

Um equívoco secular, que hoje já mal resiste ao exame da inteligência, vincou um longo e doloroso divórcio entre as duas prestigiosas pátrias da Península. No entanto, se escutarmos bem as vozes profundas da nossa tradição, logo veremos que as lutas de Portugal com Castela são lutas de família, que em família sempre se resolveram. Filha de portugueses e como tal descendente do Mestre de Avis e do Santo Condestabre, Isabel-a-Católica venceu em Toro seu primo Afonso V, que, por sua vez, descendia de D. Juan I, — o monarca derrotado em Aljubarrota. Eis uma circunstância que vale como um símbolo, porque parece ditar-nos a regra de conduta em que Portugal necessita de inspirar o conceito das suas relações com Espanha.

Houve — e ninguém o contesta — parêntesis de luto e de sangue a cavarem separações que não deveriam deixar mais vestígios que os duma proveitosa experiência. Mas, por sôbre êles, dominadora como as verdades que por si próprias se impõem, resplandece a unidade moral duma civilização que, tendo na Península o seu berço original, é obra comum de espanhóis e portugueses.

O engano foi supor-se que essa «unidade moral» exigia uma conseqüente «unidade política», quando desde as indicações de geografia às indicações da história, naturalmente a Península se mostrava conformada para a co-existência de dois Estados, — um, Portugal, aberto às influências do mar,

Digitized by Google

o outro, Castela, como Estado mais territorial que marítimo, reservado, por conseguinte, para a conquista da hegemonia continental. De resto, é o que sucede na época de mais fastígio para ambas as nacionalidades, com Carlos V e Filipe II dum lado, dispondo quási da sorte da Europa e com D. Manuel I e D. João III no pequeno canto lusitano, fundando com o poder-naval aquêle admirável império de que os *Lusíadas* são a resonância eterna. «Durante êste período, que é o de maior prosperidade e grandeza dos povos peninsulares, — escreve o malogrado Moniz Barreto —, a consciência da fôrça própria suprime desconfiança e temores, e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases duma aliança em que compartilhamos com a Espanha a hegemonia no Mediterrâneo ocidental e nos dois Oceanos.»

Mas a lembrança de tão glorioso paralelismo não conseguiu evitar que espanhóis e portugueses viessem a conhecer a decadência e o esquecimento, quando tiveram verdadeiramente nas suas mãos os destinos do mundo inteiro. Não inventariarei aqui o longo rosário de desgraças e humilhações que tanto para portugueses, como para espanhóis, tem representado o seu criminoso desentendimento. Mutilada, dividida, a história da Península tornou-se como o lenço da Verónica a sangrenta efígie da nossa alma — aplicando uma imagem inolvidável de Moniz Barreto. — E, todavia, pela sua posição excepcional,



Digitized by Google

senhora do Estreito que devia ser e terraço lançado sôbre as águas do Atlântico ao encontro da América, que missão não assinalou Deus à Península, se nós a quiséssemos e a soubéssemos cumprir!

Pois a hora presente é-nos, como nunca, propícia! «Na opinião geral, — escrevia há já bastantes anos o general Rodriguez de Quijano —, só Espanha e Portugal pelos seus precedentes e índole especial de raça, podem chegar a ser o verdadeiro laço de união entre a Europa, a América e a África...» Em sucintas palavras, se condensa todo o futuro das duas pátrias peninsulares, se olhando para a frente com coragem e iniciativa, nos resolvermos a executar tão belo programa de acção, para o qual, antes de tudo se estabelece como primeiro passo, a necessária aproximação de Portugal e Espanha. Assim, o desacreditado iberismo, de evidente marca maçónica e revolucionária, será vencido pelo peninsularismo cujas raízes na geografia e na história, exigem logo de entrada, como condição prévia, que a tolerância política e económica dos dois Estados da Península seja integralmente respeitada.

Mas o peninsularismo não é senão a jornada inicial! Na margem oposta do Oceano — do Oceano que nós tornámos algum dia, como *mare nostrum*, num perfeito lago familiar —, outras pátrias existem que falam a nossa língua e que não ficam insensíveis ao nosso apêlo. O pan-hispanismo nos surge daqui, como conclusão lógica, constituído por dois elemen-

Digitized by Google

tos estruturais, — o espanholismo e o lusitanismo. «*Voz clamorosa de la sangre, contra el pan-americanismo*», — foi como definiu o pan-hispanismo o ano passado, por ocasião da Festa da Raça, no seu famoso discurso do Teatro Real de Madrid o conde de la Mortera, D. Gabriel Maura Gamazo, acrescentando em seguida que «*los pueblos que no se agrupen en organisaciones más amplias que la sociedad nacional, sucumbirán bajo el imperialismo*».

Suponho suficientemente enunciadas as razões que nos levam a nós, portugueses, a não permanecer indiferentes perante o significado actualíssimo do pan-hispanismo. Prefaciando o estudo recente de Marius André sôbre a colonização espanhola na América, o próprio Charles Maurras acaba de reconhecer sem vacilações a sua extraordinária importância. E o Brasil, que não esqueceu por certo os avisos de Eduardo Prado no seu livro *A ilusão americana*, não vai abdicar das suas justas ambições de poderio e desenvolvimento, que só na liga das nacionalidades hispânicas acharão garantia sólida e perfeita. Lancemo-nos, por isso, à vanguarda duma civilização que é nossa e que hoje diríamos sonâmbula, como que vivendo as formas mumificadas do tempo que já não volta. O que é essencialíssimo é que os povos, de derivação peninsular, readquiram a consciência da sua finalidade superior e que o exemplo parta da Península, — sua casa paterna e solar venerando. E por muito que o problema se nos afigure emara-

Digitized by Google

nhado e difícil, é em cada um de nós que a sua solução reside. «*Las naciones de origen hispânico*, — observa novamente o conde de la Mortera —, *se decidirán talvez muy pronto a buscar en la unión efusiva y fraternal con las demás hijas de la madre común, la fuerza misma que las otras les ofrecen, mediante artificiosas combinaciones diplomaticas ó economicas.*» Prepare-se Portugal, pela sua parte, reorganizando-se como nação forte e estreitando cada vez mais os vínculos da sua amizade com a Espanha, nossa irmã, e com o Brasil, nosso filho primogénito. E como numa primavera nunca vista, a flor do internacionalismo hispânico abrirá as suas pétalas de maravilha, ressuscitando a manhã longínqua em que a América se revelou em tôda a sua magnífica adolescência, aos pilotos de Cristóvam Colombo e à marujada de Pedro Álvares Cabral!

(1922).

Digitized by Google

# MADRE-HISPÂNIA

Digitized by Google

Digitized by Google

# MADRE-HISPÂNIA

Foi pelas duas horas da manhã do dia 12 de Outubro do ano da Graça de 1492 que, a bordo da nau «Pinta», uma voz gritou inesperadamente «Tierra»! A América estava descoberta, a geografia do mundo transformada e enriquecida, — e, com a entrada dêsse novo continente no concêrto da civilização, quem sabe se garantidas as melhores possibilidades dum futuro ainda por definir?!

Nada mais agradável ao meu espírito do que falar da descoberta da América em pleno coração da terra estremenha! Dos navegadores aos conquistadores, Estremadura foi a grande mãe de que se nutriu insaciàvelmente a gesta admirável do descobrimento e da colonização da América. Eis um laço, — laço indissolúvel que prende de perto a história ultramarina de Portugal ao maior capítulo da história de Estremadura. Daqui partiu Pizarro, daqui partiu Cortés, daqui partiu Vasco Nuñez de Balboa, daqui

Digitized by Google

partiram os Alvarados. E hoje que as investigações e a erudição nos vão esmiüçando pormenor a pormenor, trabalho árduo, o zêlo incansável, — tanta fome sofrida, tanto sangue derramado! —, de que resultou na sua pluralidade harmoniosa a América, indevidamente chamada «latina», nós sentimos, nós compreendemos, quanto era natural e espontânea, às vésperas da Península encontrar o seu cantor máximo em Camões, a associação do génio estremenho e do génio português! Como detalhe expressivo, não quero deixar de lembrar a memória daqueles fidalgos de Elvas, — Pegados e Vasconcelos, companheiros de Hernando de Sotto, outro estremenho, na emprêsa acidentada e cavalheiresca da Flórida.

Sempre que se fala das glórias da Península, o nome de Menéndez y Pelayo, — o grande mestre, acode tutelarmente a encaminhar-nos e a amparar-nos. Pois Menéndez y Pelayo (e diante da sua egrégia sombra me curvo, reverente — eu que lhe devo a visão sintética da unidade cultural, em que inconfundível, mas também inseparàvelmente, Portugal e Espanha se integram e completam!), pois Menéndez y Pelayo, discorrendo de Gil Vicente e da flama inquieta que lhe sacode a sátira, oferece-nos algures um penetrante juízo, entre os muitos em que abundava a sua rara acuïdade crítica. Para Menéndez y Pelayo, Gil Vicente «*tenia en su lira todas las cuerdas del alma portuguesa, pero sobre los rasgos del gallego melancolico y soledoso predominan en su*

Digitized by Google

*acentuada fisionomia los del duro lusitano, del extremeño seco y cetrino, raza de los Albuquerques y Pizarros, que tan fieramente estampó su huella en las pagodas indostánicas y en los templos de los hijos del Sol*». Evidentemente, minhas senhoras e meus senhores, que não vos venho cansar, com a exposição de longas teorias, ainda que oportunas, em face do acontecimento que celebramos. Mas impõe-se-nos assinalar e, mais que assinalar, salientar a circunstância de haver sido Estremadura, uma região ou país do interior, quem entre as várias províncias de que se entretecia a coroa católica de Castela se atirou com heróica febre à aventura dos mares e à cristianização do Novo-Mundo, em que parecia ressuscitar, saído dos fundos misteriosos do Oceano, o prestígio fabuloso da Atlântida submersa. Envolta Castela nas guerras continentais, de que em boa parte derivou a salvação da Europa,— então devastada pela dissidência religiosa e com a ameaça do Turco oprimindo-a sufocadoramente, ocorre de pronto preguntar porque preferiram a sedução do incerto e do ignoto, — trocando o trato familiar do arado pelo difícil trato marítimo, a que nasciam e se criavam estranhos, — às lutas em campo aberto, debaixo das bandeiras do Imperador, ao levas e levas de estremenhos que, desbordando da sua pequena pátria rural, foram depois, na perturbação enervante da selva americana, semente bendita, alicerce vivo e fecundo de vinte fecundas e vivas nacionalidades. A interrogação é legítima e há

Digitized by Google

lògicamente que aceitá-la. Aceitemo-la, porém, sem recorrer às explicações artificiosas e infantis dum Unamuno, quando atribui ao «Amor do risco» (espécie de paixão animal e inferior que poderia conduzir às galés, da mesma maneira que conduzia às esplanadas da fama), o impulso colectivo que em Estremadura atirou, como uma só pessoa, vibrando numa única aspiração, para as terras moças do Poente, — para as maravilhosas Índias Ocidentais, fidalgos e frades, labregos e letrados, até crianças e mulheres, trasladando na sua mudança o grão do celeiro e o cortejo ruïdoso dos animais domésticos.

Se durante o formidável período de Quinhentos é seguro e nítido o paralelismo social e político de Portugal e Castela; se é segura e nítida em tôdas as manifestações a simultaneidade consciente dos dois Estados peninsulares, concordemos que Estremadura acompanha, mais que nenhuma outra parte dos reinos de Carlos V, o ritmo em que Portugal — o Portugal rústico do cajado e da charrua, se transfere, de cruz aberta nas armaduras, para o convés das naus da Descoberta. Porquê? Carecemos de recuar bem longe, — de subir ao segrêdo remoto das Origens, de auscultar as nascentes míticas, as tradições poéticas do antigo solo da Hispânia-Madre. Não se enganava Menéndez y Pelayo, ao deslindar na crueza faceira de Gil Vicente dois elementos componentes, — o que o mestre ilustre classificava de «galego» e o que reputava como «estremenho». Efectivamente,

Digitized by Google

a expressão histórica em que o génio português se concretizou e imortalizou resulta dos dois elementos: — do elemento lírico, apaixonado, saüdoso, para sempre individualizado nos Cancioneiros galaico-lusitanos e do elemento pertinaz, combativo, de agarrada resistência local, mas dotado de conjunta capacidade expansiva, — ou imperialista —, que nos ensina como Portugal é contraditòriamente, a terra da poesia do amor e um ninho inesgotável de «heróis», — no sentido carliliano da palavra. Do consórcio do velho fundo galaico com o velho fundo vetónico nascemos nós, como «povo», nascemos nós, como «alma». A «lusitanidade», como tipo psíquico personalizado no decurso duma existência secular por uma literatura bem marcada e autónoma e por uma acção universal, que ninguém ousará contestar, não traduziu, não traduz, senão a justa fusão dessas duas modalidades que, ao penetrarem-se, se ampliaram e remodelaram, incessantemente, até provocarem o aparecimento, em meio físico adequado, daquilo que constituiu a essência generatriz de Portugal como nação.

Não nos diminuía em nada, por isso mesmo, Menéndez y Pelayo ao surpreender em Gil Vicente — nos dos «Aitos a El-Rey», a afloração dos dois elementos, — o «galaico» e o «vetónico», com a supremacia do segundo, determinando a feição cortante, a irreverência implacável do patriarca do teatro peninsular. Irrefutàvelmente, aí reside a dinâmica do nacionalismo português que, se na vertente ocidental

Digitized by Google

da Península, achou moldura que o ajeitou e desenvolveu, na índole sensível e branda do galego, seu irmão, e na rijeza bíblica, — digamos assim —, do estremenho, seu parente carnal, contempla ainda agora as partes desgarradas dum todo, de que a Lusitânia de Viriato, prolongada aos portugueses da Reconquista e aos mareantes de Nuno Gonçalves, representa o núcleo colectivo elevado ao grau consciente de nacionalidade.

As afinidades do português com o estremenho, apresentadas por Menéndez y Pelayo na obra de Gil Vicente, aparecem-nos igualmente apontadas pelo alemão Adolfo Schulten no seu recentíssimo estudo sôbre Viriato. Referindo-se ao incomparável caudilho, observa o ilustre arqueólogo, poderoso exumador de Numância — a jamais vencida: — «Também em épocas posteriores os montes lusitanos produziram grandes generais: dos Vetões da Estremadura, deriva tôda a série de férreos conquistadores, a cuja frente se contam Pizarro e Cortês.»

Ora, na estreita irmandade do estremenho com o português —, ramos concordes da mesma árvore genealógica, e nas imposições longínquas dum comum atavismo, é que nós necessitamos de buscar a atracção irresistível que as emprêsas ultramarinas acenderam em Estremadura por vales e serras, por cidades e vilares. Decerto que o exemplo próximo de Portugal contribuíra fortemente para êsse como que levantamento em massa. Decerto! Mas o contágio, ou

Digitized by Google

não se daria, ou passaria rápido como um golpe de vento, se mais profundamente não existisse, na sub-consciência das populações, uma especial disposição para o receber e propagar. Eis porque festejando o 12 de Outubro, Portugal e Estremadura se entrelaçam duma forma particular na comemoração duma data que é como que a epígrafe, ou talvez o pórtico, das idades modernas do Mundo.

Com a entrada da América na comunidade da civilização ocidental, — pura essência do Cristianismo, que é imperioso reanimar, para desmentirmos a Oswaldo Spengler e à sua teoria de catástrofe! —, a tendência pronunciadamente universalista da Hispânia-Madre atingia a sua máxima verificação. Fàcilmente se percebe que, celebrando tão extraordinário acontecimento, não é a «raça» num exclusivo e absurdo sentido étnico que celebramos, aqui, mas a «raça» no sentido de «raiz», — no sentido de «antecedentes», e logo no sentido de «cultura» e de «civilização». No sentido de «cultura» e de «civilização» (e não nos perderemos a esmiüçar os ilusórios antagonismos que entre «cultura» e «civilização» os mais famosos pan-germanistas contemporâneos se entretêm a engendrar para total intoxicação filosófica do pobre Ocidente!), — no sentido de «cultura» e «civilização», a «Festa da Raça» — festa de Portugal e Espanha, congraçados no seu ideal supremo de povos colonizadores e evangelizadores, é a festa do nosso génio, — é a festa do Génio Peninsular! E o que é o Génio

Digitized by Google

Peninsular, na sua superior unidade espiritual, senão o fruto admirável dum admirável dualismo, — o dualismo que na vida da Hispânia-Madre Portugal e Castela vigorosamente vinculam e perpetuam?

Enganam-se, — e enganam-se numa cegueira lamentável, os que olhando apenas à lição superficial das aparências, confundem «unidade» com «unitarismo». É «una», sem dúvida, a Península, mas a sua «unidade» alimenta-se da sua «diversidade». Se as «diversidades», de que se compõe, conseguem introduzir matizes apreciáveis no conjunto político do que hoje entendemos como «Estado» ou «nação espanhola», — e matizes de natureza psicológica, que são os mais inapagáveis! —, como negar, numa aberrante abstracção, o que, desde a adolescência dos tempos, a geografia e a história se combinaram em diferenciar e manter: — a personalidade própria, independente, de Portugal?! Com o seu autorizado convívio nos textos clássicos, referentes à etnogenia peninsular, o arqueólogo Adolfo Schulten fala-nos do sentimento instintivo, designando-o por «obstinação ibérica», que nas suas lutas contra Roma impedia já os Lusitanos de se ligarem duradoiramente aos Celtiberos. Não venho a êste lugar, minhas senhoras e meus senhores, desfiar brumosas genealogias de Portugal como pátria livre. Mas exactamente porque acredito na unidade do Génio Peninsular, — exactamente porque me considero filho da grande Madre-Hispânia, é que reputo dever meu distinguir bem que

Digitized by Google

«unidade» não quere exprimir «unitarismo» e que, sendo «unidade» de ordem estritamente espiritual, nada melhor a serve de que o dualismo em que històricamente a Península acabou por se estabilizar!

Dualismo de soberanias, — dualismo de Estados. Mas semelhante dualismo não passaria nunca dum artifício, que a corrigenda inexorável dos anos haveria já desfeito, se não correspondesse a uma realidade maior, se não tirasse a sua razão de ser de outras razões mais recuadas e mais profundas. Não nos embrenharemos por uma selva escura de hipóteses a inquirir donde viriam essas razões, — se ùnicamente duma influência de meio físico (ninguém ignora o papel do Atlântico na diversificação portuguesa dentro da Península), ou também se de misturas ou sobrevivências humanas, que porventura prevalecessem irredutíveis no ocidente peninsular. O que sublinho é a circunstância de Castela tender espontâneamente para a poesia heróica, — para a gesta sonora e altissonante, enquanto Portugal vasava as inquietações do seu coração ardente na poesia do amor. Recordemo-nos do que o marquês de Santillana escrevia ao Condestável de Portugal: — «*. . . não ha mucho tiempo qualesquier desidores e trovadores destas partes, ágora fueren castellanos, andaluces o de la Estremadura, todos sus obras componian en lengua gallega o portuguesa*». Recordemo-nos ainda de que Menéndez y Pelayo, ao inclinar-se para a naturalidade galaico-lusitana do Amadis, ao mesmo tempo que o

Digitized by Google

tratava de «algo llorón», via-se obrigado a confessar que, apesar da gravidade peninsular imprimir ao Amadis um ar sério e casto, — ar que se não descobre nos seus modelos e arranjos franceses, palpita na afamada novela «*mucho de enervante y muelle que contrasta con la ferrea austeridad de las gestas castellanas*». Achamo-nos em presença duma evidente idiossincracia, — permita-se o emprêgo da feia palavra! —, de que bem cedo as restantes Espanhas, — como Camões diria! —, formaram perfeito juízo, arvorando-o até à dignidade de provérbio.

Proverbial se tornou, indubitàvelmente, em tôda a Península a fina amorosidade portuguesa. Lopes de Vega dedicou-lhe um dos seus mais aplaudidos epigramas e, rendido a uma evidência que seguramente o chocava, não hesitou em colocar na bôca dum dos seus personagens, o «D. Fernando» da Dorótea, aquela inolvidável passagem, tão doce de repetir para nós, os de Portugal: — «*Tengo los ojos niños y portuguesa el alma*». Conceito corrente durante o período filipino, — o período áureo da vossa literatura, minhas senhoras e meus senhores, êsse conceito da amorosidade lusitana, magnificamente o documentou o jesuíta Álvaro de Cienfuegos, ao declarar a propósito da morte da imperatriz Isabel, que «*las demonstraciónes del Emperador en esta desgracia fueron iguales à la perdida, llorando tanto tiempo, y con tanta alma, que se conocia bien que con el trato de la Emperatriz se le habia pegado toda la ternura portuguesa*».

Digitized by Google

Mas a «ternura portuguesa» não acusa demissão de vontade, ausência de carácter empreendedor e construtivo. A data que nos congrega hoje aqui demonstra-no-lo belamente nas suas esplendorosas conseqüências. Essa extraordinária aptidão emocional do tronco luso, vestida em tipos literários como o Amadis e a Diana, gerou, — temos de proclamá-lo! —, a concepção do «amor» porque o Ocidente se rege, desde o «amor», base da família e da espécie, até aos desvios da atormentada psicose romântica. Fronteira moral de Portugal em relação a Castela, é um dos sinais por que se manifesta na sua dupla face o Génio Peninsular. A outra face, — é a face da Epopeia, é a face da Gesta, do género sonoro e viril que, prosificado mais tarde, encherá as ressonâncias calderonianas do vosso teatro e iniciará com os vossos «pícaros» e sobretudo, com as andanças sublimes do pobre senhor Alonso Quijano o romance realista, — o romance analítico moderno.

Não se confina, porém, nos domínios excelsos do espiritual, minhas senhoras e meus senhores, o dualismo peninsular! Transitando para as grandes exteriorizações colectivas da história, é fácil descobrir-lhe o rasto no papel que Deus conferiu a Castela, entregando-lhe a política continental do Mediterrâneo e da Europa-Central, — a cruzada da Terra, enquanto, com as Descobertas e com a alvorada de novos mundos, confiava a Portugal a cruzada do Mar. Não arriscarei uma hipérbole impertinente, se considerar



Digitized by Google

o que existe de medular na civilização ocidental, excepluado, claro, o impulso criador que lhe veio do Cristianismo, como essencialmente filho do génio peninsular ou hispânico. Mas a sua unidade, a unidade do génio hispânico, não reside na secura dogmática duma fórmula inteiriça e geométrica. Nasce, ao contrário, duma tocante pluralidade de aspectos e matizes, que Portugal e Castela, como partes predominantes, nêle introduzem, enriquecendo-os de realce humano e de vitalidade incomparável.

Assim o teriam, por certo, sentido os varões máximos de Quinhentos, — os varões da Descoberta e da Colonização. Uma das mais agudas, embora das mais esquecidas inteligências de Portugal, — o malogrado Moniz Barreto —, tracejou as linhas gerais dessa particular fisionomia do Génio Peninsular, — o seu indiscutível dualismo. E, possuïdor, como poucos, da chave da psicologia hispânica, bem alto proclamava, numa hora em que reinavam soberanamente em Portugal os mais abstrusos preconceitos anti-espanhóis, que o período de maior esplendor tanto para Portugal, como para Castela, coïncide com o do sincero, e voluntàriamente procurado, paralelismo de Quinhentos.

Acentuo «voluntàriamente procurado», porque talvez, como nunca, entre súbditos de Portugal e súbditos de Castela, os motivos de discórdia e de desavença se contassem tão numerosos. Bastava para nos incendiar numa luta fratricida a disputa das

Digitized by Google

Terras maravilhosas, em que soldados de ambas as pátrias e missionários de ambas as línguas implantavam com o prestígio da Península o lábaro resgatador de Cristo. Mas, — lição inolvidável! —, um Papa dividira por portugueses e castelhanos (recuso-me a pronunciar o apelativo «espanhol» — porque só mais tarde, da segunda metade do século XVII em diante se restringiu aos naturais da monarquia unificada pelos Reis-Católicos) o orbe que ainda estivesse por descobrir. E, minhas senhoras, e meus senhores, não era um artifício jurídico, nem uma argúcia diplomática, — pronta evasiva de momento, depressa condenada ao limbo das coisas estéreis, das soluções convencionais e inúteis.

Não! O sentimento, que inspirou a bula de Alexandre VI, — um valenciano —, êsse sentimento, correspondia ao sentimento da unidade da Península em que se abrasavam, por cima das suas fronteiras nacionalistas, os habitantes da Espanha gloriosa, adiantada-mor da Europa e sua salvadora em tanta dolorosa emergência!

Havia então um «patriotismo peninsular» — patriotismo que não excluía o outro patriotismo: — o das diferentes pátrias, de que a Península se compunha. Provas? Sei lá de prova mais expressiva de que o testemunho de Gil Vicente que, numa das suas invenções teatrais mais aparatosas, põe no mar picado da tormenta as sereias cantando em castelhano os louvores de Portugal.

Digitized by Google

«Recuérdate, Portugal,
Cuanto Dios te tiene honrado;
Dióte las tierras del sol
Por comercio á tu mandado;
Los jardines de la tierra
Tienes bien señoreado,
Los pomares de Oriente
Te dan su fruto preciado,
Sus paraisos terrenales
Cerraste con su condado.
Loa al que te dió la llave
De lo mejor que ha criado;
Todas las islas ignotas
A ti solo ha revelado.»

Pois se, como vimos, o patriotismo peninsular, não excluía ou minguava o patriotismo nacional de portugueses ou de castelhanos, justo é declarar-se também que para a sua manutenção, contribuía o zêlo infatigável, o diligente cuidado dos monarcas peninsulares.

D. Manuel I de Portugal, — eis um exemplo de pleno valor demonstrativo! —, recusou a coroa de Castela que os comuneiros revoltados lhe ofereceram. Porquê? Porque nos dois reinos da Península palpitava, clara e vigorosa, a consciência de que, acima dos interêsses centrífugos e divisionista em que por vezes se degladiavam e diminuíam, pairava o interêsse superior da Península, — interêsse que, por ser da Península, forçosamente envolvia, tornando-os viáveis e respiráveis, os interêsses de Portugal ou de Cas-

Digitized by Google

tela. Pregunto eu, minhas senhoras e meus senhores, — pregunto eu, se semelhante consciência do superior interêsse da Península, — da Hispânia-Madre não vibrasse, impondo-se, nos homens de Quinhentos, poderia acaso Portugal ter dilatado por oceanos enigmáticos e continentes hostis a Fé e o Império, — poderia acaso Castela ter barrado o avanço do Turco e dominado na Europa-Central o alastramento da anarquia religiosa, retardando assim por três séculos a crise quási mortal em que a comunidade europeia parece agora desfazer-se? Certamente que não, — afirmemo-lo com sereno desassombro. Mas, ao afirmá-lo, lamentemos também que a consciência dêsse super-nacionalismo hispânico se haja perdido nas intrigas das câmaras régias, no astigmatismo político de tôda uma plêiade de estadistas, só dignos de governarem em Lilipute, nas inadmissíveis superstições duma burguesia que se reputa de letrada, nos conluios ajuramentados das choças revolucionárias, para só faïscar, como passageiro relâmpago, quando, apenas por lei sagrada do sangue, espanhóis e portugueses se encontraram de súbito unidos como um só homem contra as águias assoladoras de Napoleão!

Sim, minhas senhoras e meus senhores! Perdida a consciência do super-nacionalismo hispânico, a Península entrou em decadência —, é de uso proclamar-se. Decadência externa, — apatia interna. Começa no século XVII, dura até aos nossos dias, e tão persistentemente, tão afincadamente, que perante a

Digitized by Google

Europa, revendo-se, morfinizada, no fulgor da suposta civilização do Ferro e do Aço, Espanha e Portugal tomaram-se, com geral aprazimento, como caricaturas arcaicas, como figurações obsoletas, sem mais curiosidade que a duma simples exibição arqueológica. Portugal e Espanha, — caricaturas! Caricaturas, — nós, minhas senhoras e meus senhores, nós que demos à Europa as vias marítimas e terrestres por onde ela depois passou, desdenhosa e ingrata! Caricaturas arcaicas, — nós que arrancámos da selva a mais de vinte nações e, incorporando-as maternalmente no nosso ideal de civilização, as distinguimos logo no berço com a estrêla dos grandes destinos! Caricaturas arcaicas, — nós, minhas senhoras e meus senhores, que, no depoimento do próprio Oswaldo Spengler, primeiro que ninguém, soubemos imprimir ao nosso nacionalismo um amplo e intenso sentimento universalista!

Consolêmo-nos, porém, com a certeza de que, ainda que tardia, a justiça vai chegando. Não há muito que um dos mais originais espíritos do nosso tempo, — o inglês Chesterton, sustentava que a guerra da Espanha com a Inglaterra, ao declinar o século XVI, foi uma guerra de civilização, — estando a civilização pelo lado da Espanha. A Espanha, — ou seja a Península —, representava a continuïdade cultural e moral de que a Europa se nutria e a cujas luzes se conformara social e espiritualmente. A derrota da «Invencível Armada» inicia a série de desas-

Digitized by Google

tres que se remotam na guerra dos Trinta-Anos com os tratados de Westphalia. Os tratados de Westphalia sancionaram como norma de conduta internacional o individualismo religioso e político. Foi a vitória das «éticas do Norte» — como confessa Chesterton elucidativamente. E se tentarmos bosquejar a genealogia dos diversos males que afligem a dolorosa era de transição em que vivemos, minhas senhoras e meus senhores, a Westphalia teremos que remontar. O que confirmaram na Europa os tratados de Westphalia? O crepúsculo definitivo da Casa de Áustria, — a queda da Espanha, como potência europeia, como elemento ponderador da Cristandade. Mas não é só a Espanha que se some na sombra em Westphalia. Some-se também o prestígio diplomático do Pontificado, — some-se igualmente o pouco que ainda restava do conceito da Cristandade. Abandonada às «éticas do Norte», — na frase felicíssima de Chesterton —, ou, em outros têrmos, aos desvarios e exageros do individualismo, a Europa julgou-se libertada, como que entrada em outros caminhos de maior prosperidade e supremacia. Mas, — ai de sua pobre e desvalida ilusão! —, desgarrando-se atrás duma ignóbil mitologia social e filosófica, só para a sua ruína correu. Persistindo no seu êrro, mais e mais se embrenhou nos círculos dantescos, em que hoje se despedaça, transviada. Não nos excedemos, por isso, minhas senhoras e meus senhores, se concluirmos que o início da decadência da Europa coïn-

Digitized by Google

cide com o início do crepúsculo da Península em Westphalia.

É imperioso, no entanto, rectificar-se: — decadência da Europa, sim, mas não decadência da Península! Já veremos porquê. Oliveira Martins, e, com Oliveira Martins, Moniz Barreto, seu crítico e seu amigo, fixaram como qualidade-mestra da alma hispânica o seu afêrro ao conceito absoluto da Existência. Pelo afêrro dos hispanos à idéia absoluta da Vida se compreende e explica aquilo que destaca a sua história da história das outras nações europeias, — suas sucessoras na condução e hegemonia do mundo. Enquanto elas se baseiam na noção de «indivíduo», os hispanos basearam-se sempre, por condição peculiar da sua índole, na noção de «pessoa». Se recorrermos, minhas senhoras e meus senhores, à distinção que o Tomismo nos fornece entre «pessoa» e «indivíduo», abrangeremos sem dificuldade como o nacionalismo dos hispanos, — centrípeto, acumulador por excelência, teria de ser universalista, — aditivo, portanto, ao passo que o nacionalismo de ingleses e alemães, — individualistas por pecado original, seria centrífugo, atómico, substractivo, como conseqüência. Eis aqui o motivo bem palpável porque nós fundámos «nacionalidades», não conseguindo os outros povos, que enfática e empavonadamente se intitulam de «colonizadores», ir além de «colónias» e, quando muito de «Estados», cujos fundamentos assentaram no extermínio sistemático das populações indígenas.

Digitized by Google

Insisto, senhoras e senhores, na distinção entre «pessoa» e «indivíduo», aplicando-a à história peninsular e à sua projecção universal. A «individualidade» vem do corpo, da matéria, do instinto. Inversamente, a «personalidade» vem da alma, — é, na observação aguda dum publicista contemporâneo, «a subsistência da alma, independentemente do corpo». Desenvolver a sua individualidade, — assinala o mesmo autor —, é viver da vida egoísta das paixões, é fazer-se o centro de tudo e terminar, finalmente, por ser o escravo de mil bens passageiros que nos trazem um prazer de momento. A personalidade, ao contrário, aumenta na medida em que a alma, elevando-se ao de cima do mundo sensível, se prende mais estreitamente pela inteligência e pela vontade ao que constitui a vida do espírito» (1).

Já na sua História do povo espanhol, o hispanófilo inglês, Martin Hume se choca com êsse especial sentido dos hispanos em conceber a Vida. Confundindo-o embora com o «individualismo», demonstra-nos Martin Hume a traços incisivos como a identificação do hispano com o Cristianismo correspondeu a uma forte solicitação do seu temperamento. Substitua-se «indivíduo» por «pessoa», e «individualidade» por «personalidade» — e tudo ficará certo. Um filósofo espanhol do nosso tempo, em quem

(1) Padre Garrigou-Lagrange, *Le Sens commun*.

Digitized by Google

revive o casticismo intelectual dos velhos mestres peninsulares, — Jorge Santayana, qualifica de «paganismo» tanto na existência das colectividades, como na pura determinação individual, quando derive apenas da vontade e pretenda exclusivamente servir o «eu», — no que êle tenha de centrífugo ou substractivo, e «pagã» assim a filosofia germânica, afastando-se completamente da objectividade e procurando sobrepor a inteligência, como princípio e fim de si mesma, às evidências constantes do Ser, «pagã» é a norma introduzida pelo liberalismo na política e economia dos povos, em que o elemento absoluto da Vida se despreza totalmente e só se rende à satisfação do apetite imediato, — das nossas necessidades estrictamente animais. Triunfante na marcha da Europa, principalmente a partir do século XVII, o conceito «pagão» da Vida, — da filosofia às directrizes dos Estados, da moral às belas-letras e às belas-artes, levou-nos automàticamente à crise trágica em que o Ocidente estaciona, insensibilizado pelo que nós julgamos um desmedido capital de civilização, mas que não é senão uma bastardia ou um envilecimento daquilo que por «civilização» imperiosamente carecemos de considerar.

Com efeito, minhas senhoras e meus senhores, «civilização» significa um predomínio de espírito, em que o indivíduo cede ao conjunto humano, em que as riquezas de ordem interna e ascendente jugulam e orbitam as riquezas ùnicamente materiais. Pois con-

Digitized by Google

tra o Espírito a Matéria reina, — contra a Civilização reina a Técnica, promovendo a alucinação da velocidade e asfixiando pela vitória tôrpe da Máquina o princípio de autonomia interior, pela qual a nossa dignidade de homens consiste em sermos «almas», — e não, na ironia clássica do humanista, «simples sacos por onde entra e sai a comida»!

Algures, numa página bastante divulgada, interroga Henri Bergson, — um dos mais elegantes sofistas da idade leviana que se atravessa! —, até onde houvera chegado nas suas investigações a ciência moderna, se, em lugar de partir da razão matemática para o estudo exclusivo da Matéria, partisse da razão psicológica para o estudo mais amplo e mais envolvente das coisas do Espírito. Na ameaça crescente do orientalismo que, com sarcasmos implacáveis, classifica de «saber ignorante» a nossa civilização do Aço e do Ferro, — a nossa portentosa «técnica», encobridora, no fundo, do mais estigmatizante primitivismo mental, o Ocidente não sabe que opor-lhe, se não volver de novo os olhos para a rocha firme de Pedro, — para a claridade que rutila para além dos montes, na transparência augustíssima do céu de Roma.

Pràticamente, experimentalmente, a Europa, polida e orgulhosa, como domadora que foi do resto do Orbe, ou tem de sucumbir, ou de acolher-se ao aprisco paternal do Cristianismo. Adversários encarniçados do Catolicismo, como Oswaldo Spengler,

Digitized by Google

não fogem a confessar que a sorte do Ocidente anda ligada à da Igreja, — que aos da Igreja andam ligados os destinos da civilização, engendrada na concha azul do Mediterrâneo, — o mar sagrado da cultura antiga.

O que concluir daqui, minhas senhoras e meus senhores? Que está em juízo o conceito «pagão» ou «individualista» da Vida, — conceito que tirânicamente suplantou, mormente depois do século XVII, — insisto, o conceito «Cristão» e, implìcitamente, «hispânico» da existência. Digo «implìcitamente hispânico», ao adjectivar de «cristão» êsse conceito absoluto da Existência, porque, fundamentando-se a idéia da Vida, possuída pelos «hispanos» não no sentimento da «individualidade», mas no sentimento da «personalidade», não é difícil entender-se como, por uma espontânea combinação, Cristianismo e Hispanismo se conjugam e consubstanciam. Não foi por fortuito acaso que Ósio, bispo de Córdova, redigiu em Niceia o Credo e que um hispano, — Teodósio, declarou o Cristianismo religião oficial do Império. Enquanto o indivíduo se esquiva às regras comuns e universais, para arvorar o seu egoísmo em eixo de quanto o rodeia e êle apreende, a pessoa ajusta-se naturalmente à espécie e, realizando-se integralmente, conserva-a, fortifica-a e perpetua-a.

Eis porque, desde sempre, o «hispano» tendeu para a «unidade», — não para a «unidade» que elimina, que exclue, mas para a unidade que encor-

Digitized by Google

pora, que assimila, que sintetiza. Assim se perceberá já porque intimamente nos associamos, transfigurando-nos com ela, aos prestígios e aos progressos de Roma, a ponto de a presentearmos com imperadores, com filósofos, com generais. O esbôço, ainda imperfeito da «unidade», que Roma nos oferecia em relação ao género humano, definiu-o e impô-lo o Cristianismo. O «hispano» reconheceu-se sem hesitações na nova fórmula religiosa, desposou-a, fêz-se o seu verbo, dando-lhe apóstolos e mártires, — fêz-se o seu braço, dando-lhe soldados e legisladores. Porquê? Porque o Evangelho, — no depoïmento de Hume —, concedia um apoio divino ao instinto mais enérgico da raça hispânica, — o sentimento absorvente da «personalidade», que Hume erròneamente, como já notámos, troca por «individualidade». Essa grande democracia espiritual, — a única, a verdadeira, minhas senhoras e meus senhores! —, que é o Cristianismo e em cujo seio todos são irmãos e iguais perante Deus, diferenciando se sòmente pelos méritos adquiridos, pelas virtudes professadas, — essa grande democracia espiritual, repito, correspondia ao que borbulhava no mais entranhado do génio hispânico: — a idéia da independência e a idéia da responsabilidade. Pela idéia da independência e pela idéia da responsabilidade, baptizadas e alimentadas pelos mandamentos de Cristo, a civilização ocidental foi possível no que ela guarda de vivaz, de moço, de eterno dentro da imortalidade da história.

Digitized by Google

A liberdade é, dêste modo, nossa filha, ó filhos da admirável e caluniada Madre-Hispânia, — nasceu entre nós do consórcio do amor à responsabilidade com o amor à independência. O consórcio dos dois sentimentos, — o da responsabilidade e o da independência já nos levava nos primeiros tempos da Igreja a repelir a heresia ariana, em que o princípio da autonomia individual se combate e nega esmagadoramente. Centenas de anos rodariam. E, ao desenlaçar-se o tremendo conflito do século XVI, em Trento, com a Igreja dividida e sangrando, são os teólogos espanhóis quem ampara a autonomia individual, — origem e fonte de tôda a verdadeira liberdade, desbaratando os que pretendiam converter em dogma a terrível doutrina da Predestinação. Nessa hora grave o mundo se salvou dum torpor de morte, embora resvalasse depois, com o triunfo nefasto do relativismo filosófico, para as emboscadas sem fim do determinismo e da fatalidade histórica, — iguais em conseqüências aos resultados que nos adviriam, se em Trento a ofensiva dos teólogos peninsulares não tivesse prevalecido soberanamente.

Mas se a autonomia individual se defendeu em Trento, garantindo a liberdade nos domínios morais, convém não esquecer que o devemos, como homens e como hispanos, ao nosso irredutível e estrutural sentido da «personalidade», — e não da «individualidade». Por tão radicado e persistente atributo, nós reconhecemos nas Leis da Índia a unidade da

Digitized by Google

espécie humana, andando decerto na nossa lembrança a discussão levantada entre os juristas e canonistas peninsulares se havia, ou não, o direito de conquistar as terras recém-descobertas e de escravizar os seus habitantes. O que existe de mais belo, de mais rasgado nos presunçosos códigos da actualidade, do direito politico ao direito penal e internacional, deriva, minhas senhoras e meus senhores, do fermento salutar que o Cristianismo depôs na consciência dos povos ocidentais, mas que só a Hispânia-Madre, por seu entranhado amor do Absoluto, soube desenvolver, expandir e consagrar em monumentos e criações, que nenhuma «lenda-negra», por mais arquitectada e cimentada que seja, poderá ocultar, logo que os olhos se não fechem à claridade nem se feche aos direitos clamorosos da justiça a tibieza do nosso entendimento.

E acusam-nos de caricatura arcaica! A nós que já desde os concílios de Toledo submetíamos à disciplina suprema do Espírito a fôrça bruta, enunciando o célebre aforismo, recolhido por Santo Isidoro nas suas *Etimologias*, — *Rex eris recte facias: si non facias, non eris?!* Caricatura arcaica, — nós que nos erguemos como um cerrado baluarte, com os nossos doutores, com os nossos estadistas, contra o Absolutismo que a Renascença engrossara e que a rebeldia protestante ia atirar vitoriosamente para o campo das definições jurídicas?! Ao aforismo de Santo Isidoro, — *Rex eris si recte facias*, nobremente

Digitized by Google

transitado para as *Partidas (Onde Rey serás si facieres derecho, si non facieres non serás Rey)* imprimir-lhe-íamos então uma nova e solene retumbância. Basta recordar o episódio que numa das suas valiosas Memórias D. Eduardo de Hinojosa nos evoca. Foi no reinado de Filipe II. Na presença do soberano um prègador afamado afirmara no púlpito para baixo «*que los Reys tenian poder absoluto sobre las personas de sus vassallos y sobre sus bienes*». Processou-o por isso o Santo-Ofício, obrigando-o a retratar-se no mesmo púlpito, com a declaração expressa de que eram erróneas as suas palavras e de que, ao inverso delas e conforme instrução literal dos teólogos inquisitoriais, «*los Reys no tienen más poder sobre sus vassallos del que les permite el derecho divino y humano — y no por su libre y absoluta voluntad*».

Ocorria isto, minhas senhoras e meus senhores (torno a repeti-lo), durante o reinado de Filipe, do denegridíssimo Filipe II, quási simultâneamente quando em França predominava a doutrina de não sujeição do Monarca à lei e quando a mão do carrasco queimava em Paris, na praça pública, o *De Rege*, do jesuíta João de Mariana, dedicado a Filipe II, «rei católico de Espanha».

Factos irrespondíveis, significam-nos bem quanto a Península, — um dos maiores larários de civilização em todos os tempos —, suscitou contra si uma campanha de ódios sistemáticos e infatigáveis. Por-

Digitized by Google

quê? Porque na sua adesão firmissima ao Catolicismo, ela representou um dique oposto resolutamente às mil causas de desagregação social, que o vento mortífero da Reforma suscitou na Europa. Tida por uma falsa erudição de cópia como o reduto último do despotismo e duma obstinação fanática e obscurantista, a Península — a Madre-Hispânia, vê-se, afinal, defendida por inesperadas e honestas reivindicações da cultura estrangeira. Citado por D. Eduardo de Hinojosa, o conhecido publicista e universitário alemão Von Gierke testemunha insuspeitamente que «a Reforma deu nova vida ao conceito teocrático» da autoridade. «Não obstante, — escreve —, a variedade de matizes que entre êles se observa, Lutero, Melanchton, Zwinglio e Calvino concordam em proclamar o direito divino da autoridade». Mas essa unanimidade por parte dos inovadores protestantes em reconhecer e sustentar o direito divino da autoridade dirigia-se ao endeusamento do Estado e à teoria absurda de que, não só a autoridade em si é de origem divina, como o é igual e inseparàvelmente o direito dos seus titulares ocasionais. Daqui, — concluo eu e não Gierke —, a confusão propositada, na bôca e na pena de muitos detractores do pensamento católico, entre a origem divina do poder e o falso direito divino dos reis. Mas Gierke prossegue. E prossegue, minhas senhoras e meus senhores, em têrmos que, registá-los, é honra e estímulo para nós: — «os mais acérrimos inimigos da Reforma, em espe-



Digitized by Google

cial os dominicanos e os jesuítas, trabalharam com tôdas as fôrças do seu entendimento para que prevalecesse o conceito puramente racional do Estado e do soberano. Fizeram tal, é verdade para contrapor o Estado à Igreja, e inferir de semelhante contraposição entre a obra humana e a instituïção divina a subordinação da potestade temporal à espiritual. Mas naqueles pontos em que as relações do Estado com a Igreja ficavam fora da questão, desenvolveram a doutrina do Estado sôbre fundamentos inteiramente filosóficos e livres de todo o preconceito dogmático. Os grandes teóricos desta tendência, — remata o acreditado professor berlinês —, são unânimes em aceitar que a sociedade política se firma no direito natural e que, por virtude dêste mesmo direito, corresponde à sociedade a soberania sôbre os seus membros», sem que se repudie o preceito religioso de que o Estado se fundamenta na vontade divina e de que todo o poder emana de Deus.

Talvez me excedesse, minhas senhoras e meus senhores, no exame dum aspecto dos mais controvertidos do génio hispânico. Mas cansados como andamos de ouvir, com ares de alta crítica, a velha atoarda enciclopédica de que a humanidade nada deve à Espanha, — e Espanha aqui equivale à Península, ou seja Portugal e a Espanha pròpriamente dita —, bom será que reponhamos as coisas no seu justo lugar, respondendo aos que nos acusam de anacrónicos, de retardatários e de fossilizados, que

Digitized by Google

a liberdade, — no seu superior sentido orgânico —, é natural da Península, sendo entre nós o absolutismo um intruso violento, um hóspede atrevido e não desejado. Como falei em «liberdade» e em «absolutismo», convém que, a vocábulos tão prostituídos pelo histrionismo verbal dos polvos da comédia política, se atribua o seu vigoroso conteúdo. Nada mais inimigo da liberdade, — facto moral, radicado, sobretudo, na consciência, do que o Liberalismo, — irmão mais novo, mas irmão hipócrita, do Absolutismo! Nada mais zelador e amparador da liberdade do que a autoridade do Estado, quando restituída à sua exacta função, quando confinada nos seus limites históricos e racionais. Eis a lição que se tira da obra dos Reis-Católicos: — unificando na sua soberania a soberania pulverizada pelos diversos senhorios e jurisdições nobiliárquicos, garantiram, contra particularismos odiosos, contra bandos que dentro do Estado constituíam verdadeiros Estados, o equilíbrio perdido da colectividade e a reposição dos seus legítimos interêsses em moldes próprios e adequados. Eis porque a liberdade anda sempre ligada à autoridade, — eis porque o exemplo dos reis católicos é de maneira a convencer-nos de que o poder responsável e forte nem sempre é sinónimo de absolutismo, ainda mesmo nos casos em que se sobreponha à ficção — porque não dizer? — à mentira dos textos escritos, — dos ridículos e inexpressivos pa-

Digitized by Google

péis, a que a mitologia dos nossos tempos chama «constituïções».

Adiante, porém! E adiante, para nos confirmarmos, minhas senhoras e meus senhores, no prestígio e no já evidente ressurgimento do génio hispânico. Do seu crepúsculo no século XVII sabemos nós já como coincidiu com o crepúsculo daquelas verdades que, sendo depostas no coração da Europa pela solicitude maternal da Igreja, fizeram da Europa a portadora do facho, hoje turvado, da civilização. Amanhã, o historiador ou o crítico que ordenar a história da decadência europeia ou o inquérito aos motivos porque se encontra em crise a civilização ocidental, — pondo de parte quaisquer intuitos apologéticos —, verificará objectivamente que essa decadência e que essa crise entroncam na ruptura do nosso continente com o ideal cristão e com a realização aproximada que dêle a Península conseguira efectivar e difundir. Admitimos então para a Península uma como que predestinação, — uma como que missão teológica de povo eleito? Não caimos num terreno de tão fugidia e enleante natureza! Retraídos ao campo da pura observação, simplesmente constatamos que o conceito ou o sentimento da vida dos povos peninsulares, conduzindo-os por especial condição de temperamento, à noção do homem como pessoa, e não como indivíduo, os dotou com tôdas as vantagens do individualismo, livrando-os de tôdas as suas aberrantes e dispersivas conseqüências.

Digitized by Google

Assim necessitamos de encarar tão complexo tema, — assim a psicologia do hispano se nos apresenta, olhada por um escrupuloso critério positivo.

É o critério positivo, minhas senhoras e meus senhores, que obriga Santayana a ressuscitar filosòficamente o vocábulo «paganismo», para caracterizar os subjectivismos desvairantes duma certa e vã filosofia. Filosofia que, inspirando-se na obsessão exclusivista do eu, promoveu, como fruto daninho do individualismo, a ruína da inteligência e da razão humanas. Podemos encará-la com o polo negativo do sistema, ou concepção do mundo, em que o hispano aparece na posição oposta, como seu antípoda radical e extremo. Se da filosofia, adjectivada por Santayana de «pagã», deriva a dissolução contemporânea, tanto moral como intelectual, não é difícil inferir-se que na filosofia adversa reside a base da desejada recomposição do pensamento e da ética nas nossas combalidas sociedades. Qual essa filosofia? A filosofia da Escola, a filosofia do Ser, a filosofia da objectividade, — a filosofia que, bafejada pela excelsa penetração de Santo-Tomás, nos ensina a distinção entre pessoa e indivíduo, sem a qual a acção histórica dos povos peninsulares é difícil, senão impossível, de interpretar e deslindar.

Pois, por persuasiva e reforçante coincidência, a filosofia da Escola achou na Península o seu derradeiro refúgio, ao anunciar-se o tremendo crepúsculo mental do século XVII. Ainda aí é impressionante o

Digitized by Google

consórcio das predilecções mais íntimas do génio hispânico com as regras e as disciplinas em que o ocidente depunha o segrêdo da sua vitalidade e do seu esplendor! O filósofo francês Jacques Maritain no seu *Antimoderne*, — breviário admirável de revisão e de depuração das idéias, reputadas como basilares, — Jacques Maritain, da mesma forma que Bergson, que êle desfez num estudo inolvidável, — aduza-se de passagem —, levanta a seguinte interrogação: — «*Que serait-il advenu de la France e du Monde si le mouvement classique du XVII siècle avait choisi pour maître et pour guide en philosophie, non pas la dure et étroite tête orgueilleuse qui rejeta et détruisit tous les précieux instruments de Sagesse préparés le long des âges par le labeur des hommes, mais le vaste et puissant métaphysicien qui continuait et commentait humblement Aristote et Saint Thomas á Alcala de Henarès, pendant que Descartes combinait en Hollande sa révolution philosophique, — le docteur profond Jean de Saint-Thomas?*» Equivale isto a dizer, minhas senhoras e meus senhores, que mais fecundas e menos fatais teriam sido as direcções levadas pela Europa se, ao vento novo, que de França soprou com a nova filosofia, se sobrepusesse a voz da prudência mental, sustentada nas cátedras peninsulares, sobretudo, por êsse assombroso fr. João de Santo Tomás, português de nascimento, embora professor na velha fundação de Cisneros. Ainda por aí, — pela apertada aliança do espírito peninsular com

Digitized by Google

a filosofia tradicional (e escusado é remomerar nomes como os do jesuíta Pedro da Fonseca e do jesuíta Francisco Suárez!), nós verificamos como a noção da existência e do conhecimento, praticada e ensinada pelos hispanos, se conformava estruturalmente com as necessidades e as tendências progressivas da civilização ocidental. Infeccionada esta pela avariose ideológica da Reforma e da Renascença, onde é que a Reforma encontra mais denodados opositores, do campo da teologia ao campo da filosofia? Na Península. Na Península igualmente o humanismo pretencioso da Renascença se depura e deixando de ser, como era para os gafados italianos um fim, — um ideal de vida, volve-se com os colégios da Companhia acentuadamente, um meio de educação valiosíssimo, — um valioso agente de formação mental, de que o Colégio das Artes em Coimbra nos fornece um exemplo convincente. Ajuntemos aos testemunhos já produzidos dois de não menos pêso e de não menos autoridade.

Depõe Bretano, professor de Economia Política na Universidade de Leipzig: — «No século XVI a cultura espanhola alcança transitòriamente o primeiro lugar na vida intelectual da Europa. Não nos devemos, pois, admirar que o mundo inteiro tome a Espanha por modêlo. As suas instituïções são imediatas: não só o seu exército e a sua organização administrativa, mas também certas instituïções económico-jurídicas, como os fideicomissos familiares...; e assim como a

Digitized by Google

infantaria espanhola imprime o seu sêlo aos exércitos da época, também a política monopolizadora de Espanha na ordem económica serve de norma às outras nações». Também o historiador alemão Karl Hillebrand se pronuncia: — «A nossa época bastante inclinada a diminuir o papel da Espanha na história da civilização europeia, deve reconhecer que, não só foi obra exclusivamente sua a reorganização da Igreja, como a monarquia de direito divino, tal como floresceu no século XVII». E, resumindo a influência poderosa da Espanha na literatura e nas artes, Hillebrand adita: — «Maior foi ainda a influência que teve no desenvolvimento filosófico da Europa... Não quere isto significar que a filosofia de Molina e Suárez informasse por completo a vida intelectual da época; mas é inegável que à Espanha se deve o restabelecimento do princípio da autoridade em tôdas as ordens, erguendo assim um dique, às vezes benéfico, ao desenvolvimento da especulação filosófica na Europa Continental».

São êstes testemunhos altamente demonstrativos. Partindo de alemães, — e de alemães com manifesta mentalidade luterana, ajudam-nos, pela sua origem, a ajuïzar sem apologéticas preconcebidas, do esfôrço dispendido pela Península em proveito da unidade europeia e da civilização ocidental. Claro que aonde êles escrevem «Espanha», é de justiça lermos nós «Península», porque de outra maneira ocultaríamos, e com imperdoável injustiça, a parte que pertenceu a

Digitized by Google

Portugal com os seus humanistas e com os seus comentadores, dos Gouveias, tios e sobrinhos, a fr. Serafim de Freitas e ao citado fr. João de Santo Tomás «doutor humilde e profundo», eis como o retrata Jacques Maritain! —, do verdadeiro europeísmo, em seguida a Trento e às vésperas da guerra dos Trinta-Anos.

Mas tamanha capacidade afirmativa dos hispanos dependeria apenas da posse ocasional, — ouro e soldados —, das fôrças materiais do domínio? Afoitamente respondemos que não. Basta repetir com G. K. Chesterton que, ao estalar a catástrofe da Invencível-Armada o interêsse da Europa estava ao lado da Espanha, que «representava, — na frase de Chesterton —, a própria civilização». Consuma-se então o que Chesterton tem por «cisma das nações». O que entender por «cisma das nações»? O afastamento da Europa das vias tradicionais, o advento das «éticas do Norte», (a expressão é também de Chesterton) e o seu natural triunfo em Westphalia. Contudo, apesar de vencido pela explosão vitoriosa do individualismo, a Hispânia não sucumbiu, não entrou em decadência. Constitui um grosseiro desvio óptico o supor-se que é a história da decadência peninsular a história dos três últimos séculos, — e história do individualismo em tôdas as suas multíplices revelações. O que será é a história da decadência da Europa, — isso sim! Atirando-se, na esteira da razão matemática, para a exclusiva

Digitized by Google

conquista do reino da Matéria, a Europa embrenhou-se na selva escura, em que hoje, túnica rasgada, — a sua magnífica túnica orlada de castelos e de catedrais! —, o diadema perdido, vagueia como uma raínha de Shakespeare, esfarrapada e louca. De Spengler a Maritain, do conde de Keyserling a Réné Guénon, a decadência da Europa é denunciada e glosada em têrmos que não nos permitem duvidar sôbre as causas em que se filia: — o abuso da concepção mecânica da vida, o abuso do relativismo, o apetite sôfrego e absorvente, como se fôssem as únicas das compensações materiais. Ao contrário, a Península, em pleno morgadio das riquezas ultramarinas, em pleno fastígio do seu poderio terrestre e naval, dispondo, conseqüentemente, dos factores concretos de hegemonia por que ainda agora se batem as potências, havidas como «grandes» some-se num crepúsculo rápido, voltando as costas ao prato de lentilhas, para permanecer fiel ao seu, — expressemo-nos assim! —, imperialismo espiritual. De quem a decadência, portanto? Oh, não olvidemos, minhas senhoras e meus senhores, que na crise máxima de Quinhentos a Seiscentos o que vence a Península vence simultâneamente, da religião à política, da inteligência ao sentimento, a Cristandade e o Europeísmo!

No seu *Portrait d'Espagne* com rara agudeza pondera Maurice Legendre: — «*En somme, dans la division du travail intellectuel et spirituel entre les*

Digitized by Google

*peuples l'Espagne* (leiamos sempre «Península») *est restée plus spécialisée que la plupart des autres grands peuples; mais par bonheur pour elle, elle s'est spécialisée dans ce qui a de plus d'universalité. Sans doute,* — prossegue Legendre —, *elle n'a pas assez profité des découvertes d'ordre secondaire, mais cependant utiles, que d'autres ont faites dans le domaine scientifique: c'est que l'époque du développement des sciences, dans les temps modernes, a malheureusement coincidé avec l'époque de la décadence politique de l'Espagne et de son isolement. Malheureusement aussi l'isolement n'a pas seulement privé l'Espagne de ce que les autres nations avaient à lui donner; il a privé les autres nations de ce que l'Espagne avait à leur donner; mais il est évident que l'inconvénient était grand surtout pour la nation qui était seule de son coté; elle en a les inconvénients de l'isolement sans avoir les avantages. Un nation moins forte, moins noble, moins riche de capital spirituel n'aurait pas résisté à ce régime. L'Espagne a superbement resisté. Elle avait «choisi la meilleur partie»; elle avait peut-être trop négligé le rôle de Marthe, qui est très beau lui aussi et qui s'impose en dehors des occasions où l'on reçoit le Seigneur, mais du moins elle a si bien aimée sa part, qu'elle tient en réserve, pour les nations sœurs, les plus affairées, de merveilleux trésors reçus du Sauveur».* E o autor do *Portrait d'Espagne* remata: «*Quelle etrange destinée que la sienne!*»

Digitized by Google

Expurgando dos comentários de Maurice Legendre, pelas considerações anteriormente apontadas, o critério de «decadência», em que nos reputa, — critério que deve ser substituído pelo de «asfixia» ou de «sequestro» —, eu não conheço nada que mais fielmente retrate a superioridade frisante, pelo seu afêrro aos bens do Espírito, da Hispânia-Madre, no desmantêlo geral em que nós vemos desfazerem-se sistemas e ficções, — mentiras douradas e aparatosas burlas, de que o individualismo enganadoramente se alimentou.

E bem o comprova, minhas senhoras e meus senhores, a festa que aqui nos reúne, — a data que hoje comemoramos! Por mais que a «lenda-negra» se empenhasse em nos enegrecer a obra, — a nossa obra de hispanos, eminentemente humana, quem há, tirante nós, que possa justamente orgulhar-se de haver criado nacionalidades?

Permita-se-me, minhas senhoras e meus senhores, que eu volte a reproduzir uma outra passagem de Maurice Legendre, — passagem que se refere, precisamente, ao acontecimento que hoje jubilosamente se recorda: — «*Quand ils célébrent la Fiesta de la Raza, le 12 Octobre, anniversaire du jour où Colomb parvint au Nouveau-Monde, les Espagnols, sans se forger des nations aventureusement scientifiques, rappellent avec un légitime orgueil que la population de la péninsule (il ne faut pas séparer de l'Espagne le Portugal, dont le rôle est ici particulièrement glo-*

Digitized by Google

*rieux) a créé vingt nations dans le Nouveau-Monde: il a fallu qui le caractère de la population de l'Ibérie fût singulièrement trempé, pour qu'il se transmût ainsi, pour qu'il fût tradition vivante, pour que l'Espagne et le Portugal, répétant dans l'âge moderne, le plus grand prodige de l'histoire de l'antique Rome, pussent créer un monde nouveau qui fût à la fois de leur esprit et de leur sang.»*

Assim fala desassombrada e desapaixonadamente um estrangeiro. Se nós realmente, não passássemos de povos esgotados, — e de povos esgotados pela acção persistente da Igreja e da Realeza, como pretendem tantas e tantas teorias da decadência peninsular, como é que, por virtude dêsses mesmos dois princípios, poderíamos gerar vinte viçosas nações que do outro lado do mar entoam num côro heróico a glória de serem filhas da Península?

Numa interessante conferência, realizada em 1921, na Real Academia de Jurisprudência y Legislacion, de Madride, o alto funcionário colonial, dr. J. H. Abendanón, não hesitou em declarar que «*es un hecho historico de los más notables que donde los espanols y los portugueses han pasado, su religion, su espiritu, su lengua y su canto quedan para siempre*». Ocupava-se o dr. Abendanón, das Índias-Neerlandesas. E ocupava-se afirmando com louvável isenção os inúmeros vestígios que em tôdas elas os portugueses tinham deixado. «*Se encuentran en todas partes nombres portugueses,* — disse o conferente —,

Digitized by Google

*y en las lenguas del Archipiélago, que son más de 300, hay muchas palabras portuguesas*». Continua o dr. Abendanón: — «*Hay islas en donde las mujeres de los jefes todavia se titulan Nora, y en algunas partes se puede oir la música antigua portuguêsa, tocada en guitarra, con canciones en portugués corrompido. Cercano a Batavia, la capital,* — prossegue —, *existe una aldea, donde la gente habla un portugués mezclado com malayo, siendo los habitantes de esa aldea cristianos en medio del mahometanismo. Cantan en la iglesia himnos portugueses y celebran la noche de Navidad como los portugueses solian hacer-lo*».

Se me demorei, salientando semelhante facto, é porque êle se veste das linhas sumárias dum símbolo. A fidelidade das populações de Java e de Sumatra à penetração portuguesa, — de resto, tão fugidia, tão transitória ali —, é o reconhecimento expresso de que os nossos descobridores e os nossos conquistadores não levaram consigo apenas o ferro e o fogo, a destruïção e a morte.

Pouco mais de dois meses decorreram, minhas senhoras e meus senhores, desde que nas Filipinas, numa solenidade em honra do vosso país, o general Aguinaldo chamava a Espanha «querida Madre de Filipinas». Quem é o general Aguinaldo? Vós o sabeis melhor do que eu. É o cabecilha das lutas anteriores a 98, — o caudilho da independência. Pois êsse guerrilheiro que se bateu com os melhores dos

Digitized by Google

vossos soldados inclina-se diante do prestígio da mãe comum, proclamando que «Espanha, por meio da fé cristã, elevou as colónias ao seu próprio nível, comunicando-lhes os mesmos cânones espirituais e morais que professam». Em tão sucintas palavras está contida a reabilitação do nosso passado colonizador. Fomos apóstolos, — a fé nos conduziu.

Claro que os homens da nossa gesta-ultramarina, como homens não se eximiram às condições por vezes inferiores da sua natureza. Mas acreditavam numa verdade absoluta, — e tão profundamente que Pizarro, agonizante, traça com o seu sangue uma cruz no chão, e beijando-a, morre, de espada em punho.

Enganaram-se os que nos imaginavam arrastados ùnicamente pela febre esbraseada do ouro! Com os aventureiros marchavam os missionários. E os missionários, trazendo os indígenas ao grémio de Deus-vivo, abriam os alicerces das pátrias que nós escutamos saüdando na sua mocidade fervente a Península que as tirou do primitivismo regressivo da selva.

Temos que insistir nas idéias, já assinaladas, de «pessoa» e de «indivíduo» para bem compreendermos a privilegiada aptidão dos hispanos para fundadores de nacionalidades. É muito remota e muito confusa a expedição de Trajano à Dácia para que se apure a influência que o elemento hispânico exerceu na génese da moderna Roménia. No entanto, no sentimento típico do povo romeno, — na «dor» —,

Digitized by Google

alguns, mais entendidos na psicologia peninsular, querem achar estreitos parentescos com a saüdade dos portugueses.

Pondo, porém, de parte as origens da Roménia e a possível contribuïção que lhe dispensaram os hispanos, é fora de dúvida, que, segundo juízos como o do dr. Abendanón, por onde espanhóis e portugueses passaram, os vestígios da sua passagem não se apagaram mais. Porque? Por essa noção da personalidade que instintivamente nós possuímos e que obriga especialistas, como Charles Salomon na sua tese *De l'ocupation des territoires sans maître*, referindo-se às teorias do dominicano Vitória, a considerá-las de «*doctrine généreuse dont les États du XIX siècle pourraient faire, sur bien de points, leur profit, bien qu'elle soit la conception d'un théologien espagnol du XVI siècle*».

As teorias de Vitória, partiam do conceito de «pessoa», que no campo do direito penal determinava os teólogos peninsulares a sustentarem, numa época em que ainda o famigerado Grocio admitiria a vingança privada, que só à autoridade pública pertence o direito de castigar, estabelecendo ao mesmo tempo que o afirmavam o âmbito e as normas em que a «pena» carecia de se enquadrar. Evidentemente que não se tratava de simples e isolados actos intelectuais. As «*Leyes de Indias*» são um verdadeiro monumento jurídico, onde se apalpam já as possibilidades dêsse mundo novo, cuja gestação difícil, em-

Digitized by Google

bora inconscientemente, se destinavam a proteger, moldadas nos altos ditames da Igreja sôbre o apostolado aos gentios. Ninguém contesta a parte dominante do cristianismo em obra tão gigantesca. Mas se o cristianismo não correspondesse ao que havia de medular nos povos hispânicos, dificilmente os constrangeria a mudarem de temperamento. E é bom não encarar o problema da nossa colonização sem o relacionarmos imediatamente com a tendência de espírito que nos punha em filosofia ao lado da Escolástica, — ou seja da filosofia do Ser, e em teologia ao lado do «livre-arbítrio», ou seja da responsabilidade na liberdade. Sempre o conceito de «pessoa» a iluminar, ainda nos seus meandros mais enredados, a alma dos «hispanos», — a história da Hispânia-Madre!

Carlyle qualificava o homem como um «fabricador de instrumentos». É a apologia da Técnica, — é o sentido mecânico e naturalista da Vida, encaminhando-se todo à penetração e ao desfruto do «material». Propõe Chesterton uma emenda a Carlyle e ela consiste em nos apresentar o homem como um «fabricador de dogmas». Ambos têm razão, — Carlyle e Chesterton! Carlyle, dentro do seu jardim filosófico, — jardim selvagem, do mais desgraçado e borbulhante individualismo, porque via o homem como «indivíduo», princípio e fim de si mesmo, buscando-se o máximo de felicidade imediata, animal. Chesterton, elevado já sôbre a confusão babilónica



Digitized by Google

dos mitos intelectuais hoje em franco crepúsculo, porque contempla no homem, sobretudo, o valor afirmativo duma inteligência que cria, associando-se sem cessar à criação incessante de Deus. Pois o hispano é estruturalmente um «fabricador de dogmas»; e porque o é, com dificuldade se acomodaria a uma época em que a sublime função humana de concluir para criar foi despòticamente substituída pela reduzida operação de trabalhar para consumir. Enfim, Marta contra Maria, — como quere a expressiva imagem de Maurice Legendre; a técnica contra a civilização, a Máquina contra o Espírito! Eis porque, no inevitável insucesso da Máquina, incapaz de resolver os problemas mais angustiosos da nossa existência; eis porque no fracasso já evidente de tantas locomotivas silvando, de tantos transatlânticos encarvoando os oceanos com a fumarada densa dos seus resfôlegos; eis porque na ilusão trágica de tantos aeroplanos repetindo na sua embriaguez do Espaço a loucura de Ícaro, diàriamente renovada; eis, em resumo, porque a nossa concepção do mundo, — a idéia que da vida nós, os hispanos, fazemos, regressa vitoriosamente do exílio a que a condenaram as burlas fantasmagóricas do Progresso-Indefinido, para acudir, numa sociedade que irremediàvelmente se vai, ao que nela porventura subsista de belo, de sólido e de fecundo!

Porque em verdade vos digo, minhas senhoras e meus senhores, suceda o que suceder, aconteça o

Digitized by Google

que acontecer, não será nem pelo Aço, nem pelo Ferro, que a civilização ocidental se salvará! Há-de salvar-se por um princípio absoluto que condene e harmonize, submetendo-o, todo o imenso recheio material que a enriquece e que a estonteia. Êsse princípio é o princípio cristão. Mas se cada um de nós o pode possuir e realizar em relação a si próprio, só colectivamente, em relação à sociedade, como orgânica do govêrno, como tipo do Estado, os hispanos o souberam realizar e difundir. Não são outros os motivos porque só portugueses e espanhóis criaram nacionalidades, — não são outros os motivos porque só nós, povos peninsulares, celebramos com justiça e sem inúteis frases retóricas a «Festa da Raça».

Entende-se assim, minhas senhoras e meus senhores, porque, acima das diferenças naturais e eternas que separam entre si Portugal e Espanha, paira a responsabilidade comum da civilização que criámos! Responsabilidade enorme, gloriosa e inegualável herança do passado, ela precisa de se tornar regra de acção imediata, para que retomemos sôbre a face da terra o nosso denegrido lugar de semeadores de nacionalidades.

Não fiquemos a chorar sôbre as ruínas de Jerusalém! Nem nos contentemos em arrolar quanto de forte, de grande, de imorredoiro praticámos, para o irmos depor sonambulescamente depois na atmosfera enregelante das vitrinas dos museus. Não! Urge

Digitized by Google

que o conceito de «hispanismo» se levante do cemitério em que o enterrámos vivo, para que o sobreponhamos ao mentiroso e refalsado conceito de «latinismo» com que outros nos procuram roubar o que é exclusivamente filho do nosso génio, — do génio dos povos hispânicos. Mas se é necessário, se é imperioso que o conceito perdido de «hispanismo» ressuscite para a dignidade dum supremo ideal aglutinador, necessário é também declarar-se com tôda a energia que, sendo obra eminentemente espiritual, a obra de aproximação entre Portugal e Espanha, não depende, antes as repele, suspeitas combinações financeiras, tratados de comércio não menos suspeitos ou duvidosos! Não será pelo «material» que nós nos aproximaremos. O «material», — eterno pomo de discórdia, sempre e em todos os tempos, só nos dividiria e afastaria ainda mais. Não julguemos igualmente que a aproximação das duas pátrias peninsulares dependa de qualquer *chiffon de papier*, a que pomposamente chamemos «aliança». Nós construímos para o futuro, — não para nossa pronta e quotidiana utilidade!

Primeiro que tudo, impõe-se-nos a criação dum estado de espírito extensivo a ambos os países, — estado de espírito em que se pese devidamente o que é próprio e essencial a cada um dêles, completando-o em seguida com o que aos dois seja comum. Isto é, a consciência clara, bem determinada, de quanto nos afasta e de quanto nos liga. Portanto, o respeito

Digitized by Google

sagrado das duas soberanias políticas, em que a Península se reparte; portanto, o regresso, como fórmula, ao dualismo do momento alto de Quinhentos, — dualismo de que Camões recolheu o eco sonoro nos acentos inspirados das suas oitavas. É, de certo modo, a volta ao que, sem excesso de espécie alguma, designaremos por «política de Camões». Porque em Camões há uma «política». Porque há uma «política» nos *Lusíadas*, os *Lusíadas* são, *et nunc et semper*, a pedra mais firme de Portugal como nação, — a mais firme coluna da lareira nacional dos portugueses. Mas Camões, marcando com cipos inderrubáveis as fronteiras morais da nacionalidade portuguesa, colocado como estava na agitação simultâneamente renovadora e destruïdora da sua época, sabia que a todo o nacionalismo corresponde um universalismo, — ou, pelo menos, um prolongamento universal, uma janela aberta para o mundo restante. A Hispânia-Madre é a concepção em que o pensamento de Camões encontra a sua repercussão universalista do génio da pátria. A cruzada das Descobertas, se Portugal a adianta com arremessos épicos, Castela o acompanha paralelamente, nessa irmandade antiga que, por cima de brigas fratricidas, de sangrentas querelas de limites, acamaradara nas Navas-de-Tolosa e no Salado, — como séculos volvidos se acamaradariam no mesmo impulso contra as águias napoleónicas —, as duas admiráveis nações peninsulares. Camões expressamente o pusera na bôca daquela ninfa

Digitized by Google

que anuncia ao Gama com «doce voz» os vaticínios do futuro:

«Vedes a grande terra que confina
Vai de Calisto ao seu contrário Polo,
Que, soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apolo:
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo...»

Era a América a terra que, indo dum polo ao outro, Castela — «vossa amiga», cantava a ninfa ao Gama —, seria digna de a sujeitar. Na sua simplicidade eloqüente nada melhor nos revela a identidade de propósitos que, em capítulo tão conflituoso como o da conquista ultramarina, unia Portugal e Castela. Pairava a visão da unidade espiritual da Península, — unidade que achou em Camões um inolvidável definidor, como acharia em Herrera, na sua formidável elegia *Voz de dolor y canto de gemido*, o nosso desastre de Alcácer-Quibir.

Embebendo-se da ampla aspiração hispanista de Camões, é fácil agora perceber-se porque sensatas razões Oliveira Martins chamou aos *Lusíadas* «testamento de Espanha».

Inegàvelmente, minhas senhoras e meus senhores, nos *Lusíadas* se guarda quanto de super-humano e de avoejante nutriu a alma, não exausta ainda, da Península. Se há um roteiro a buscar-se para aquilo que eu nomearei de «patriotismo hispânico», nos

Digitized by Google

*Lusíadas* êle se oferece à nossa meditação. Nos *Lusíadas*, — reparai bem! —, que é uma das pedras mais rijas, um dos mais rijos suportes do patriotismo português. Sinal manifesto, minhas senhoras e meus senhores, de que no caso presente, a unidade da civilização peninsular, o patriotismo nacional, seja êle português, seja êle castelhano, não exclui, antes o robustece e confirma, aquêle outro sentimento circundante, — o patriotismo hispânico, em que hoje tanto se abrange, Portugal e Espanha, como o Brasil e a Argentina.

Mas dizia eu que Oliveira Martins chamou aos *Lusíadas* «testamento de Espanha». Chamou-lho, não num lacrimoso sentido funerário, rezando o responso do nosso irreparável desfalecimento. Embora dominado pelas teorias de Buckle, — dêsse irrisório e antiquado Buckle! —, àcêrca da decadência dos povos peninsulares, Oliveira Martins, ao terminar dois dos seus livros notáveis, — a *Vida de Nun'Álvares* e a *História da civilização ibérica*, conseguiu afrontar as nuvens densas do seu pessimismo sistemático e confiar nas idades vindoiras do mundo, salvo da desagregação e da anarquia por obra e graça do génio hispânico. Vale a pena escutá-lo, minhas senhoras e meus senhores! «Nos tempos modernos, ninguém soube a Vida melhor do que nós, os povos da Espanha: — isto é, ninguém afirmou tão superiormente a energia da vontade humana. Ninguém tampouco melhor soube morrer, do que o

Digitized by Google

povo que incarnou em si, paradoxalmente, a teoria da Morte no seio do Eterno: êsse pensamento agudo como a lâmina de uma espada que, dobrando-se e traspassando o Mundo, na sua redondeza, veio a cravar-se-nos no coração para no-lo desangrar. A Espanha foi vítima dum êrro de definição; e se um dia os homens atinarem com a verdadeira teoria da Vida, ninguém, tampouco, saberá morrer por ela como o povo dentre todos gerado para o heroísmo.»

Assim conclui Oliveira Martins a sua *Vida de Nun'Álvares*. Oiçamo-lo agora na última página da *História da civilização ibérica*: «A história não é profecia; mas o estudo das idades passadas deixa entrever muitas vezes as possibilidades futuras; e, quando através de tôdas as crises, no meio dos ambientes mais sistemàticamente adversos, observamos que o heroísmo peninsular soube vencer tudo com a sua indomável energia, somos levados a crer que o papel de apóstolos das futuras idéias está reservado aos que foram os apóstolos da antiga idéia católica.»

Submetido em demasia aos preconceitos racionalistas do seu tempo, julgava Oliveira Martins o Catolicismo uma idéia do passado, — uma admirável idéia morta. Reconhecia, é certo, na posição intelectual em que, por exemplo, o reconhece hoje um Guglielmo Ferrero, que no catolicismo residira o princípio absoluto, em que se firmara na Europa a ordem geral das nações e dos espíritos. Mas, abandonando-se assim às superstições criticistas da sua

Digitized by Google

época (Oliveira Martins, no entanto, morreria depois no seio da Igreja, — e morreria tocante e piedosamente), não se entregava de todo ao Juízo corrente, até nos autores que mais de perto o influenciaram, sôbre a Hispânia e as duas nações que a representavam. Admitia, sem dúvida, a falsa teoria da nossa decadência. Admitia-a, porém, no seu aspecto epidérmico, — expressemo-nos desta forma —, na inactualidade assacada à Península perante o desenvolvimento técnico da Europa contemporânea. Exceptuada semelhante face da questão, Oliveira Martins acreditava, e acreditava com um calor difícil de descobrir no seu temperamento cansado e céptico, nas virtudes fundamentais do nosso génio e na sua inesgotável capacidade construtiva.

Passaram, venturosamente, os relativismos filosóficos que a Oliveira Martins impediam de ver no Catolicismo e na sua identificação com o que existe de vivaz e de estrutural no génio hispânico um permanente valor de renovação moral e social. No conflito trágico em que a Europa se debate, não são os homens que se degladiam, — são antes duas concepções da Vida que estão em frente uma da outra, esforçando-se ambas por vencer. Para que em tôda a sua amplitude o imenso duelo se nos revele nos seus miúdos detalhes carecemos de remontar às géneses ideais, — às Madres, como se exprimiria um Goethe. «*L'homme*, — anota algures o insigne Jacques Maritain —, *est un animal qui se repaît de transcenden-*

Digitized by Google

*faux*». Porque o homem é um animal que se nutre de transcendentais, é que nós carecemos de nos acolher a uma noção teológica da história. Agudamente repara George Valois que a tremenda agitação do mundo contemporâneo vem da luta entre duas teologias: — a teologia do Ser e a teologia do Devenir. A teologia do Ser é metafísica de Aristóteles, é a filosofia de Santo Tomás. Por seu turno, a teologia do Devenir é a filosofia do Progresso-Indefinido, é a bastardia mental de que se alimenta, desde Lutero, a crescente decomposição das sociedades ocidentais, tendo por dogma basilar a Instabilidade e por agente a Revolução.

Não se apaziguará o trágico conflito, sem que a vitória da teologia do Ser restitua à Europa a sua clara razão perdida. Escusado seria insistir nos motivos que tão explìcitamente consorciam a teologia do Ser com o génio peninsular ou hispânico. A como que profecia de Oliveira Martins, confiando aos povos da Península o excelso papel de salvadores da ordem, — no seu supremo e espiritual significado, aproxima-se da realidade, — entrou já no caminho directo da sua verificação. Pelo menos, começa a distinguir-se no campo da inteligência aquela primavera prometedora, em cujas auras regressam do seu exílio de séculos as verdades salutares que formaram a Europa e que a Hispânia-Madre guardou, como num sacrário, no castelo-interior do seu coração.

Radicalmente, contra a teologia do Devenir, que

Digitized by Google

arruïnou a Europa empurrando-a para o suïcídio, levanta-se a teologia do Ser, — e a teologia do Ser, minhas senhoras e meus senhores, é flor maravilhosa que na alma dos hispanos achou sempre terreno certo em que desabrochar! A ordem que ela reanimará é, pois, a Ordem-Nova, — a ordem que surge das mentiras convencionais duma filosofia ignara que só espalhou à sua volta um sôpro maléfico de destruïção, — como que o respiro das margens salgadas do Asfaltite.

À ordem-nova trazem os hispanos a sua idéia da vida, — a sua concepção de «homem», não como «indivíduo», mas como «pessoa». À ordem-nova trazem os hispanos, conseqüentemente, o seu afêrro ao elemento absoluto da existência e, portanto, à teologia do Ser, à supremacia criadora do Espírito. E com êsses prodigiosos tesoiros trazem ainda matéria prima com que os aproveitar, — chão feracíssimo em que os fazer produzir. Semeadores de nacionalidades, — como me é grato sempre repetir —, a data de hoje, a data da «Festa da Raça», certifica-nos de quanto, no individualismo corrosivo em que se pulverizaram reinos e impérios, nós dispomos dum agrupamento humano, — a Península e a América-Hispânica —, em que apoiar, para o seu inevitável ressurgimento, a combalida civilização ocidental. Já agora outro não é o nosso destino de povos difamados e caluniados: — sermos eternamente missionários, sermos magnífica e desprendidamente apósto-

Digitized by Google

los! Mesmo quando mais sepultos nos imaginavam no que se combinou julgar como nossa «decadência», mas que não era, afinal, senão o nosso sequestro, — mesmo no período mais negro, minhas senhoras e meus senhores, do nosso destêrro, em pleno carnaval ideológico do século findo, mesmo então nós prosseguíamos fiéis à nossa herança de nações surgidas para gerarem outras nações.

Numa página, presente, sem dúvida, na lembrança de todos nós, minhas senhoras e meus senhores, há mais de trinta anos Eça de Queirós saüdava a Espanha como sendo na Europa a «única nação heróica». E, a propósito de Marrocos e da guerra do Rif, já latejante como um cancro em germe, o insigne romancista comentava admirativamente: — «E assim, em pleno século XIX, temos de novo, como no *Romancero*, a cruz contra o crescente, e a Espanha na sua antiga e laboriosa ocupação de *matar los moros*».

Apesar do inevitável ressaibo irónico de tudo o que escrevia, Eça de Queirós, considerando a Espanha a única nação heróica da Europa, considerava igualmente a sua «antiga e laboriosa ocupação de «*matar los moros*» não só como acto de heroísmo, mas, principalmente, como um acto civilizador. Não tomando ao pé da letra a frase «*matar los moros*» efectivamente a guerra de Marrocos é na horizontalidade sem grandeza dos dias em que vivemos, seduzidos os Estados apenas pela política cúpida do Aço,

Digitized by Google

do Ferro e do Petróleo, a única, senão a última também, «guerra de civilização».

Não o impugnemos por um instante sequer, minhas senhoras e meus senhores: — os soldados espanhóis que a esta hora combatem e morrem em Marrocos são os dignos e legítimos continuadores dos guerreiros e mareantes, cuja memória, congregados em tôrno da data de 12 de Outubro, nós aqui celebramos e veneramos!

Sim, é pela civilização que em Marrocos combatem e morrem os soldados espanhóis, — pela civilização, cujo conteúdo espiritual dorme nas estrofes dos *Lusíadas* e palpita, por tôda a Península, desde S. Juan de los Reys às arcarias dos Jerónimos. Não é um ideal truculento e arcaico êsse da guerra de Marrocos. O mouro, a aceitarem-se as hipóteses étnicas mais recentes, — hipóteses que sem custo perfilho, é nas origens nosso parente chegado. Distancia-o de nós o particularismo estagnante que o impossibilita de se erguer colectivamente à consciência superior duma nação, — distancia-o de nós a ausência total das perspectivas sociais e morais que o cristianismo nos rasgou e oferece. Baptizar e trazer para o caminho difícil da maioridade a pátria latente que se encontra no Rif, — eis a missão da Espanha em Marrocos. Talvez assim se corrija o êrro gravíssimo de Filipe II, ao dificultar os desígnios de D. João de Áustria, quando êste pensava em fundar um reino cristão na Tunísia.

Digitized by Google

Talvez! O que vos asseguro, minhas senhoras e meus senhores, é que em Marrocos os soldados espanhóis se batem pelo seu país e pela civilização de que fomos os condutores através duma longa procissão de séculos. Batem-se pelo seu país, porque é uma lei da história, verificada repetidamente e em tanta conjuntura desgraçada, que a Península dominará os povos que habitam a cabeceira de África, ou será dominada por êles. A guerra de Marrocos, com o imperialismo francês já instalado no norte de África, torna-se assim para a Península numa guerra de fronteiras, — numa como que guerra de independência.

Outras nações, enraïzadas ali, que não as nações peninsulares, — e a Península, ameaçada na sua autonomia, ver-se-á transformada de pronto numa simples «terra de passagem». Um monarca português, bem caluniado, mas que teve como poucos a compreensão da alma profunda de Portugal, — el-rei D. Sebastião, cruzado póstumo que nesse Marrocos misterioso achou um fim misteriosíssimo, pelejando com o denodo dos extintos gestos da Reconquista, já encarava no seu tempo o problema de Marrocos em têrmos que não variavam muito de então para cá. Em carta sua, de 24 de Abril de 1576, dirigida ao monteiro-mor Manuel de Melo, escrevia D. Sebastião: — «E por estas novas serem da calidade e importancia que vedes me pareceu fazer-vos-las loguo saber... considerando o que se deve cuidar e pode

Digitized by Google

esperar de imiguos tão vezinhos e poderosos, e de tanta experiencia na guerra, como são turcos, cujo principal intento he averem os portos de mar daquelle Reyno, e os mais da Africa para em cada hum deles terem muytas gualés, de que, se assy sobcedesse (o que Deus não permita), resultarião grandes malles, quasy sem remedio a toda a Hespanha.»

Não se dirá que a D. Sebastião faltava um alto pensamento político, ao organizar a sua malfadada expedição a Marrocos. Fundamentalmente, é o pensamento político que nos deve animar, se considerarmos de ânimo levantado a acção da Espanha no norte de África. Não é só uma acção exclusivamente espanhola, — é conjuntamente uma acção peninsular e uma acção europeia!

Por isso eu acuso, e acuso, não só como peninsular, mas também como português, aquêles jornalistas do meu país, que, atacando insòlitamente o govêrno do general Primo de Rivera pela sua tenacidade em prosseguir na guerra de Marrocos, — patriótica e heróica conduta essa! —, parecem ser em Portugal os partidários de Abd-el-Krin.

E no entanto, minhas senhoras e meus senhores, ninguém me suponha ardendo em bélicos arremedos contra os mouros! Já aqui reconheci o parentesco bastante apertado que ètnicamente nos prende a êles. Mas reconheço também que se a Espanha não retomasse a política histórica de Isabel-a-Católica e de

Digitized by Google

Cisneros, a Espanha desertava à sua grande responsabilidade de criadora de nacionalidades.

Uma nação — uma pátria, encorporada na comunidade cristã e europeia, despontará mais tarde, ou mais cedo, presumìvelmente no norte de África. E se nós pudêssemos transpor as barreiras de anos que dessa futura realidade nos separam, presenciaríamos decerto os seus contemporâneos louvando a Espanha e agradecendo-lhe a obra imorredoura que ela cimentou com o sangue dos seus filhos.

Creiam, minhas senhoras e meus senhores, que não estou floreteando um rebuscado paradoxo retórico! Como o sinto, corajosamente o confesso. Na verdade, a mais irrecusável prova de que a Espanha se não acha decadente é que nas suas entranhas se não secaram os seus velhos predicados de suscitadora de nações. Marrocos demonstra-no-lo bem, como dedicando ao meu país uma alusão merecedora no-lo demonstra igualmente o que durante um século nós criámos em Angola e Moçambique, na maioria das vezes em luta aberta contra o centralismo ignorante e cabeçudo do Estado. Mousinho de Albuquerque concretiza para nós tôda a fereza inquebrantável da nossa epopeia africana. No fundo, tanto nos exploradores do sertão português, como nos vossos atiradores do Rif, quem ressuscita, quem grita de novo no esplendor nunca esgotado de suas fôrças magníficas é o Descobridor, — é o Conquistador que presenteou a Europa com a chave de todos

Digitized by Google

os caminhos oceânicos e engrandeceu a civilização ocidental com o acréscimo inestimável da América.

E assevera-se agora que a nossa história se acha suspensa, — que atravessámos, nós, os hispanos, as cenas do mundo com a rapidez cintilante, mas momentânea, dum meteoro! Obedecendo às quimeras, às burlas e às ficções do individualismo, quebrantámo-nos, sem dúvida, nos melhores impulsos da nossa vitalidade. Mas ela ficou sempre fiel a si mesma, — continua e homogénea, assiste de hora para hora, ao seu triunfo, à sua já inadiável reabilitação.

Vimos como o general Aguinaldo, com cicatrizes mal fechadas, acaba de conceder à Espanha o nome de «madre querida de Filipinas». Por seu turno a Bélgica, com os seus historiadores mais ilustres por intérpretes, declara que à influência espanhola agradece uma das diferenciais mais fortes do seu nacionalismo, com exemplo bem evidente na combustão lírica da poesia de Yerhaeren. Além do mar, à maneira que se radica em oposição consciente contra o norte-americanismo invasor o sentir geral das repúblicas hispano-americanas é o seu fundo hispânico que reverdece, como base primacial da sua personalidade e da sua autonomia.

Eis porque, minhas senhoras e meus senhores, se não estancou a fonte oculta do nosso génio, eis porque esta festa, sendo a Festa da Raça, é implìcitamente a festa da nossa civilização.

Não se esmoreceu na nossa memória aquela va-



Digitized by Google

ronil página de Ganivet sôbre o Conquistador, sôbre o homem da Estremadura (e, eu acrescentarei de Portugal), que José Maria de Herédia celebrou nas suas rimas marmóreas e estilizadas:

Comme un vol de gerpants hors du charnier natal,
Fatigués de porter leurs misères hautaines,
De Palos de Mogner, routiers et capitaines
Partaient, ivres d'un rêve héroique et brutal.
. . . . . .

Chaque soir, espérant des lendemains épiques,
L'ázur phosphorescent de la mer des Tropiques
Enchantaient leur sommeil d'un mirage doré,

Où penchés à l'avant des blanches caravelles
Ils regardaient monter en un ciel ignoré
Du fond de l'Océan des étoiles nouvelles.

Pois o Conquistador, de quem Herédia descendia e que, debruçado da sua airosa caravela, via num céu desconhecido despontarem novas estrêlas (não nos recorda o verso de Herédia o passo de Pedro Nunes: — «...e, o que mais é: novas estrêlas»?) —, pois o Conquistador, ou estremenho ou lusitano, nos seus ímpetos cavalheirescos e nas suas violências primitivas, que tanto chocam o filantropismo dos nossos dias, — o filantropismo coevo dos submarinos e dos gases asfixiantes —, Angel Ganivet no seu *Idearum español* magistralmente no-lo desmonta peça por peça, ao estabelecer a sua penetrante dis-

Digitized by Google

tinção entre «espírito militar» e «espírito guerreiro». Não possui a Península «espírito militar» que é filho da organização, que é um produto reflexo, que é uma invenção colectiva, enquanto que o «espírito guerreiro» é espontâneo, nativo, pessoal.

Nós, os peninsulares, somos ricos de «espírito guerreiro» e quási vazios de «espírito militar». Ora o Conquistador individualiza soberanamente o «espírito guerreiro» e é, sôbre as águas do mar ou arribando à orla sussurrante da selva, o herdeiro, o continuador de Viriato e do Cid. Anota Ganivet que a Europa não compreendeu nunca o Conquistador, assemelhando-o invariàvelmente a um bandido, a um chefe assolador e exterminador. Em compensação faz o elogio da política comercial e colonial das modernas potências colonizadoras. Política de sucção, — política essencialmente utilitária e, porque não proclamá-lo? — subractiva. Com ela não se engendram nacionalidades. Ao inverso, com a política instintiva do Conquistador, porque ao impor os seus dogmas e as suas paixões, impõe a sua personalidade, geram-se pátrias, criam-se nações. Por isso Ganivet pondera justamente que «*no son conquistadores quienes sirven un breve periodo de tiempo en una colonia por obtener riquezas ú honores, sino quienes conquistan por necesidad, espontâneamente, por impulso natural hacia la independencia, sin otro propósito que demonstrar la grandeza oculta dentro de la pequeñez aparente.*» E Ganivet tão conquistador reputa Pi-

Digitized by Google

zarro ou Cortés, como Santo Inácio de Loiola. Antecipado nesse juizo a Ganivet, também Oliveira Martins, compara S. Francisco Xavier aos nossos heróis da Índia, cognominando-o de «Albuquerque da Cruz». O Conquistador personifica assim inteiramente aquela forte tendência de todo o ser para se expandir e reproduzir, que a teologia designa por «espírito de principado» e que, sendo a origem do imperialismo, ou moral ou politico, ou mesmo ecuménico, o nosso contemporâneo Ernest Seillière tão subtil e proveitosamente analisou.

Tal é, minhas senhoras e meus senhores, o sentir da história peninsular, — a explicação de todo o formidável esfôrço de Portugal e Espanha nas suas emprêsas ultramarinas. Julgo que das minhas desbotadas palavras terá saído bem nítida a certeza que deponho nas virtudes sempre moças do génio hispânico. O que importa é que, para lá de quanto justamente e injustamente nos divide, — a espanhóis e portugueses, se robusteça o que indissolùvelmente nos une: — a responsabilidade comum da civilização que o nosso sangue e a nossa fé heròicamente fizeram germinar.

Abraçada com a mais pura essência do Cristianismo, a civilização gerada por Portugal e Espanha é a única muralha sólida com que se pode abaluartar a sorte ameaçadíssima do Ocidente. Por nossa mão se arrancaram à selva e foram baptizadas em Cristo as nacionalidades que hoje, do outro lado do Oceano, aclamam o nome da Península que lhes deu

Digitized by Google

o ser. Êste é o significado inapagável da Festa da Raça. Da «raça» não no sentido étnico, mas da «raça» no sentido espiritual de «raiz», — repito e saliento. Da mesma maneira que nós nos deformamos e enfraquecemos sempre que levianamente se troca o nosso irredutível «hispanismo» por um postiço e retórico «latinismo», da mesma maneira na outra margem do mar, se deformam e enfraquecem as nacionalidades hispano-americanas, entregando-se incautamente à cobiça da infiltração do *Yankee*, sempre que avolumam e propagam os efeitos negativos da «*leyenda-negra*» contra a Península. Pertence-lhes, tanto como a nós, a guarda da civilização, em que todos nos inserimos como ramadas duma frondosa árvore genealógica. A guarda e a difusão. Na sua guarda e na sua difusão estão os alicerces mais inabaláveis das pátrias hispano-americanas. Intensifiquemos, portanto, os laços que a elas nos hajam de ligar. Êsses laços só se intensificam pelo respeito exacto do nosso fundo tradicional, pela obediência escrupulosa ao mandato imperativo da nossa história, hoje reduzida a moeda miúda nas mãos de verdadeiros ciganos do pensamento e da política. E ninguém melhor do que vós, estremenhos, para o sentir e para o empreender. É enorme a parte que vos cabe nas glórias comemoradas hoje, — nos louros com que hoje se adorna a efígie sagrada da Hispânia-Madre. Dentro das vossas artérias não se extinguiu decerto o impulso magnânimo que atirou fidalgos e ganhões

Digitized by Google

dos vossos descampados para a rota inesperada do descobrimento da América.

O santuário de Guadalupe encontra-se ainda de pé, — serena, entre círios e flores, Nossa Senhora de Guadalupe, madrinha de descobridores e de conquistadores alonga ainda por sôbre vós a mediação do seu manto maternal. Junto do seu altar abençoaram as emprêsas com difícil antecipação nas da antiguidade clássica, que hoje despertam em nossos corações estremecimentos de orgulho legítimo. Há que refazer a casa em ruínas,— há que refazer a directriz suprema da nossa civilização,— da civilização hispânica.

Estremenhos, levantai-vos! O gesto centenário que lavra a herdade e que espalha a semente foi em vós o gesto que apontou às caravelas o rumo sedutor do Poente e abriu, em terras enigmáticas os caboucos de tantas nações, agora livres.

Levantai-vos, estremenhos! Convosco latejam sempre as ânsias nobres dos vossos místicos, dos vossos soldados, dos vossos poetas, dos vossos homens-tipo. De S. Pedro de Alcântara a Donoso Cortés, de Hernando de Sato ao inquieto Espronceda, é tôda a vossa estirpe transformada em labareda, para luzeiro inestinguível do mundo.

Horas duras se aproximam para o continente em que vivemos, — para o tempo dúbio em que os nossos dias se somem. São pesadas as obrigações do vosso passado, mas a forma como a elas sabeis corresponder proclamá-lo altamente a festa que a todos

Digitized by Google

nos convocou para aqui. Assim correspondereis também ao sacrifício que a Península vos pedir ao soar o momento de sermos definitivamente pelo Espírito contra a Matéria, pela Ordem contra o Caos, pela Civilização contra a Barbaria.

Não nos esqueçamos nunca de que nós, os hispanos, quando praticamos actos nacionais, praticamos invariàvelmente actos universais. Isto desde o negrume medieval, sustentando o europeísmo nas Navas-de-Tolosa e no Salado, — isto nas amuradas das naus da descoberta —, isto, ou defendo o Turco, que já avançava até Viena, ou evangelizando o Oriente, onde as espadas portuguesas rasgaram o caminho do zêlo e a ardência dos missionários.

Não se enganou Oliveira Martins saüdando a Península como salvadora da Europa. Precisamente o meu empenho consistiu todo em vos demonstrar que, na bancarrota evidente do industrialismo e do capitalismo, — ou seja da concepção materialista da Vida —, só os povos de tronco ou antecedentes hispânicos, dispunham do capital de Espírito suficiente para reagirem eficazmente, desbaratando a animalização em que tombaram quási sem remédio, a inteligência e o sentimento.

(António Sardinha morreu sem que tivesse tempo para concluir a redacção dêste discurso, pronunciado em Badajoz, em Outubro de 1924, no dia da *Festa da Raça*. Nem sequer pôde rever as provas que lhe haviam remetido para Elvas! Escrevendo à medida que se ia compondo, deixou sem fecho um dos seus trabalhos de mais larga visão, e porventura aquêle em que mais gôsto fazia. — *Nota dos Editores*).

Digitized by Google

Digitized by Google

1640

Digitized by Google

Digitized by Google

# 1640

À entrada de Vila-Viçosa, sôbre a porta chamada do «Nó», erguida por D. João IV para comemorar a sua aclamação em 1640, insculpe-se em duas almofadas de mármore uma inscrição misteriosa, que encerra consigo o segrêdo de todo o esfôrço admirável da nossa Restauração. Reza essa inscrição no seu latim doutíssimo, lembrado talvez ainda dos acentos puristas de mestre André de Rezende:

HŒC EST FATALIS
NODORUM PORTA.
JOANNES
ME NODO HESPERIŒ
LIBERAT ENSE POTENS

SOLVIT ALEXANDER
NODUM UT REX IM-
PERET ORBI
REX MEUS UT REGIS
SCEPTRA LATENTIS
AGAT.
ANNO 1654.

Eis agora a tradução, segundo as melhores autoridades: — «Esta é a fatal porta dos Nós. João po-

Digitized by Google

deroso, livra-me com a espada do nó da Espanha. Desfaz Alexandre o nó para imperar como rei na redondeza da terra: o meu rei o desata para empunhar os cetros do Rei encoberto. Ano de 1654.» Como monumento público à crença nacional na vinda do Desejado, não conheço outro mais expressivo. Na equilibrada dicção do epigrafista palpita, com verdade, a flama profunda que animou a resistência da alma colectiva contra a tentativa absorcionista de Castela. As iluminações proféticas do Padre António Vieira, as mil esperanças anónimas espalhadas no povo, ainda o elevado sentido duma predestinação mística, conferida por Deus a Portugal, em que vibram unânimes as peças jurídicas com que diante das côrtes estrangeiras os nossos diplomatas e tratadistas defenderam o direito da nossa nacionalidade à sua independência, — nada, em resumo, é comparável à lápide comemorativa de Vila-Viçosa.

Por ela, o próprio Estado confessava a legitimidade do Sebastianismo, por ela o próprio monarca se tinha como herdeiro dos cetros do Encoberto, — *sceptra Regis latentis*. Na singeleza daquelas tantas parelhas latinas se condensa a história tôda do profundo movimento nativista que no século XVII nos levantou em massa, como um só homem, perante o espectro, indubitàvelmente temeroso, da monarquia do Escurial. Interpretá-la é refazer a psicologia dos bons avós de Seiscentos que, por meio da espada e da pena, abriam outra vez lugar a Portugal no con-

Digitized by Google

cêrto das nações europeias. Consola-nos, como prova do vigor da raça, recordar semelhante epopeia, tão desvirtuada pelas diatribes romântico-revolucionárias dos nossos historiadores, que, ao abordarem o assunto, apenas escutam a voz do seu ódio à Companhia de Jesus e à dinastia de Bragança.

Ultimamente, os trabalhos conscienciosos de Edgar Prestage, de Roma du Bocage e de J. Lúcio de Azevedo é que entraram a restituir aos acontecimentos a sua côr e significação exactas. A pouco e pouco se dissipa a calúnia, que enegrece a acção e o espírito diligentemente patrióticos de D. João IV. No seu magnífico *D. Francisco Manuel de Melo* observa o senhor Edgar Prestage: — «Tem sido moda, com certos escritores modernos, mais políticos que historiadores, dizer todo o mal possível de D. João IV, embora devessem ponderar que sem êle, mesmo que Portugal se tivesse levantado contra os Filipes, teria tido, segundo tôdas as probabilidades, a sorte da Catalunha, sendo forçado a reintegrar-se na hegemonia espanhola. Deve a sua existência de país independente em grande parte ao Rei Restaurador que, secundado por diplomatas habilíssimos, assegurava a posição do novo reino por uma rêde de alianças, e por suas qualidades pessoais alistava as fôrças vivas da nação numa luta quási desesperada contra o poder de Espanha e de Holanda... A política cautelosa do monarca, a única exeqüível, prova o seu bom senso... Validos nunca

Digitized by Google

os teve, e se mostrava certa preferência para com o Jesuíta, Padre António Vieira, era porque, como bem disse o sr. Joaquim de Vasconcelos, êle lhe falava a verdade.»

Cita o sr. Edgar Prestage ao ilustre crítico sr. Joaquim de Vasconcelos. Sem receio de dúvidas, cabe-lhe, realmente, o louvor de haver sido o primeiro a intentar a reabilitação de D. João IV. No seu magnífico *El-Rey D. João o 4.º*, oiçamo-lo discorrer, e acertadamente, àcêrca do acto revolucionário de 1640: — «Fazer um rei fôra fácil; como porém firmar o novo trono? D. João IV compreendeu claramente a gravidade da situação. O seu programa foi: contemporizar na Europa, onde a luta era mais grave, limitar-se à defensiva; e vencer nas colónias, onde devia adquirir novas fôrças para a consolidação do reino. O futuro provou que era a única política possível.» E o sr. Joaquim de Vasconcelos continua: — «Durante dezasseis anos sustentou-se o rei com dignidade e coragem, no meio das maiores dificuldades que jamais rodearam um monarca e um povo; e contudo, nem por isso, vitória alguma decisiva alcançámos no continente. A guerra durou seis anos (1640-1646), com mui pouca glória para qualquer das partes beligerantes; depois, houve pausa de dez anos, até à morte do príncipe (1656).»

«Como se explica esta trégua? — interroga o mesmo autor. Uma rêde de informadores extra-oficiais comunicava de Madride todos os segredos da

Digitized by Google

política espanhola, a pêso de ouro, é verdade. Neste ponto, o económico D. João IV não fazia questão, e pagava generosamente, para não ter de gastar o centúplo numa campanha arriscada. Os que não souberam compreender a sua política, acusaram por isso o príncipe de falta de energia, de iniciativa, de coragem... Queriam que êle corresse sôbre Madride e outras loucuras do mesmo género... Entretanto, nesses dez anos de descanso na Europa, preparámo-nos para as grandes vitórias que esmaltam o reinado de seu filho D. Afonso VI (Elvas, 1658 — Ameixial, 1663 — Castelo-Rodrigo, 1664 — Montes-Claros, 1665). Durante esta trégua reconquistámos todo o Brasil, e quási tôdas as possessões de África. Nas lutas de Além-mar se adestraram alguns dos capitães que depois mais luziram nas batalhas da fronteira.»

As linhas transcritas devolvem a D. João IV a envergadura que sistemàticamente é de uso correntíssimo negar-se-lhe. Vem a propósito recordar o especial furor que o nome do desacreditado monarca acordava na pena de Camilo Castelo-Branco. Comentando o conhecido episódio do burro, a que D. João IV abrira a célebre Porta de Campainha, no Paço de Ribeira, Camilo, talvez por um resíduo mal dominado da sua costela judaica, não se contém sem exclamar: — «A não ser coevo de sua majestade aquêle burro faminto, morreriam ambos ignorados, sendo digna de escritura a lembrança que ambos

Digitized by Google

tiveram». Assim, em Portugal, ao sabor de predilecções romanescas ou de antipatias jacobinas, a dignidade do nosso passado se enxovalhava com a maior das sem-cerimónias! E, afinal, qual a origem, qual a fonte principal de que dimana essa campanha porfiada contra D. João IV e a sua memória?

O sr. Joaquim de Vasconcelos, com a sua vasta erudição, é explícito a tal respeito. «Tem-se falado muito das íntimas relações do Padre António Vieira com o seu amigo D. João IV; o padre era o rei, e o rei um instrumento, dizem. Não temos em pouco valor a influência do célebre jesuíta sôbre o ânimo do príncipe, a influência necessàriamente legítima do homem de génio sôbre quem o não era. Os que pretendem porém reduzir o Rei à condição de um autómato, governado ora pela rainha, ora pelo padre, repetem apenas os lugares comuns de uma tradição inconsciente; não consultam os documentos.» E Joaquim de Vasconcelos esclarece em nota: — «Mal sabem êles donde isso vem?! Compuseram nalguns panfletários castelhanos ao sôldo do Conde-Duque; repetiu-a, sem crítica, Mr. de Vertôt em francês clássico, mas em argumentação fragilíssima (princípio do século XVIII).»

Acha-se perfeitamente restituído nas suas justas feições o perfil do Rei-Restaurador. No execrando espírito anti-nacional em que quási tôda a nossa história se inspira são, como se vê, os boatos espalhados na Europa pelos folículários às ordens do Conde-

Digitized by Google

-Duque quem determina entre nós a opinião professada correntemente àcêrca de D. João IV. E, no entanto, apesar da pintura que no-lo apresenta como um pusilânime, que extraordinário esfôrço o dêle, esfôrço sereno e silencioso, que há-de achar ainda o historiador que merece! Escutemos um testemunho insuspeito —, o testemunho do falecido coronel do Estado-Maior, Alfredo Pereira Taveira. Diz êle na sua monografia *A defesa de Portugal:* — «Para obter dinheiro, que é o nervo da guerra, resolveu-se nas côrtes, que por vezes se reüniam, «mandar que se lançasse o imposto da décima em tôdas as propriedades, e em quaisquer rendimentos provenientes de ofícios ou mercês e do comércio. Por sua parte, D. João IV cedeu para as despesas da guerra tôdas as jóias, baixelas, e rendimento da casa de Bragança, reservando apenas os que eram estrictamente indispensáveis para o sustento da sua pessoa e família.»

«Com êstes e outros impostos, — continua Pereira Taveira, reproduzindo a opinião de Vilhena Barbosa —, e com os rendimentos da casa de Bragança se foram custeando as imensas despesas de armamento e munições de guerra, da organização do exército e da armada, da reparação de praças, e das primeiras campanhas.» Por mais que se lha conteste, a acção do monarca revelava-se em tudo. Quem passear pelos olhos o papel que êle lançou na caixa das Côrtes debaixo do pseudónimo de João Fernandes, natural de Alhos-Vedros e «procurador dos desca-



Digitized by Google

minhos de Reino», reconhecerá a cuidadosa atenção com que seguia e estudava de perto os problemas que mais negrejavam nos horizontes pátrios. E as suas notabilíssimas conversas com o *chevalier* de Jant, enviado de Luís XIV, marcam bem a alta personalidade política do fundador da dinastia de Bragança. Ali aparece o Brasil encarado como a grande razão ultramarina de Portugal, esboçando-se pela primeira vez a visão do Atlântico como uma espécie de *mare-nostrum*. A envergadura do Rei-Restaurador obriga-nos, pois, a uma rigorosa revisão do seu reinado.

Insiste ainda a tal respeito o sr. Joaquim de Vasconcelos: — «Repetimos: Fazer um rei fôra fácil, como porém firmar o novo trono? O govêrno de D. João IV teve de levantar o reino de um estado de prostracção completa, que vamos caracterizar em poucas palavras. A revolução consumara-se com a maior facilidade, tratava-se agora de a consolidar e faltava — tudo?... dinheiro, soldados, cavalos, armas, artilharia, munições, navios, faltavam escolas de instrução militar, oficiais e engenheiros. Numa fronteira de cento e cincoenta léguas de extensão não havia uma só fôrça em estado de defesa! Nada disto admira, lembrando-nos de que os espanhóis nos levaram daqui, pouco a pouco, 2.000 peças, 100 vasos de guerra e centenas de milhões de cruzados. Só durante uma parte do govêrno de Filipe IV perdera a coroa portuguesa 547 navios,

Digitized by Google

entre grandes e pequenos, no valor de 6 a 7 milhões de florins; e de 1623-1688 perdemos só nas lutas do Brasil, segundo o testemunho dos holandeses, 28 milhões e meio de florins. Faltavam-nos enfim alianças seguras. As únicas que nos podiam servir eram — ironia extrema da sorte —, as dos nossos inimigos de ontem, dos nossos mais perigosos rivais! — dos ingleses, que nos disputavam a Índia; dos holandeses, que nos tinham já arrancado as melhores possessões da África, além do Brasil, restava a França, cujo auxílio se reduziu quási sempre a promessas vãs, temperadas com o pérfido sorriso de Mazarin — e as potências do Norte; uma única, de entre estas, a Suécia protestante, nos prestou algum serviço. E para essas mesmas alianças não havia, ao princípio um diplomata capaz, experimentado. Só depois e em pouco tempo, relativamente (se considerarmos que a diplomacia portuguesa esteve inactiva durante sessenta anos!) é que se formou uma nova escola de que saíram Duarte Ribeiro de Macedo, Francisco de Sousa Coutinho, António de Sousa de Macedo, Andrade Leitão, João Rodrigues de Sá e outros.»

No quadro traçado pelo sr. Joaquim de Vasconcelos se encontra resumida com singular nitidez a desgraçada situação do reino, ao empunhar o «cetro do Encoberto» o neto da duquesa D. Catarina. Interessante seria condensar agora aqui em breves períodos a política dos Filipes em relação a Portugal, durante os sessenta anos da sua soberania. É uma

Digitized by Google

verdade, cada vez mais confirmada pelo convívio dos documentos, que nós nunca fomos anexados à Espanha. Persistimos, embora ligados ao govêrno de Madride, em plena autonomia governativa. O único laço que nos acolchetava ao resto da monarquia dos Áustrias consistia apenas na pessoa do soberano. Realizávamos então, espanhóis e portugueses, um sistema governativo, de que só acho exemplo aproximado na recente monarquia dualista dos Habsburgos para com a Áustria e a Hungria. Insurjo-me, em nome da verdade e da história, contra o falso patriotismo que considera como perda da autonomia a perda do nosso rei natural! Sem dúvida que a nacionalidade atravessou uma crise que bem poderia ser de morte, mais pela nossa decomposição interna, do que pròpriamente pela chamada opressão estrangeira. Mas, se considerarmos o sulco inapagável que durante o parêntesis filipino deixamos na sociedade e na literatura espanhola, verificaremos com desassombrada esperança de que não só não éramos assimiláveis, mas que influíamos poderosamente no génio do povo-irmão, que parecia ocultar-nos e absorver-nos na sua sombra gigantesca.

Pondo de parte o evidente ressentimento que transparece nas suas reflexões, nada fotografa melhor, — se a aplicação do têrmo é permitida! —, o regime em que vivemos para com o govêrno central de Madride de que a passagem seguinte do eminente Saavedra Fajardo, contemporâneo da nossa ruptura:

Digitized by Google

— «*No deben desdeñarse los portugueses de que se junte aquella corona con la de Castilla, que de ella salió como Condado y vuelve a ella como Reino; y no a incorporarse y mezclarse con ella, sino a florecer a su lado, sin que se pueda decir que tiene Rey extrangero, sino proprio, pues no por conquista, sino por sucesión... poseia el Reino y lo governaba con sus mismas leyes, estilos y lenguages, no como castellanos, sino como portugueses. Y aunque tenia su residencia en Madrid, resplandecia su Magestad en Lisboa. No se veian en los escudos y sellos de Portugal, ni en sus flotas y Armadas, el Léon y Castillo sino las Quinas... No se daban sus premios y dignidades a extrangeros sino solamente a los naturales, y éstos gozaban también de los de Castilla y de toda la Monarquia, favorecidos con la grandeza, con las encomiendas y puestos mayores de ella, estando en sus manos las armas de mar y tierra y el gobierno de las provincias más principales.*»

Efectivamente assim foi. Nas côrtes de Tomar, Filipe II, que tinha atrás de si um exército aguerrido, preferiu apresentar-se a jurar os nossos foros, privilégios e mais franquias. Atendendo a tudo e a todos, com um visível propósito de atenuar quanto possível a mágoa dos portugueses em se verem privados do rei natural, Filipe desce até aos pormenores do vestuário, como êle mesmo o confessa, na mais chã das singelezas na sua famosa Correspondência para as filhas, publicada por Gachard. Diz êle: — «*Y ya habréis*

Digitized by Google

*savido como me quieren hazer vestir de brocado, muy contra my voluntad, mas dicen qu'es la costumbre de acá.»* O procedimento de Filipe para connosco, tão transparente e léal nas páginas da história insuspeita, definiu-o Cánovas del Castillo no seu unitarismo inconsolável, ao exclamar «*que para decir la verdad entera, no solamente es falso que fuese en Portugal tirano Felipe II, sino que ni siquiera mereció allí el título que en general merece de Prudente*».

Referia-se Cánovas a Alexando Brandano e à sua *storia della guerra de Portugallo succedente per l'occasione della separazione di quel Regno della Corona Catholica* (Veneza, 1689). Brandano vinha de origem portuguesa, como o seu apelido indica, e escrevia a favor da casa de Bragança. Isso não o impediu de salientar sempre o respeito que Filipe II guardou para Portugal e para com a casa de Bragança. Comenta com amargurada lógica Cánovas del Castillo: — «*Pero eran con tal evidencia excesivas las concessiones hechas en las Cortes de Thomar, que el primero* (o citado Brandano) *confesaba, que habrían rebajado, estrictamente cumplidas, el poder Real hasta el punto de dejarlo reducido al nombre y la apariencia, sin verdadera substancia; como que se comprometió, entre otras cosas, Felipe II á excluir á todos los que no fueren portugueses de las dignidades eclesiásticas, gobiernos civiles, ejercito e fortalezas, sin poder confiar siquiera el virreinato*

Digitized by Google

*sino á persona Real. Por todo lo cual, concluye el historiador, que no debia esperar el Rey Católico la conservacion de aquel reino, ni más que insignificantes provechos mientras lo conservase; pues que, además de lo expuesto, consumia todas sus rentas el pago de las milicias, y de las escuadras, continuamente en el mar, para defensa y comodidad del comercio portugués, asi como la sustentación de los funcionarios de la Real Casa de Lisboa, que se conservó asi mismo como estaba. Brandano, ardiente enemigo de España, que, si confesó la verdad, no hubo de confesarla sino á pesar suyo, pretendió que generosidad tamaña se explicaba tan sólo suponiendo el oculto propósito en Felipe II de no cumplir nada de lo prometido, que era de lo que se acusaba precisamente a su nieto, aunque no con mucha más razón. En buena lógica debió inferir que aquel Rey que, depués de allanado Portugal en gran parte por fuerza, otorgó, a la cabeza de un ejército triunfante, y sin peligro alguno exterior que por de pronto lo amenazara, tan exorbitantes privilégios, y cumplió religiosamente lo prometido durante su vida, protegiendo y aun engrandeciendo á una Casa que con más á menos vigor le habia disputado el Trono, en vez de echarla del Reino, era el menos mal intencionado y tiránico que han conocido los siglos.»*

Quem quiser, na realidade, seguir de perto, e sôbre dados extraídos do copioso arquivo de Simancas, a marcha do advento de Filipe ao trono de

Digitized by Google

Portugal, basta-lhe percorrer com atenção o esplêndido trabalho de Danvila y Burguero, *Don Cristobal de Moura, primer marqués de Castel Rodrigo* (1538-1613). Honra a erudição peninsular o citado estudo e o leitor português que deseja com desassombro formar o seu juízo àcêrca de tão contraditório período, como foi o da discussão da herança de el-rei D. Sebastião, encontra ali matéria suficiente para se esclarecer.

A fatalidade da nossa fraqueza levava-nos a não podermos resistir com sucesso ao pêso das armas espanholas. Depois, as pretensões tanto de D. António, prior do Crato, como da duquesa D. Catarina, não eram acompanhadas de suficiente vigor e adesões, de maneira a evitar-nos o desastre sem remédio duma conquista à mão armada. O Prior do Crato, que uma história romanesca procura vestir das linhas grandiosas de Caudilho nacional, — dum como que segundo Mestre de Avis, não passava dum aventureiro sem escrúpulos, seguido em grande parte pelos judeus, a cuja grei pertencia por costela materna, e por tudo quanto havia de duvidoso na sociedade portuguesa. No mencionado estudo de Danvila y Burguero a fisionomia moral de D. António fica suficientemente iluminada. Não se vendeu a Filipe, porque, subindo sempre de ambição, ia subindo sempre de preço. A sua índole, — a natureza dos seus sentimentos, mostrava-se de tal modo que, tendo sido seu mestre o virtuoso D. Frei Barto-

Digitized by Google

lomeu dos Mártires, nós sabemos com que afinco o prelado se opôs a que o proclamassem rei em Braga, — na sua cidade arqui-episcopal. De resto, já Rebêlo da Silva, sem maior conhecimento da documentação existente nos fundos diplomáticos do país vizinho, nos deixa entrever a doblez do bastardo do infante D. Luís.

Mas que estranha e dolorosa no meio de todo êsse torvelinho trágico a figura do pobre cardeal D. Henrique! Apresenta-no-lo Danvila y Burguero, com convincente abundância de factos, como havendo sido êle o chefe do partido anti-espanhol durante a menoridade de D. Sebastião e a regência de sua avó D. Catarina de Áustria.

Cingindo mais tarde a coroa por uma catástrofe sem igual na nossa história, o Cardeal-Rei sufocou a sua preferência pela duquesa D. Catarina, olhando à desgraça em que Portugal se encontrava, totalmente incapacitado de resistência diante do colosso espanhol. À roda dum trono prestes a vagar, fervia a intriga, enquanto a miséria aumentava no Estado e na colectividade. «*En efecto,* — escreve *Danvila y Burguero* —, *la situación del Reino tornábase por demás lastimosa. La peste hacia tales estragos en Lisboa y en sus inmediaciónes, que obligaran el próprio Felipe II a tomar sérias medidas para impedir la propagación em España; la anarquia iba generalizándo-se y la miséria del Reino era tan grande, que apurado el mismo Monarca por sus*

Digitized by Google

*gastos, no obstante su fama de parsimonia, rayasa en la avaricia, se veio obligado ávender con gran secreto un magnifico hilo de perlas de las alhajas de la corona para subvenir à las necessidades de su casa...»* É então que o bispo Jerónimo Osório ergue a voz autorizada, numa carta célebre aos seus compatriotas. Comenta e resume-a Danvila y Burgero nos seguintes têrmos: —«*Observando que el pais, sin jefes, apenas podria levantar en algunas partes una resistencia tumultuosa y casual, defensa vana contra los aguerridos tercios castellanos, el erudito escritor preferia la obediencia espontanea del Reino à la capitulación supuesta, y la concordia amistosa à lá efusión de sangre, que estaba obligado à detestar como Cristiano y à temer como politico, puesto que, desconfiando del êxito, sólo veia en la lucha una provocación inútil contra el poderio del Rey Catolico.*» Compreende-se já o que seria a aproximação da tormenta, com a morte iminente do Cardeal e a fúria dos diversos partidos corrompendo e malquistando tudo e todos.

«*El desorden y la confusión adquirian proporciones alarmantes fuera de Palacio; D. António, que algunos dias atrás dirigiera una carta à las Cortes representándoles su derecho, en vista de la buena acogida que su insolente acto* (D. Henrique ainda vivia) *hallara en los representantes de las ciudades, trasladóse á Santarem para tratar con los Procuradores que le levantasen por Rey; el*

Digitized by Google

*duque de Bragança procuraba lo mismo, valiéndose de toda clase de personas, sin pensar nadie en la razòn, en la justicia ni en el orden publico, porque a ninguno de ellos se le ocurria que pudiera existir la necessidad de defenderse, no teniendo delante de sus ojos más que la idéa de la rebelión.*» Entretanto o Cardeal-Rei entrava nos estremeções da agonia, com as paixões à sua volta, perturbando-lhe a paz do arranco final.

Mal a vida se lhe extinguiu, o torpel dos vivos cresceu de violência. Em Portugal, essa hora de alucinação colectiva não achou ainda o seu verdadeiro historiador. Subscrevemos o juízo que a Danvila y Burguero merece a História de Rebêlo da Silva, quando êle o acusa de se se haver guiado «*unicamente por autores como Conestagio y Herrera... descuidando la rectificación de aquellas afirmaciones con documentos inéditos y originales custodiados en su patria ó en el castillo de Simancas.*» Reputo mesmo um vastíssimo serviço prestado ao futuro de Portugal a revisão escrupulosa de tão acidentada época histórica. Ela nos manterá, por um lado, na fé imperecedora de que a raça portuguesa se retempera e redime na desgraça e, por outro, na certeza não menos fortificante de que de forma alguma caímos no cativeiro ou na escravidão, ao transitar para as mãos da dinastia filipina o cetro de Afonso Henriques. Se perdíamos «rei natural», a culpa não era só da ambição de Filipe. Colhiam-se

Digitized by Google

as conseqüências da política peninsular da casa de Avis, que, em seguida à nossa consolidação em Aljubarrota, sonhou com a coroa unida de Portugal e Castela. Fala-se a todo o momento dum «perigo espanhol». Mas ninguém se lembra de que houve também para com Castela, um «perigo português»!

O exemplo mais frisante dêsse perigo está nas pretensões do nosso D. Afonso V, como desposado de sua sobrinha, a infeliz «Excelente-Senhora». Já antes, e na nossa primeira dinastia, o mesmo perigo se afirmara, sobretudo, durante as discórdias que movimentaram o reinado de Pedro o Cru, — de Castela. O resultado foi a morte de Inês de Castro, executada, como instrumento das maquinações dos nobres castelhanos junto do nosso príncipe herdeiro, seu amante. No mesmo rasto se encaminha a desgraçada política de expansão do caluniado D. Fernando. Mas é só, verdadeiramente, com a dinastia joanina que o êxito parece sorrir à febre anexadora dos nossos monarcas.

Repara a tal respeito Cánovas del Castillo, salientando o gôsto que na nação portuguesa encontraram os propósitos de D. Afonso V: — «*No consta que à la unión personal de Portugal con Castilla se opusiesen más que dos magnates, uno de ellos por cierto el que era duque de Braganza, y otro el arzobispo de Lisboa.*». O falecido historiador espanhol, ilustre braço direito da restauração dos Bourbons, assinala com exactidão o carácter das nossas

Digitized by Google

pretensões perante Castela, ao falar em «*unión personal*». Efectivamente, tanto com D. Fernando, por ocasião do casamento de sua filha D. Beatriz, estipulando no contrato ante-nupcial que Portugal fôsse sempre «*reyno sobre si*», como mais tarde com D. Manuel, ao ser jurado herdeiro dos Reis-Católicos seu filho, o príncipe D. Miguel da Paz, a independência institucional dos dois povos viu-se absolutamente garantida nas medidas de antemão determinadas. A política de «união-pessoal» —, tal como em nossos dias se verificava em relação ao império austro-húngaro —, foi assim um plano congeminado no espírito dos soberanos portugueses, a que D. João II, principalmente, dediçou um dos empenhos mais afervorados da sua profunda capacidade de homem de Estado. Desfez-lhe a morte o grande sonho nos areais inclementes do Tejo. E se Filipe II se senta depois debaixo do docel dos descendentes do Mestre de Avis, senta-se por essas mesmas circunstâncias e como sucessor êle próprio do vencedor de Aljubarrota.

Os cuidados de Filipe, ao entrar em Portugal o exército comandado pelo duque de Alba, revelaram-se com tanta minúcia e rigor na proïbição de saques e escusadas violências, que um dos seus capitães exclamava com graça que se ganhava o reino de Portugal como se ganha o dos céus, «*ayunando a pan y agua*». Ninguém, de resto, queria a guerra. Os lavradores, no Alentejo, antepunham-

Digitized by Google

-lhe as preocupações da colheita. «*Lo mismo escriuen de Evora y toda la tierra está desta m.ª mas con rata gana de coger sus trigos.*» Os Braganças, mais ajuïzados, decidem compor-se com Filipe. «*Ofreciendo le renunciar a su derecho en cambio de partidos ventajosos, proposición que admitió en principio Felipe II, aunque no sin reprochar a los Duques su anterior conducta.*» Quando dêste modo transigiam aquêles que, no parecer de Jean de Vivonne, (1) eram os únicos capazes de levantar barreira ao avanço de Filipe, como é que a resistência nacional se atearia, desde que não encontrava eco nem no povo, nem nas camadas dirigentes?

Entrou, por fim, Filipe, depois de aplanadas as insurreições locais, a que, — justiça lhe seja feita! —, presidiu o ânimo revôlto do Prior do Crato. E apresentando-se em Tomar a ser jurado em Côrtes, «*llegó su cuidado, no sólo á excluir de la cerimonia á todos los nobles castellanos, sino a prohibir a mismo Archiduque Alberto, su sobrino, que ocupara un lugar en la sala*». Empenhou-se depois Filipe em mostrar que as rápidas campanhas levadas a efeito pelo duque de Alba e por Sancho de Ávila, não haviam sido de conquista, «*sino de defensa contra un subdito rebelde*». Preguntando por Camões,

---

(1) Vicomte Guy de Bremond d'Ars, *Le père de Madame de Rambouillet.* Jean de Vivonne, *Sa vie et ses ambassades*, Paris.

Digitized by Google

já falecido, concede à mãe do Épico a tença que êle recebia. Em Lisboa aclamam-no com alvorôço, sendo freqüente ouvir-se exclamar: — «que rei tão mal empregado nos castelhanos!» As regateiras, então, agrupadas em massa, declararam-lhe solenemente por intermédio de uma que se adiantou «*que todas ellas recibian y juraban à S. M. por Rey e Señor, en tanto que no volvia el Rey D. Sebastián, pero que volviendo entendian que se habia de ir con Dios y dejar el Reino*». Filipe, ouvindo-as, apesar de sua gravidade e compostura, não conseguiu retrair o riso.

Fôsse qual fôsse o pensamento oculto de Filipe, o que é certo é que a sua política se manteve através do reinado dos seus sucessores. Para nos confirmar essa idéia, basta examinarmos as «*Instrucciones dadas por Felipe IV en Noviembre de 1634 á la princesa Margarita para el gobierno de Portugal* (vid. Cánovas del Castillo, *Estudios del reinado de Felipe IV*, tom. I). Diz Filipe à duquesa de Mântua, que a revolução de 1640 surpreenderia em Lisboa no exercício do seu mandato de vice-rainha: — «*Señora prima: Por la instrucción que os dará por mi Consejo de Portugal, se os advierte todo lo que por aquella via puede dar mayor luz para que en el gobierno de aquel Reino entréis con tales noticias que los aciertos sean más seguros*, etc., etc.» Pela transcrição se verifica como subsistia o tratamento de Reino reconhecido a Portugal por

Digitized by Google

Filipe II e a sua autonomia em tudo desde o político ao administrativo. No seu memorando a Margarida de Parma, uma das preocupações de Filipe IV é ver se a vice-rainha obtém que Portugal consigne «*rente fija para la recuperación y conservación del Brasil*». Por aqui se observa a profunda razão com que o doutor Fernández de Navarrete assegurava a Filipe III no seu famoso memorial. *La conservación de las Monarquias, «que si Roma esquilmaba à las provincias y se enriquecia á costa de ellas, Castilla habia hecho todo lo contrário, y ella sola sustentaba todo el presupuesto de la Casa Real y las Armadas de Aragón»*. Não só as armadas do Aragão, mas também as armadas de Portugal e a manutenção dos seus domínios ultramarinos. Êsse caso do Brasil é, sobremaneira, típico. Mas que o nosso comentário se substitua pelo comentário mais autorizado dum ilustre historiador brasileiro, — o senhor Oliveira Lima.

No ensaio *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, conta-nos Oliveira Lima, a propósito da luta com os holandeses em terras de Santa-Cruz: — «Dois anos antes, ainda não sendo de regresso D. António de Oquendo, ordenara Filipe IV o armamento em Portugal de uma nova esquadra destinada à defesa do Brasil, e renovara essa ordem quando voltou o almirante espanhol; oferecendo para os gastos da sua própria e desfalcada fazenda, quinhentos mil cruzados anuais. Outro tanto de renda fixa,

Digitized by Google

recomendava o monarca que se obtivesse por meio do estanco do sal, extensivo ao Brasil, e de um empréstimo. Da sugada Lisboa porém, onde já assomavam veleidades de rebeldia, fizeram-lhe por tal forma ouvidos de mercador, provàvelmente também porque na carta régia se mandavam suspender na quarta parte tôdas as tenças e rendas da coroa, comendas e mercês redituais, feitas pelos soberanos, as quais, diz o historiador Rebêlo da Silva, absorviam o melhor dos rendimentos públicos, que em Setembro de 1633 Filipe IV se via obrigado a escrever uma nova carta a tôdas as câmaras municipais. Neste documento, publicado por Varnhagen nas suas *Lutas dos Hollandezes no Brazil,* o rei tão fàcilmente apelidado de inepto e desdenhoso das coisas públicas, declara aplicar todos os anos para o apresto das armadas portuguesas um milhão de rendas castelhanas; pedindo que algum sacrifício também fizesse Portugal pelas suas colónias, reünindo-se adrede procuradores das cidades e vila de Santarém, do clero e da nobreza. Contudo nem soldados nem dinheiro acudiram às suas instantes solicitações, nas quais os portugueses diziam ter perdido tôda a confiança, apesar de elas serem portadoras de vantagens e facilidades, e os holandeses puderam prosseguir as suas tentativas, quási sempre venturosas.»

Sugere-se daqui nitidamente a separação que existia entre os dois governos,— o de Portugal e o de Castela, carregando em cima do último todo o pêso



Digitized by Google

violentíssimo da monarquia dos Áustrias. Índice perfeito da situação de Portugal dentro dêsse vasto conglomerado político, encontramos nós num curioso folheto, — *Tratado sôbre a precedência do reino de Portugal ao reino de Nápoles,* composto por Frei Bernardo de Braga, monge de São-Bento, dado à estampa em 1843 por Albano Antero da Silveira Pinto. A justificação histórica, tal como a concebiam os contemporâneos do dualismo estadual em que Portugal se ligava a Castela, assume no aludido folheto aspectos curiosos. É uma influência manifesta das teorias de Frei Bernardo de Brito que tamanha influência exerceram depois, no Portugal-Restaurado.

Sendo, afinal, tão ténue o vínculo que nos prendia a Madride, percebe-se a facilidade com que o rompemos, mal o Conde-Duque intentou integrar-nos no corpo e no interêsse da nacionalidade castelhana. Oiçamos ainda o testemunho sempre insuspeito de Oliveira Lima: «Cánovas del Castillo teve a nobre coragem de no seu livro *(Estudios del reinado de Felipe IV)* reabilitar Olivares, não daquelas estúpidas acusações da plebe, mas de calúnias mais sérias. O Conde-Duque aparece-nos aí fascinado por um ideal, o da centralização política da Espanha, então como ainda hoje, um agregado de reinos diferentes nas tradições, nos costumes e nas tendências, mal amalgamados naquele tempo pelas dificuldades de comunicações e pelas rivalidades sempre fumegantes,

Digitized by Google

mas cujo espírito nacional êle queria a todo o transe criar. No *Nicandro*, espécie de manifesto muito provàvelmente da lavra de Olivares, e publicado depois da sua queda, se diz que o contrato existente entre as partes do todo peninsular era *ajeno de la sociedad humana y desigual*. Com efeito, Castela, a sede da monarquia, devia defesa aos outros reinos, enquanto que êstes não tinham obrigação de ampará-la em qualquer invasão, antes salientavam a desunião ao menor revés das armas espanholas. A missão era portanto difícil, muito superior à do seu grande inimigo Richelieu, de abater os restos do feudalismo que a férrea mão de Luís XI não havia estrangulado. Ao passo que em França, além dos nobres, apenas a burguesia parlamentar, um tanto particularista, se contrapunha ao cardeal, tibiamente, com excepção de Bretanha, pouco antes anexada. Olivares tinha que arcar com estados ciosos da sua independência secular, e com uma plebe que, fora de Castela e pronunciadamente em Portugal, era inteiramente dedicada à fidalguia, por quanto a ausência do feudalismo obstara à formação de ódios inveterados de classes.»

Da opinião de Cánovas del Castillo e de Oliveira Lima, o publicista e hispanófilo inglês Martin Hume justifica-nos assim a sua tese na curiosíssima conferência, *La politica centralizadora del Conde-Duque*, proferida no Ateneu de Madride em 27 de Outubro de 1907: — «*Miró á través de los Piri-*

Digitized by Google

*neos, y vió al gran rival de su patria fuerte y sólido, próspero y unido bajo el cetro de su Rey. Ya no se hablaba de normandos, ni bretones, ni tolosanos, ni angevinos. Todos eran franceses, y el Rey de Francia fué dueño de sus bolsas y sus cuerpos. Bien sabia Olivares que en una lucha con una nación unida como Francia, la desunida España, con sus rencores locales y recelos provinciales figuraria con desventaja, y pensó hacer á España grande y poderosa, hollando bajo sus piés los sentimientos más queridos y las tradiciones más arraigadas de una gran parte del pueblo. En el importante documento, frecuentemente citado, que presentó el Conde-Duque al Rey en los primeros dias de su reinado, dice asi: — Tenga V. M. por el negocio más importante de su Monarquia el hacerse Rey de España. Quiero decir, Señor, que no se contente V. M. con ser Rey de Portugal, de Aragón, de Valencia, Conde de Barcelona, sino trabaje y piense, con consejo maduro y secreto, por reducir estos reinos de que se compone España al estilo y leys de Castilla, sin ninguna diferencia...»*

Tal foi o plano de Olivares: — traduzir no mesmo sentimento político e territorial o sentimento religioso que até então acolchetara entre si as diversas nacionalidades peninsulares. Espécie de Bismarck do século XVII, o Conde-Duque fracassou porque não se modificam dum traço as estratificações seculares da história. Portugal, mais que ninguém, soltou logo o

Digitized by Google

grito de rebeldia, desobrigando-se do vínculo constitucional que o enlaçava a Castela. Saüdoso do seu «rei natural», a êle voltava na pessoa do duque D. João II de Bragança. É esta a génese da revolução de 1640, — e de modo nenhum a declamada escravidão que a retórica romântica entendeu por bem confabular para os seus gastos folhetinescos.

Já no crepúsculo, a idéia universal de Cristandade recebia com a separação de Portugal o seu golpe de morte. Baseada no consenso unânime de «*Republica-Cristiana*», a Europa vivera em sociedade internacional, debaixo do patrocínio augusto de Roma, até que o cisma de Lutero rasgou sacrilegamente a túnica sem costura de Jesus. Embora dentro do grémio da Igreja, a França alia-se ao Turco contra Carlos V, pondo em ameaça os destinos da fé e da civilização. Conjugada por parentesco e identidade de vistas políticas aos desígnios do império austríaco, a Espanha filipina assume então na Europa o papel grandioso de refazer a Cristandade despedaçada. Êsse altíssimo ideal que inflama as estrofes sonoras de Camões, leva D. Sebastião a perder a vida no torvelinho anónimo duma batalha e Filipe II a provocar os ódios dos séculos futuros, — séculos racionalistas e incrédulos, incapazes de abranger o pensamento soberano do solitário do Escurial.

Mas o individualismo ia vencer tanto no instinto das nações como nas directrizes dos Estados. En-

Digitized by Google

quanto o sábio paralelismo peninsular da centúria de Quinhentos se manteve de pé afiançado pela colaboração espontânea dos dois reinos amigos, a vocação da Península no mundo pôde cumprir-se. Agora que as duas metades se voltavam em adversárias irreconciliáveis, a Península teria que sucumbir necessàriamente à conspiração que a Europa inteira urdia contra ela. Outro não é o sentido patético de *D. Quijote*, batendo-se dramàticamente por sonhos e aspirações que ninguém já quere, — que ninguém já entende! O desastre consuma-se por fim em Westphalia. Ali o Papado, como pacificadora fôrça de coordenação política, desaparece por completo na sombra. Com êle desaparece a Espanha, como potência europeia, — como braço direito da Igreja. O conceito espiritual de Cristandade vê-se substituído pelo egoísmo nacionalista de cada Estado e, à falta dos soberanos ditames com que o Pontífice intervinha outrora nas contendas fratricidas dos povos e dos monarcas, o direito do mais forte insculpe-se na arena das batalhas como última *ratio regum*. Separados da Espanha, e agora num duelo irreparável, nós contribuímos não pouco para o desastre total de Westphalia. Mas o imperialismo do Conde-Duque, lógico sob o aspecto do castelhano, impelira-nos para o único caminho em que a nossa salvação, como pátria, se tornava possível.

Costuma-se atribuir aos Jesuítas a frouxidão de intenções nacionalistas com que nos saímos do longo

Digitized by Google

e sangrento debate em que por mais de vinte anos defendêramos os sagrados títulos da nossa independência. Realmente impressiona que concluísse em poeira morta a magnífica primavera que o arranco da Restauração despertou em nós, — nos virtudes adormecidas da raça. Na verdade, não fôra debalde que, segundo o latim polido da inscrição de Vila-Viçosa, o Encoberto, — *Rex Latens* —, se revelara, tomando o nome de João. Embora desacreditado, o nosso século XVII é um grande século! Desacostumados das exigências de Estado autónomo, nós já vimos como em D. João IV se improvisa um chefe dotado de qualidades superiores. Da mesma forma, à sua volta surge, como por encanto, um viveiro numeroso e diligente de diplomatas e de generais. A Restauração, conquanto no dizer de Garrett, viesse melancólica e ascética, marca indubitàvelmente uma «restauração» da alma portuguesa. Nada melhor o prova de que o sentido orgânico de que o Sebastianismo se reveste nesse raro momento de condensação nacionalista, desde as camadas mais humildes do povo aos seus cumes doirados, em palácio.

Tocar em semelhante tema é, sem receio de contestação, tocar no valor do Sebastianismo, como fonte de energia, mas de energia positiva, na dinâmica da alma nacional. A Restauração só por si demonstra-nos quanto a crença sebástica, aliando, por uma filosofia experimental de alta transcendência,

Digitized by Google

o Sonho à Acção, constitui, depois da nossa estrutura católica, o fundamento mais sólido do génio da Grey. Enganam-se os que a interpretam como um ínfimo rescaldo de judaísmo, crepitando às cegas num fundo estigmatizante de superstição. Nada de hebraico existe no Sebastianismo, senão o sentimento bíblico que naturalmente o inspira e que é de boa derivação cristã. Com a sua rara acuïdade crítica, Menéndez y Pelayo atingia o nó central do problema, ao observar na sua *Historia de la poesia castellana en la Edad Media:* — «*No es vana la antigua tradición que pone en Portugal ó en Galicia la cuna del Amadis y de la mayor parte de los primitivos libros de caballerias, derivación muy libre y muy españolisada de los contos galeses y armoricanos. Alli debieron nacer, por la misma ley de misterioso atavismo céltico que llevó á los portugueses á la conquista del Mar Tenebroso, fascinados por el espejismo de las islas encantadas y de la leyenda de San Brandam, y que á través de los siglos renueva hasta en sus minimos pormenores el mesianismo del Rey Artus,* rex quondam resque futurus, *en la esperanza nunca desfallecida y siempre renaciente, de los que todavia aguardan en dia de niebla por la foz del Tajo al Rey Don Sebastian, redentor de su raza y fundador del sexto império apocalyptico.*»

Não traçaremos aqui a genealogia emaranhada do Encoberto. Mas não deixemos de assinalar que

Digitized by Google

Menéndez y Pelayo focava bem a questão relacionando-a com o nosso *substractum* étnico. Para lá, e muito para lá de Artur, está o Saturno das lendas proto-históricas do Ocidente, de que Martins Sarmento se ocupa com largueza em *Os Argonautas*. Aí a origem longínqua do Sebastianismo, que a mística do Cristianismo depuraria, conferindo-lhe mais coesão e ideal. Sinal assim da enraïzada autoctonia do Lusitano, encontra a sua tipificação histórica em D. Sebastião. E se nos recordarmos agora da significação social dos Mitos, como Georges Sorel a concebe na sua conhecida teoria, abrangeremos por completo o alcance e a influência do Sebastianismo ao longo da nossa história.

Não é de maneira alguma depressiva essa influência, — ao contrário do que imagina o criticismo de certos racionalistas encartados. A prova, — insistimos —, têmo-la na Restauração e no século que no-la enquadrou. Repito: — século severo, mas grande século! Não nos é lícito, por isso, encarar o Sebastianismo, que inflama a íntima fé nacionalista da côrte de D. João IV, como um sintoma de mentalidade caída e estagnada.

Desde que nos recordemos que em manifestos de responsabilidade, como a *Lusitânia liberata*, de António de Sousa de Macedo, rutilam os clarões da estranha auréola sebástica, decerto que se apossa logo de nós uma outra compreensão do assunto. Os nossos doutores e panfletários da Restauração são na Eu-

Digitized by Google

ropa os precursores das modernas doutrinas nacionalistas, tão vigorosamente sustentadas por êles, que de Suarez e mais comentadores da Contra-Reforma haviam recebido o conceito tomista do «pacto». Só por êste aspecto, o século XVII é o século para cujo estudo eu chamo a atenção dos que pensam. E se dentro da mesma cuidadosa atenção, se meditarem as teses de frei Bernardo de Brito na *Monarquia Lusitana* e as fraudes piíssimas dos monges de Alcobaça, sentir-se-á que uma intensa e apaixonada germinação levantava o Portugal-restaurado, — e graças à labareda renovadora do Sebastianismo, de que a inscrição de Vila-Viçosa nos entrega a chave lógica, — àquelas altas e distantes cumiadas em que florescêramos, para bem da civilização, durante a centúria admirável de Quinhentos.

Porque se esterilizou então o esfôrço que parecia restituir-nos o antigo e perdido primado dos «barões assinalados» do Épico? Pelo motivo de que, dissolvido o conceito internacional de Cristandade, nós nos sumíamos na sombra, envoltos no mesmo destino em que a Espanha se afundia, esmagada. As razões da civilização pertenciam, em patriotismo comum às duas gloriosas pátrias peninsulares.

Eclipsadas na sua radiação pelo vento da Reforma que em Westphalia ditara o novo direito internacional, começava o parêntesis funesto, cujo têrmo só agora se entra a avistar. Conseqüência das causas externas que a partir da insurreição de

Digitized by Google

Lutero enfraquecera e diminuíra o prestígio do Pontificado, a Península, — pobre D. Quixote, apedrejado pelos galeotes que desacorrentara! — tombava no arrastado obscurecimento donde tanto tardará a sair. Dividida, para mais, por uma luta fratricida, o seu declive irremediável, apressava-se com gáudio e aplauso da Europa protestantizada. Colhiam-se os frutos de se haver trocado pela quimera insensata da monarquia-ecuménica o prudente e fecundo paralelismo em que Portugal e Castela sàbiamente viveram no formidável labor apostólico do século XVI!

Que lição, a de tudo o que ponderamos, num simples enunciar de temas e de directrizes! É que 1640 não representa nem deve representar uma causa de ódio ou de reivindita contra a Espanha. Ao mesmo tempo que nos ensina a ter confiança nas qualidades criadoras da Raça, aponta-nos o caminho a seguir nas relações peninsulares. Corrigenda sanguinolenta ao êrro político cometido pela aspiração imperialista tanto da casa de Áustria, como, mais atrás, da casa de Avis, fortifica-nos na convicção que a unidade da Península é uma *unidade espiritual*, garantida pela acção concorde de duas soberanias políticas, — a espanhola e a portuguesa. Que fomos nós, a partir da Restauração, muito embora o mistério do Encoberto se houvesse revelado e se chamasse Portugal-Restaurado? Fomos pelo mesmo conjunto de circunstâncias porque a Espanha nada foi também. Porque, divorciados da

Digitized by Google

obra grandiosa que realizáramos ombro a ombro pelos quatro cantos da Terra, nem já nos elevava acima das dissídias mútuas a idéia qne nos *Lusíadas* palpitava: — nos *Lusíadas*, como bem o marcou Oliveira Martins, «testamento de Espanha», mas duma Espanha que, sendo a camoniana, tanto era Castela como Portugal. Ressurgem hoje do conflito trágico das Nações os lineamentos esquecidos do *Hispanismo*, despertados pela voz juvenil da América maravilhosa.

Congracemo-nos, ajoelhados diante da lembrança das desgraças e pecados recíprocos. O Encoberto, corporizado no milagre sempre vivo de Restauração, é o Encoberto do Quinto-Império pacífico de Espanha e Portugal, fundadores de nacionalidades, pioneiros da única civilização possível. E se ao abraço reconciliatório o demoram ainda susceptibilidades dolorosas, decida-nos, por nosso lado, a memória de D. Luísa de Gusmão, que sendo uma Medina-Sidónia, nem por isso deixou de ser um dos obreiros mais eficazes do Portugal-Restaurado!

(1922).

Digitized by Google

# APÊNDICE

## AMIZADE PENINSULAR

Digitized by Google

Digitized by Google

# AMIZADE PENINSULAR

CAMINHAM no melhor dos terrenos os nossos propósitos de aproximação peninsular. As «direitas» dos dois países, que o sejam verdadeiramente por afinidade e por doutrina, não tardarão a encontrar-se numa grande festa comum, — alicerce para outros empreendimentos de mais larga significação. A data fixada será o centenário de Magalhães, já oficialmente decretado pelo govêrno espanhol.

Circunstância notável para se assinalar é a de pertencer hoje a um integralista ilustre a representação do nome e do sangue de Fernão de Magalhães — o heróico e tão caluniado português que, embora ao serviço de Carlos V, tão altos serviços prestou aos destinos da civilização e da Cristandade. Membro hoje da Junta Central do Integralismo Lusitano, o conde de Vilas-Boas sentir-se-á certamente satisfeito ao saber que é à roda da memória do seu glorioso ascendente que, numa espécie de reabilitação póstuma se dará êsse extraordinário passo.

Digitized by Google

Não lhe faltará ambiente favorável, — atmosfera entusiástica. Ainda últimamente os minutos de palestra oferecidos no Hotel Ritz, em Madride, a alguns dos nossos mais queridos amigos exilados, pelo senhor marquês de Quintanar, prova bem como avança seguro do mais absoluto êxito, um intento nosso que é de meses apenas.

O senhor marquês de Quintanar, — gentilhomem de raça e de espirito, acaba de publicar, em volume, com uma significativa carta do conde de Romanones, os seus conhecidos e belos artigos sôbre *Portugal y el hispanismo*. Não se esqueceu a sensação que produziram as suas revelações àcêrca do procedimento do antigo rei de Portugal durante a insurreição de 1919. Pois acrescenta-lhes agora um comentário, bastante para meditar nas suas reticências, a carta do conde de Romanones. Mas nós falávamos da tarde oferecida no Ritz a alguns dos nossos amigos emigrados. Como se não tratava dum ágape de evidente internacionalismo maçónico, os jornais portugueses não lhe dispensaram a mínima referência, apesar do eco minucioso que encontrou aqui, na imprensa, desde uma extrema à outra — do *A B C* a *El Sol*, da *Epoca* ao *Heraldo*. A *Tribuna* inseriu até uma interessante fotografia, que há-de ficar como documento precioso para o esfôrço que o senhor marquês de Quintanar está desenvolvendo à volta das campanhas peninsularistas do Integralismo.

Reünindo à hora do chá no Ritz bastantes per-

Digitized by Google

sonalidades em destaque no meio literário madrileno, o pensamento do senhor marquês de Quintanar apresenta-se claramente no seu desejo de ligar por uma mais forte comunhão de inteligências e de sensibilidades aquêles a quem o amor conjunto da Espanha e de Portugal já tornava irmãos mesmo antes de se conhecerem.

Fixemos o facto, — sobretudo no momento em que uma mercenária das letras, — uma tal senhora Colombina se intitula em Lisboa embaixadora da mentalidade espanhola.

Dos nossos amigos, a convite do senhor marquês de Quintanar, estiveram no chá do Ritz, Luís de Almeida Braga, António Sardinha e Vasco de Mendonça, não permitindo o luto recente do dr. Alberto de Monsaraz que assistisse a tão delicada e inolvidável festa. Mais dois portugueses, — o dr. Álvaro dos Reis Torgal e Constantino Sotomaior, completavam a representação lusitana. Apresentou-os o senhor marquês de Quintanar aos outros convidados, entre os quais se encontravam, em primeira linha, as escritoras, condessa de Pardo Bazan e D. Branca de los Rios Sampére, sobrinha de Amador de los Rios e directora da *Raza Española*. Via-se mais na assistência o marquês de Figueiroa, membro da Academia, senador do Reino, antigo ministro da Gracia y Justicia, o marquês de Castelbrabo, que com o seu nome de família Alvaró Alcalá Galiano afirma no *A B C* tão finas e saborosas crónicas, o marquês de



Digitized by Google

Valdeglesias, director da *Epoca*, D. Vicente Sampérez, o insigne historiador da arquitectura medieval na península, José Maria Salaverria, o escritor tão querido pelo seu espanholismo incondicional, o poeta Goy da Silva, tradutor de Eugénio de Castro, André Gonzalez Blanco, tradutor de Eça de Queirós, os beneméritos editores Saturnino e Rafael Calleja, etc., etc.

Alberto Monsaraz enviou uma poesia, escrita para o acto, que saíra na *Raza Española* e que a condessa de Pardo Bazan leu atenciosìssimamente, dominando o português com inesperada soberania. Fêz-se depois a fotografia, saída na *Tribuna*.

Como indício do muito que não demorará a cristalizar em acontecimentos sonoros, a reünião do Ritz vale pelo mais belo de todos os auspícios. Bem haja o marquês de Quintanar, que tão superiormente dignifica a sua ancestralidade portuguesa! Não lhe regateemos as nossas fervorosas homenagens.

E com a boa notícia da festa que se prepara para a comemoração do centenário de Magalhães, por aqui nos suspendemos hoje, não sem aludir ao excelente artigo de Salaverria — *España y Portugal*, no *A B C* dois dias depois da reünião do Ritz.

É um depoïmento êsse que marcará no nosso itinerário uma milha a mais, pela desassombrada e justiceira condenação que a Salaverria merece o indiferentismo da quási totalidade dos espanhóis pelos portugueses, — seus meios irmãos. A Espanha culta

Digitized by Google

começa a mirar com interêsse Portugal. E o Intègralismo Lusitano pode afirmar com verdade que em semelhante capítulo a obra lhe cabe quási por completo.

(Madride, 10-V-920).

Digitized by Google

Digitized by Google

# ÍNDICE

Digitized by Google

Digitized by Google

# ÍNDICE


| | Pág. |
|---|---|
| *Nota dos Editores* | VII |
| *À lareira de Castela* | XI |
| A descoberta de Espanha | 3 |
| O exército espanhol | 17 |
| A agonia de Agatão Tinoco | 25 |
| A política espanhola | 37 |
| Crónica de Espanha | 45 |
| «Poemas castellaños» | 57 |
| A festa da raça | 77 |
| Paixão de Espanha | 83 |
| Hispanismo e latinidade | 91 |
| Portugueses e espanhóis | 105 |
| «Portugal, tierra gensor!» | 115 |
| Portugal-Restaurado | 131 |
| O génio peninsular | 143 |
| O Pan-Hispanismo | 173 |
| Madre-Hispânia | 181 |
| 1640 | 249 |
| Apêndice — Amizade peninsular | 283 |


Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL, LINS, L.DA, AVENIDA CHURCHILL, 97-3.º, SALAS 307 e 308
*RIO DE JANEIRO*

Tip. Portuguesa, Lda. — Lisboa

Digitized by Google

Digitized by Google

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED

LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below,
or on the date to which renewed. Renewals only:
Tel. No. 642-3405
Renewals may be made 4 days priod to date due.
Renewed books are subject to immediate recall.

Def. Lang. Inst.

INTER-LIBRARY
LOAN

NOV 3 1970

LD21A–60m·8,'70
(N8837s10)476—A-32

General Library
University of California
Berkeley

Digitized by Google

YB 59

Digitized by Google

Digitized by Google